

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS  
INSTITUTO DE MATEMÁTICA – INMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA –  
PPGEduMat

Silviane de Queiroz Caixeta Christian Ramos

NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUARAM NO  
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM CAMPO GRANDE-MS

Campo Grande, MS

2022

SILVIANE DE QUEIROZ CAIXETA CHRISTIAN RAMOS

NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUARAM NO  
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM CAMPO GRANDE-MS

Trabalho acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – PPGEduMat – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – *Campus* Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação Matemática.

Área de concentração: Educação Matemática.

Linha de Pesquisa e Grupo: História, Filosofia e Educação Matemática; Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva.

Campo Grande, MS

2022

Silviane de Queiroz Caixeta Christian Ramos

NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUARAM NO  
CONTEXTO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM CAMPO GRANDE-MS

Trabalho acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – PPGEduMat – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – *Campus* Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação Matemática, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva.

Área de Concentração: Educação Matemática

Campo Grande, MS, 2 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Carla Regina Mariano da Silva (Presidente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dra. Aparecida Santana de Souza Chiari

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dra. Mirian Maria Andrade Gonçalves

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR-CT

Campo Grande, MS

2022

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e aos meus pais, Jussara e Sebastião, por todo carinho, zelo e preocupação mesmo distantes.

Aos meus irmãos, irmã, cunhadas, cunhado, sobrinhos, sobrinhas e afilhadas por entenderem todas as minhas ausências.

Aos meus filhos: Luiz Fernando, Luiza Flávia e Laís Fernanda, agradeço por acreditarem em mim e pelo incentivo constante, pelas inúmeras privações de momentos em famílias.

A minha orientadora, Carla, pela paciência e motivação nos momentos que o desânimo me pegava.

A todos os professores das disciplinas obrigatórias e optativas que contribuíram com a construção do meu conhecimento. E aos colegas que de alguma forma, mesmo em contato apenas remoto, via *Google Meet*, participaram desta escrita por meio dos momentos de discussões durante as aulas.

A minha amiga Miriam que sempre me incentivou, me ajudou e esteve ao meu lado em todos os momentos. Minha maior incentivadora, encorajadora, admiradora, sempre acreditou em mim e me acalmava nos momentos de desespero.

Ao meu ex-marido pelo apoio, admiração e carinho incondicional.

A minha sogra que dedicou seus últimos anos de vida para cuidar da minha família, que cuidava de mim como filha e que se doou para que eu pudesse realizar não só esse sonho, mas muitas outras coisas em minha vida.

A mim, por não ter desistido desta escrita. Não foram dias fáceis e a escrita não era a única prioridade. Mas sempre tive em mente que iria até o fim. Fim do tempo ou do Mestrado.

Não se trata de reivindicar uma outra escola; noutra direção, trata-se de fazer uma escola outra no interior da escola mesma. Trata-se de impor, ao tempo cronológico de educação disciplinar, o tempo *aiônico* do aprender como acontecimento. Fazer a escola outra na escola mesma. (GALLO, 2015)

## RESUMO

Este texto é resultado de uma pesquisa de Mestrado em Educação Matemática que se constituiu nos anos de 2020 a 2022, em meio a um período pandêmico que nos atravessou intensamente de tal forma que parecia não fazer sentido pensar numa pesquisa que não fosse consequência da Covid-19. O que propomos neste trabalho é compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia de Covid-19, em Campo Grande, MS. Entendemos que houve a suspensão de um tempo e espaço onde se ensinava e também adaptações para prosseguir o fazer da escola. Com a suspensão das aulas presenciais, professores, alunos e famílias precisaram se adaptar a outros meios de estar na escola. A produção de dados foi realizada com professores de Matemática que atuaram em 2020 nas escolas estaduais de Campo Grande, MS. Ao todo foram cinco professores de diferentes regiões da cidade que participaram da pesquisa. Como referencial teórico-metodológico utilizamos a História Oral (HO) que tem por pressuposto a produção de narrativas por meio de entrevistas orais e a potência de escrever a história por meio de diferentes autores. Os resultados da pesquisa nos mostram que a escola aconteceu por meios tecnológicos e físicos através das Atividades Pedagógicas Complementares (APC), que houve uma adaptação das práticas docentes para atendimento a essas modalidades e que grande parte dos alunos não tiveram acesso a essa escola constituída em 2020 por falta de conectividade e realização das Atividades Pedagógicas Complementares.

Palavra-chave: Pandemia da Covid-19. Escola. Educação Matemática. História Oral.

## **ABSTRACT**

This text is the result of a master's research in Mathematics Education that was carried out between 2020 and 2022, during a pandemic period that intensely crossed us in such a way that it seemed to make no sense to think of research that was not a consequence of Covid-19. What we propose in this work is to understand the unusual ways of producing schools during the period of the Covid-19 pandemic, in Campo Grande, MS. We understand that there was a suspension of a time and space where teaching was done and adaptations to continue doing the school. With the suspension of face-to-face classes, teachers, students, and families had to adapt to other ways of being at school. Data production was conducted with Mathematics teachers who worked in 2020 in state schools in Campo Grande, MS. Altogether there were five teachers from different regions of the city who participated in the research. As a theoretical-methodological reference, we used Oral History (HO), which presupposes the production of narratives through oral interviews and the power of writing history through different authors. The results of the research show us that the school happened by technological and physical means through the Complementary Pedagogical Activities (APC), that there was an adaptation of the teaching practices to attend these modalities and that a great part of the students did not have access to this school constituted in 2020 due to lack of connectivity and implementation of Complementary Pedagogical Activities.

Keywords: Covid-19 Pandemic. School. Mathematics Education. Oral History.

## LISTAS DE SIGLAS

APC – Atividade Pedagógica Complementar  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CAE – Conselho de Alimentação Escolar  
CCAT – Colégio e Curso Almirante Tamandaré  
CEE – Conselho Estadual de Educação  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CEPEF – Centro de Educação Profissional Ezequiel Ferreira Lima  
CI – Comunicação Interna  
CM – Colégio Militar  
CMCG – Colégio Militar de Campo Grande  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
CNH – Carteira Nacional de Habilitação  
COVID – Corona Virus Disease (doença do coronavírus)  
EAD – Educação a Distância  
EE – Escola Estadual  
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação  
GETECMAT – Grupo de Estudo de Tecnologia e Educação Matemática  
GHOEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática  
HEMEP – Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa  
HO – História Oral  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica  
MBA – Master in Business Administration  
MG – Minas Gerais  
MS – Mato Grosso do Sul  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
PNAE – Plano Nacional de Alimentação Escolar  
PPGEduMat – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática  
PRF – Polícia Rodoviária Federal  
REE – Rede Estadual de Educação  
SED – Secretaria de Estado de Educação  
SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SP – São Paulo

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UNICAMP – Universidade de Campinas

UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá

USP – Universidade de São Paulo

UTR – Usina De triagem De Materiais Recicláveis

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: NÚMEROS DE CASOS CONFIRMADOS E ÓBITOS POR COVID - 19 .....	21
QUADRO 2: PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	62

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Isso não é um cachimbo	Figura 2: Isso não é uma escola.....	22
Figura 3: DESAFIOS ENFRENTADOS DURANTE A PANDEMIA.....		49
Figura 4: MAPA POLÍTICO DO BRASIL .....		60
Figura 5: MAPA POLÍTICO DO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE (MS) .....		61
Figura 6: Professora Alessandra .....		71
Figura 7: Professor Otto .....		83
Figura 8: Professor Bruno .....		93
Figura 9: Professora Thayna.....		111
Figura 10: Professor Wagner .....		121

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: DOMICÍLIOS COM ACESSO À INTERNET (% do total de domicílios) ...	43
Gráfico 2: DOMICÍLIOS COM COMPUTADOR (% do total de domicílios) .....	44
Gráfico 3: USUÁRIOS DE INTERNET – 2008-2019 .....	45
Gráfico 4: USUÁRIOS DE INTERNET (%), POR ACESSO EXCLUSIVO PELO CELULAR.....	46

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>1 ADAPTAÇÕES ESCOLARES EM UM MUNDO PANDÊMICO .....</b>	<b>29</b>
1.1 O ensino remoto em Mato Grosso do Sul.....	34
1.2 Tecnologias na pandemia .....	41
<b>2 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS NA PESQUISA.....</b>	<b>55</b>
2.1 História Oral .....	55
2.2 Procedimentos Metodológicos.....	59
<b>3 NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUARAM NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL .....</b>	<b>71</b>
3.1 Entrevista com a Professora Alessandra Gonzalez Tenório.....	71
3.2 Entrevista com o Professor Augusto Otto Cannataro Farina .....	83
3.3 Entrevista com o Professor Bruno do Nascimento Pereira .....	93
3.4 Entrevista com a Professora Thayna Alcântara .....	111
3.5 Entrevista com o Professor Wagner Allém Estigarrivio .....	121
<b>4 MOVIMENTOS ANALÍTICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>136</b>
4.1 O movimento para além do espaço e tempo na escola.....	136
4.2 Processo de Adaptação .....	144
4.3 Mecanismos de Exclusão.....	149
4.4 Constituição da escola em 2020.....	152
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>156</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>165</b>
Roteiro para Entrevista .....	165
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>167</b>
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	167
<b>APÊNDICE C .....</b>	<b>170</b>
Carta De Cessão .....	170

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou a terceira de quatro filhos que papai e mamãe tiveram. Família simples, humilde, nascida e criada na cidade de Patos de Minas, Minas Gerais (MG). Os cinco primeiros anos de vida vivi na fazenda, herança do meu avô paterno. Meus irmãos já estavam na idade escolar e meu pai queria oportunizar a eles o acesso à escola, visto que estudar sempre foi um sonho para meu pai e ninguém o incentivou. Meu pai fechou as porteiras da fazenda e fomos morar na cidade. Não tenho lembranças dos meus primeiros cinco anos de vida, apenas histórias que papai e mamãe contavam. Não foram fáceis os dias na cidade, tínhamos que comprar de tudo e conseguir emprego sem nenhuma formação não foi simples para meu pai. O primeiro trabalho que consegui foi de servente de pedreiro e depois um trabalho em um supermercado da cidade como chefe de depósito. Éramos em seis pessoas em casa e só meu pai trabalhava. Naquela época, era comum as mulheres cuidarem da casa e dos filhos.

Morávamos num bairro no meio do cerrado, poucas casas, não havia rua e crescemos em meio as guaviras, mamonas, goiabeiras, mangueiras, galo cantando, cavalo e vaca próximo de casa. Embora estivemos na cidade, o ambiente era bem rural. A escola ficava próxima de casa e na época tínhamos uma prima mais velha que era professora e conseguiu vaga para meus irmãos. Eu e meus irmãos estudamos nessa escola até a antiga 4ª série. Não era fácil conseguir vaga na escola naquela época. Caso não conseguisse, ficaria sem estudar. Meus irmãos quando terminaram a 4ª série, fizeram prova de seleção para entrar no Colégio Tiradentes<sup>1</sup>. Foram aprovados e nessa escola concluíram o Ensino Médio, fizeram concurso para oficial da Polícia Militar de Minas Gerais, foram aprovados, e estão muito bem hoje. Quando eu terminei a 4ª série, também queria estudar no Colégio Tiradentes, mas meu pai não quis que eu fizesse a seleção. Julgou que eu pudesse não ser aprovada devido as dificuldades que eu tinha na escola.

Entendi sua preocupação e com isso nem tentei a vaga. Minha mãe dormiu na fila para conseguir uma vaga numa escola que na época tinha o público predominantemente feminino por ter sido por muitos anos uma escola apenas de meninas. A escola na época oferecia o Ensino Científico e o Magistério que era muito

---

<sup>1</sup> Escola Estadual com gestão da Polícia Militar de Minas Gerais. Prioritariamente atende aos filhos de militares e as vagas remanescentes são disponibilizadas para a população por meio de prova de seleção.

conceituado. Meu pai julgou que seria melhor eu estudar lá para fazer o Magistério. Imaginava que eu pudesse casar nova e que se acontecesse eu teria uma profissão (professora). Não precisaria ser “dependente” do marido.

Minha irmã, cinco anos mais nova que eu, estudou no Colégio Tiradentes. Na época em que ela ingressou, meu irmão mais velho estava na Academia de Polícia em Belo Horizonte (MG), e incentivou meu pai a matricularla lá. Não me lembro bem, mas acho que ela nem participou da seleção por ser irmã de militar. Conseguiu a vaga por direito. No colégio, ela estudou até o término do ensino médio.

Eu terminei o ensino médio (Magistério) em 1998 e no mesmo ano me casei (com 18 anos). No início do ano de 1999 mudei para Belo Horizonte (MG) e em novembro deste mesmo ano mudei novamente para Campo Grande (MS).

Na semana que cheguei em Campo Grande precisei fazer a escolha pelo curso de graduação pois as inscrições para o vestibular da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) estavam nos últimos dias e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), já haviam se encerrado. Meu marido sabia o curso (Direito) que queria e eu nunca havia pensado na possibilidade de fazer uma graduação. Na cidade onde morava, não tinha universidade pública, estudar em outra cidade não era uma opção e meu pai não tinha recurso para pagar uma graduação na instituição particular. Meu sonho era ser militar, mas para isso não precisava necessariamente fazer uma graduação. Meu marido me incentivava fazer a graduação, mas a carreira militar ele não apoiava, e na época a escolha foi pelo curso de Matemática por ser a disciplina que eu mais gostava na escola.

Comecei a graduação na UCDB no ano de 2000. Nunca imaginei que o curso seria tão difícil, mesmo porque, no ensino médio, eu não estudei a matemática pois a ementa era outra devido a formação no Magistério. No primeiro ano de curso, participava das aulas pela manhã e passava a tarde toda estudando. No meu segundo ano de curso comecei a atuar como professora leiga, ganhava pouquinho, mal pagava os 70% da mensalidade da faculdade. Quando comecei o curso fiz um financiamento na própria universidade. Durante o curso pagaria 70% e nos quatro anos após formada pagaria os 30% restante de acordo com a mensalidade da época.

Cursar a graduação e atuar na área é muito legal, aprendemos na prática. Na verdade, a minha primeira experiência foi numa escola de periferia que eu não conseguia dar aula. Eu tinha medo dos alunos e na época eu só tinha 21 anos, eles não me respeitavam. Eu chorava todos os dias. No terceiro ano da graduação fui

trabalhar numa escola central, Escola Municipal Arlindo Lima. Nessa escola tive a oportunidade de trabalhar com excelentes profissionais, a escola era muito organizada e os alunos muito queridos, a troca era muito bacana. Conheci pessoas incríveis, fiz amizades para a vida, eles cuidavam tão bem de mim, me sentia muito acolhida. Aprendi muito nessa escola e com os colegas que trabalhavam nela. Participei de muitas formações na época, atuei como professora de matemática e no laboratório de informática da escola. O diretor adjunto assumiu a direção em outra escola que tinha acabado de construir e me chamou para trabalhar com ele. Fiquei nas duas escolas. Estava muito realizada com o trabalho, embora ainda como leiga.

Concluí minha graduação em Matemática pela UCDB em 2003. Na rede municipal trabalhei de 2001 a 2006, exceto no ano de 2004, ano que meu primeiro filho nasceu. Naquela época a gestante não tinha nenhum amparo legal. Nos anos de 2007 a 2012 trabalhei no Colégio Militar de Campo Grande (CMCG). Um dos modos<sup>2</sup> para trabalhar no Colégio Militar (CM) é participar de processo seletivo. Na época, quando participei, só tinha uma vaga para matemática. Eram 5 etapas todo o processo. A primeira, análise de currículo. Eu fazia muitos cursos na minha área e tinha tempo de experiência, o que fez com que minha pontuação fosse a mais alta. Os participantes eram recém-formados, ninguém tinha pós-graduação, mestrado ou doutorado. As fases seguintes foram entrevistas, prova prática (ministrar uma aula), avaliação física e de saúde. Fui muito bem em todas as fases e realizei um sonho, ser militar (ainda que temporária). Atuava como professora de matemática, porém minha função além de professora, era oficial do exército. Foram seis anos incríveis e de muito aprendizado. Nesse período tive minhas duas filhas, uma em 2009 e a outra em 2011, e, em 2012, meu marido e eu nos separamos.

No ano de 2013 não trabalhei. Queria muito ser aprovada no concurso da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e estudei muito para isso, mas não o suficiente. Frustrada por não ter conseguido e por ter investido todas as economias neste ano (pois não trabalhei), resolvi abandonar o sonho da aprovação na PRF e voltar a trabalhar na minha área. Nessa época eu tinha três crianças pequenas em casa, Luiz

---

<sup>2</sup> No sistema Colégio Militar (CM) o ingresso no quadro de docentes se dá de diversas formas. Concurso público para ingresso de professores civis; concurso público para ingresso de professores militares do Quadro Complementar de Oficiais formados pela (EsFCEx), Escola de Formação Complementar do Exército; seleção para ingresso de professores militares temporários, intitulados (OTT), Oficiais Técnicos Temporários; militares de carreira que tem formação no Magistério (Matemática, Língua Portuguesa, Geografia, História, Ciências...) e interesse em atuar como professores; e, professores contratados pela (APM), Associação de Pais e Mestres, do colégio.

Fernando (9 anos), Luiza Flávia (4 anos) e Laís Fernanda (2 anos) e a rotina era muito difícil. Luiz Fernando estudava no Colégio e Curso Almirante Tamandaré (CCAT), no final de 2013 quando fui renovar a matrícula dele, recebi o convite para trabalhar lá. Aceitei é claro. Uma escola que gostava muito. Porém, trabalhei só no ano de 2014, eu tinha muitas turmas e estava muito cansada, a remuneração não atendia todas as minhas necessidades.

Em 2015 consegui 40 horas na Rede Estadual de Ensino (REE) e mais uma bolsa no valor de R\$1100,00 por atuar na rede e-Tec Brasil<sup>3</sup>. Trabalhava no Centro de Educação Profissional Ezequiel Ferreira Lima (CEPEF) como os cursos técnicos Serviço Público e Assistente em Administração. Atuei por 2 anos como coordenadora dos cursos. Em 2017, recebi um convite para atuar na Escola Estadual Emygdio Campos Widal. Neste ano estava iniciando o programa escola da autoria<sup>4</sup>. Permaneci por 2 anos nessa escola atuando como professora de matemática. Em 2019 fui lotada na Escola Estadual Vespasiano Martins, que havia ingressado, no ano anterior, no programa escola da autoria e precisava de coordenadora de área e professora de matemática.

Neste ano (2019) quando abriram as inscrições para o mestrado em Educação Matemática na UFMS, uma grande amiga<sup>5</sup>, me incentivou a fazer. O período de inscrição foi prorrogado, tive problemas na inscrição, mas consegui concluir nos últimos minutos. Foram várias etapas e eu vibrava com a aprovação em cada uma delas. Após o resultado e a matrícula no mestrado eu tinha uma difícil decisão a tomar. Eu precisava trabalhar 40 horas para dar conta das minhas despesas, mas também eu precisava de dois dias para as aulas presenciais do mestrado. No final de fevereiro

---

<sup>3</sup> A Rede e-Tec Brasil foi criada em 2011 pelo Ministério da Educação (Decreto nº 7.589) em substituição ao Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil (e-Tec Brasil). Sua finalidade é desenvolver a educação profissional e tecnológica na modalidade da educação a distância, ampliando e democratizando a oferta e o acesso à educação profissional pública e gratuita no País. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/rede-e-tec-brasil>, acesso em 13 de outubro de 2022.

<sup>4</sup> “É um Programa de oferta do Ensino Médio em Tempo Integral – EMTI, denominado Escola da Autoria, que tem como proposta pedagógica a formação integral do jovem, estimulando não só o desenvolvimento da aprendizagem, mas também das competências socioemocionais, por meio da ampliação do tempo de permanência na escola e do oferecimento de componentes curriculares diferenciados, que articulam os conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular com uma Parte Diversificada pensada para atender ao jovem e ao seu projeto de vida”. Disponível em: <https://www.cartasdeservicos.ms.gov.br/ensino-medio-em-tempo-integral-escola-da-autoria/>, acesso em: 19 de setembro de 2022.

<sup>5</sup> Miriam José da Silva. Grande incentivadora, acredita no meu potencial, me coloca para cima, faz eu acreditar que sou capaz. Nas situações mais caóticas ela nunca perde a esperança, me faz sempre enxergar o lado bom de tudo. Um ser humano incrível.

de 2020, decidi reduzir minha carga horária de trabalho para 30 horas semanais e para isso precisei mudar de escola.

Fui lotada em março 2020 na Escola Estadual Arlindo de Andrade Gomes com 30 horas. Já se falavam na pandemia da Covid-19, mas nunca imaginei que o vírus chegaria ao Brasil. No final de março a pandemia é decretada pelo Organização Mundial de Saúde (OMS) e as aulas no Mestrado já iniciaram por meio do *Google Meet* e nenhum encontro presencial foi possível devido as medidas de biossegurança. No mês de abril de 2020, fui comunicada que a partir de maio perderia 18 horas da minha carga horária de trabalho, pois a vaga era de uma professora que estava na coordenação e estava voltando para a função. Reduzir minha carga horária de 40 para 30 foi muito difícil. Imagina só, ter a carga horária de 30 reduzida para 12 horas aula. Sem contar que em 2019 o governador baixou o valor do salário do professor contratado e eu já estava recebendo menos desde aquela época.

Mas, o que me motivou a continuar no meu propósito de concluir o mestrado foi uma frustração que tive em janeiro de 2020. Em Campo Grande, não tenho ninguém da minha família, sou eu e minhas duas filhas, pois meu filho está em Campinas (SP) fazendo faculdade de Engenharia Civil na Universidade de Campinas (UNICAMP). Sempre tive o sonho de voltar para minha cidade natal, ficar próxima a família, em especial meus pais e irmãos. Porém, o que me impede é a parte financeira, tenho medo de ir sem trabalho e não ser fácil conseguir colocação no mercado. Em janeiro de 2020, durante as férias, participei de um processo seletivo para trabalhar no Colégio Tiradentes e a primeira fase era análise de currículo. Eram duas vagas, fiquei classificada em oitavo lugar para a próxima fase, chamariam apenas os seis primeiros. Os seis primeiros, todos tinham mestrado. Meu tempo de experiência não foi suficiente pois me faltava a pós-graduação. Fiquei arrasada. Queria muito que desse certo, planejava nem voltar para Campo Grande após aquelas férias, mas infelizmente não foi o que aconteceu.

Em março de 2020 retornei ao trabalho. Em apenas três semanas toda a rotina da escola foi transformada devido a pandemia da Covid-19. Passamos a trabalhar não-presencial (aulas remotas) e o mestrado iniciou também no mesmo mês por meio do *Google Meet*. Não tínhamos nenhuma noção do que estava por vir e nem acreditávamos que ficaríamos por um longo tempo trabalhando e estudando remotamente. Minha casa ficou um caos. Meu ex-marido começou uma reforma, precisei por um tempo sair com as crianças e ficar uns meses na casa da minha sogra.

Eu trabalhava e estudava remotamente e as crianças também. As meninas precisavam assistir as aulas no celular, cada uma tinha o seu. Meu filho tinha o computador dele e eu o meu notebook. Precisei comprar fone de ouvido para todos, mas eles também tinham que participar das aulas. Eu não tinha um ambiente com estrutura (mesa e cadeira) para todos. Minha filha menor, na época no 4º ano, não conseguia se concentrar em nada, não fazia sozinha as atividades nem as tarefas. Eu precisava me sentar ao lado dela e fazer junto. Mas em qual horário? Eu passava o dia todo ocupada com o trabalho e o mestrado. Pensava sempre em desistir de tudo. Me frustrava com as leituras, textos de difícil entendimento, ia para as aulas e não conseguia participar, não por não ter lido o texto, lia várias vezes, marcava, mas não conseguia escrever um parágrafo do meu entendimento. Fazíamos grupos paralelos para estudar e tentar discutir os textos antes da aula, era positivo essa troca. Mas, gostava muito das aulas, gostava de escutar os professores, mesmo às vezes não entendendo nada. E, sempre repetia uma frase, “vou até o fim, fim do tempo ou do mestrado” e acho que isso me motivava. Minha orientadora, a professora Carla, sempre me acalmava. No primeiro ano eu estava muito acelerada, queria fazer tudo rápido, tinha medo das aulas voltarem para o presencial e não dar conta da rotina.

O tempo foi passando, consegui cumprir os créditos das disciplinas obrigatórias e optativas, participei de diversos eventos *on-line*, submeti o projeto no Comitê de Ética em Pesquisa<sup>6</sup> (CEP), com isso concluí a parte que parecia ser a mais difícil do mestrado. Em dezembro de 2020, elaboramos o roteiro para as entrevistas, fizemos contato com alguns professores para convidá-los a participar e fizemos a primeira entrevista da pesquisa com o professor Bruno. Da entrevista até a defesa dessa dissertação são quase 2 anos.

Esses dois anos trabalhando na dissertação não foram fáceis. No início de 2021, fui chamada para trabalhar na Secretária de Estado de Educação (SED). Não pensei duas vezes pois estava apenas com 12 horas/aula e na SED eu retornaria para as minhas 40 horas/aula. Minha independência e dignidade resgatada. Trabalhei um mês na SED e por conta de outro convite para atuar no município, na função de apoio

---

<sup>6</sup> Um CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Disponível em <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/hfa/ensino-e-pesquisa/comite-de-etica-em-pesquisa-cep-hfa-1#:~:text=Um%20CEP%20%C3%A9%20um%20colegiado,pesquisa%20dentro%20de%20padr%C3%B5es%20%C3%A9ticos>, acesso em 13 de outubro de 2022.

pedagógico, numa escola bem mais próxima à minha casa e com remuneração melhor, não hesitei em fazer a troca. Acreditava que conseguiria conciliar a escrita da dissertação com o trabalho tranquilamente, pois nas terças e quintas a tarde eu não trabalhava. Engano meu. As entrevistas me desanimaram muito, era muito trabalhoso transcrever e textualizar e o tempo despendido para essas tarefas era demasiadamente longo. Sempre que me via desanimada, minha orientadora me dava uma chacoalhada, “Silviane, você consegue”! Via muita empatia por parte dela que sempre soube das minhas dificuldades, das minhas limitações e da minha vontade de vencer essa etapa da minha vida.

Nesse período (2021-2022) também perdi minha sogra para a Covid-19, perdi minha Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e meu filho foi morar em Campinas. Minha sogra sempre foi meu porto seguro, cuidava de mim como filha e me ajudava muito com as crianças. A habilitação é essencial, visto que preciso atender a todas as demandas da casa, trabalho, crianças e ficar a pé me atrapalha muito, não dá para andar de UBER<sup>7</sup> todos os dias. Ter um filho em outra cidade é manter uma outra casa, sem falar na preocupação por tê-lo longe. Ainda bem que ele é muito responsável e consciente. E ainda tem o cansaço físico e mental, trabalhar a semana toda na escola, dar conta de casa, comida e roupa lavada, atender as necessidades particulares dos filhos, tudo isso atravessa a escrita deste texto.

Esse tempo estendido para a conclusão desta escrita foi necessário, nós mulheres, mães, professoras, estudantes somos capazes de muitas coisas simultâneas, às vezes precisamos de um pouco mais de tempo, mas também não podemos ficar esperando quando tivermos tempo para fazer algo que é necessário ou que é um desejo. Percebo o quanto evoluí nesses três anos e o quanto tenho evoluído ao longo do tempo, em especial como pessoa, mais confiante, mais sensível. Muito grata a todos que passaram pela minha vida nesses três anos, em especial, professores, grupo de pesquisa e colegas do mestrado. Com certeza este texto tem um pouquinho de muitos que participaram desse processo formativo.

---

<sup>7</sup> Empresa de transporte de passageiros por aplicativo que oferece tarifas baixas. Qualquer pessoa pode ser um uber também, basta ter um carro e carteira de motorista. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/uber/>, acesso em 13 de outubro de 2022.

## INTRODUÇÃO

A propagação do vírus SARS-CoV-2, que desencadeou a COVID-19 no mundo todo, atingiu o Brasil em março de 2020 e fez com que as autoridades tomassem várias medidas para prevenir o avanço da contaminação. Dentre elas, o isolamento social, que impôs às escolas a suspensão das atividades presenciais de ensino, passando essas a atender de modo remoto. No estado de Mato Grosso do Sul (MS), as escolas da Rede Estadual de Ensino (REE), desde que as aulas presenciais foram suspensas, passaram a funcionar a partir do ensino remoto emergencial, com Atividades Pedagógicas Complementares (APC<sup>8</sup>), buscando com isso, dar sequência ao ano letivo.

Estamos acostumados com a escola, prédio físico, composto de salas de aula, carteiras enfileiradas, alunos, professores, aulas expositivas, provas, rotinas, regras, sino..., no entanto, durante os anos de 2020 e uma parte de 2021 apenas o silêncio ocupava esse lugar. Qual foi a função da escola em dois mil e vinte? Como as relações na escola se mantiveram? Como essa escola se constituiu? Olhando para a etimologia de palavra escola, vem do latim schola e significa “ocupação, local onde se ensina”. Se a escola (prédio) não foi ocupada, os professores não ensinaram?

Muitas questões surgiram a partir deste ano de dois mil e vinte, e nosso movimento aqui foi no sentido de entender como as escolas se constituíram durante esse período. O que aconteceu já que as aulas não foram suspensas? Professores continuaram trabalhando e estudantes continuaram em atividades? O que se modificou foi o modo como isso aconteceu.

Não tenho a pretensão de responder aos questionamentos que trago ao longo do texto, são apenas disparadores a serem discutidos a partir do tema da pesquisa. Questões que me fazem pensar e ter um olhar mais atento para as narrativas dos professores participantes da pesquisa.

Migrar do ensino presencial para o ensino remoto com certeza não foi uma tarefa fácil para a comunidade escolar. O modo de operar na escola estava tão cristalizado que era rotineiro para professores se deslocarem para o trabalho, pais

---

<sup>8</sup> Metodologia utilizada para computar a carga horária do estudante nos dias destinados à Jornada Pedagógica e Formação Continuada definidos em calendário escolar em período regular de aula. Utilizada nesse período de pandemia não só com a finalidade de cumprir a carga horária, mas também trabalhar os conteúdos mínimos para o ano. Diário Oficial Eletrônico n. 10.061 2 de janeiro de 2020 Página 27, RESOLUÇÃO/SED N. 3.662, DE 30 DE DEZEMBRO DE 2019, Art. 5º.

deixarem as crianças na escola enquanto trabalhavam, e alunos estarem em um ambiente onde pudessem estabelecer relações sociais com outros estudantes. Tudo isso era tão natural que não se pensava na possibilidade de a escola não poder atender presencialmente os alunos.

Mas isso aconteceu de forma trágica, com o perecimento de muitos entes queridos, e embora acompanhássemos os noticiários do avanço da Covid-19 em outros países, pensávamos que isso não aconteceria conosco devido à distância que nos encontrávamos. No quadro a seguir apresento alguns números da Covid-19 no Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul e no município de Campo Grande que nos mostram numericamente as perdas, mas não são capazes de expressar o sofrimento e a dor das famílias em números.

#### QUADRO 1: NÚMEROS DE CASOS CONFIRMADOS E ÓBITOS POR COVID - 19

	Brasil	Mato Grosso do Sul	Campo Grande
População	213.317.639*	2.839.188*	916.001*
Casos Confirmados	34.586.833**	579.536**	130.740***
Óbitos	685.203**	10.823**	3.862***

\* [https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2021/estimativa\\_dou\\_2021.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/estimativa_dou_2021.pdf) (acesso em 17/09/2022)

\*\* <https://covid.saude.gov.br/> (acesso em 17/09/2022)

\*\*\* <https://prefcg-repositorio.campogrande.ms.gov.br/wp-cdn/uploads/sites/30/2021/08/16-08-2021-boletim-covid-1629147263.pdf> (acesso em 27/12/2022)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados do quadro 1, se fizeram presentes nas mídias devido a atualização dos números da Covid-19 e no dia a dia das famílias que perderam parentes, amigos, vizinhos, conhecidos. Apresento aqui esses números porque são, de certa forma, o contexto no qual a escola operou em 2020 e parte de 2021.

Iniciar uma pós-graduação em março de 2020, mesmo período que surgiram os primeiros casos de Covid-19 em Mato Grosso do Sul, foi determinante para pensarmos na pesquisa a qual este texto se refere. Vivenciar os vazios dos prédios escolares, as aulas remotas e as dificuldades de acesso de alunos em participar nas plataformas de ensino direcionaram nosso olhar para o ensino de matemática e para a escola nesse período de pandemia. Como a escola aconteceu em 2020? Ou ainda, será que ela aconteceu?

Dussel (2020), em uma live<sup>9</sup> intitulada “Isto não é uma escola, ou é? Reflexões sobre o escolar em tempos de pandemia” utiliza um meme<sup>10</sup> (figura 2) “Isso não é uma escola” que faz referência a pintura (figura 1) de Magritte, “Isso não é um cachimbo”, para discutir como a escola está acontecendo em 2020.



**Figura 1: Isso não é um cachimbo**



**Figura 2: Isso não é uma escola**

Com a suspensão das aulas presenciais<sup>11</sup> desde março de 2020, os professores se organizaram a fim de conseguir realizar todo o trabalho docente de forma remota. Sem interação presencial e sem os recursos pedagógicos que a maioria dos professores estava acostumada, foram necessárias mudanças na forma de trabalho, na rotina da casa e da família, e isso exigiu o emprego de horas a mais de dedicação.

Quando olhamos para 2020, é possível perceber o quanto a educação se modificou. Nós (aqui me incluo), da educação, tínhamos a visão de que as coisas não evoluíam e com essa pandemia, os professores foram obrigados a se “reinventar” da noite para o dia ou ao menos foi isso que observamos ser noticiado a todo o momento. A busca por formações, as trocas de experiências entre os docentes e os investimentos em recursos tecnológicos foram apenas algumas das mudanças observadas. É fato que, para alguns, a dificuldade para trabalhar com a tecnologia foi maior, e talvez por isso professores atenderam seus alunos de modos distintos.

Com o ensino remoto houve também uma grande parcela de alunos que ficou desassistida por não possuir recursos tecnológicos ou por não ter em casa quem o ajudasse com as atividades. Para além das responsabilidades sobre o ocorrido, é

<sup>9</sup> Link de acesso à live: <https://www.youtube.com/watch?v=7qRxFsuN4AA&t=603s>

<sup>10</sup> Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Disponível em <https://www.significados.com.br/meme/>. Acessado 19 de junho de 2020.

<sup>11</sup> Em Mato Grosso do Sul de acordo com o Decreto nº 15.391, de 16 de março de 2020, devido a pandemia da Covid-19.

preciso empatia para reconhecer que esse cenário causou e ainda tem causado muitos prejuízos a todos.

A pesquisa de Dos Santos, Lima, De Souza (2020) investigou como professores têm dado forma e produzido sentidos ao seu ofício no contexto remoto. As autoras optaram pela pesquisa narrativa e convidaram 13 professores(as) que atuam na educação básica, de escolas públicas e privadas do estado do Ceará e da Paraíba a produzirem relatos orais e escritos por meio do *WhatsApp* e por *e-mail*, sobre o contexto do seu trabalho no ensino remoto. Os professores participantes da pesquisa disseram dos desafios de prosseguir um ensino dependente da tecnologia, com o agravante de não terem, no começo, nenhuma orientação por parte da Secretaria de Educação dos respectivos estados. Muitos professores não tinham habilidades com a tecnologia, o que fez com que, durante o ensino remoto, esses se sentissem desafiados uma vez que não tiveram nenhuma formação ou planejamento prévio para atuar neste cenário. No início, não entendiam bem como ia ocorrer o processo de ensino e aprendizagem, ninguém sabia, mas já demonstravam preocupações com as habilidades que os alunos não construiriam em meio a tudo isso. Os quadros foram diversos, não foi possível entrar em contato com alguns alunos, outros não tinham o acompanhamento dos pais devido ao trabalho, ou ainda, dificuldade de acesso às aulas por baixa qualidade do recurso tecnológico e até a falta dele.

Os autores relatam ainda que durante o período remoto, houve um movimento dos docentes de tentar interagir com os estudantes e com os pais, o que resultou em *feedbacks* positivos quanto ao trabalho desenvolvido, seja ligando ou mandando mensagens no *WhatsApp* ou fazendo videochamada, de modo geral buscava-se sempre incentivar a participação. Muitos tiveram que se adaptar à realidade das famílias dos alunos, já que ficavam o dia todo recebendo atividades e respondendo a dúvidas. O emocional dos professores também apareceu nas narrativas produzidas pelos autores. Se sentiram angustiados porque não conseguiam atender a todos os alunos e preocupados com os que não tinham acesso as mesmas informações que outros. Havia também a preocupação com famílias que viviam em situações precárias e o agravamento disso na pandemia. Estavam ainda em contato diário com informações negativas vinculadas na mídia, além da falta de crença dos resultados do trabalho desenvolvido e a sensação de culpa por não ter respostas de como atender a todos os alunos.

Em meio a tudo isso, as narrativas dos professores produzidas por Dos Santos, Lima, De Sousa (2020) trazem casos de alunos que participaram mais das aulas remotas do que participavam das aulas presenciais e que o ensino remoto chamou atenção dos professores para utilizar ferramentas tecnológicas que antes, por conta da rotina exaustiva, não tinham tempo para pensar em outra coisa que não fosse dar aula. A projeção feita pelos autores da pesquisa supracitada é que esses recursos utilizados agora deveriam permanecer no presencial devido às vantagens que podem trazer aos processos de ensino e aprendizagem.

O segundo trabalho aqui trazido, de autoria de Ludovico, Molon, Franco, Barcellos (2020) tem como objetivo narrar e assim compreender alguns desafios que estão postos à educação formal diante da pandemia de Covid-19 por meio de relatos de professores. Através de metodologia qualitativa e modalidade investigativa de análise narrativa, os autores produziram seus dados em maio de 2020 a partir de entrevistas semiestruturadas que ocorreram por meio do WhatsApp com nove professores da rede de contato dos pesquisadores atuantes na educação formal, em escolas públicas e privadas, da Educação Básica e Superior, do interior e das capitais dos estados de Paraná e de Rio Grande do Sul.

A análise ocorreu a partir de categorização dos dados em estratégias de enfrentamento e ferramentas, apoio aos professores e apoio aos pais. De acordo com os autores da pesquisa, os cenários são bem específicos. Dos entrevistados, houve relatos de professores que não tinham retomado suas atividades, de professores que suas instituições anteciparam as férias e de professores que deram continuidade a suas atividades utilizando-se de tecnologias. Alguns professores entrevistados relataram que receberam orientações das instituições de ensino a que se vinculam, e que no planejamento das aulas tiveram a preocupação em orientar os pais para que eles apoiassem os filhos na utilização das ferramentas e realização das atividades. A pesquisa aponta ainda que professores das instituições privadas de educação básica não tiveram grandes problemas quanto ao acesso dos alunos na utilização de tecnologias digitais, o que não ocorreu nas instituições públicas onde o cenário foi outro.

Verdasca (2021) analisa a partir das narrativas de professores, os modos como, nas singularidades das suas práticas curriculares e pedagógicas com seus alunos, se têm envolvido profissionalmente e vivenciado a escola em tempos de pandemia. Com metodologia qualitativa e entrevista semiestruturada, o autor conversou com dez

professores do ensino básico e secundário e organizou os dados produzidos em cinco categorias que tratam das mudanças nos processos (tempo e espaço), estratégias, experiências, confinamento, importância da escola.

Na análise dos dados que compuseram as categorias, o autor identifica que a maioria das escolas e dos professores não possuía experiências e tecnologias para atendimento *on-line*. O processo de avaliação tendeu a retroceder e gerar um desinteresse dos alunos com dificuldades pela escola. O acréscimo de trabalho diário do professor invadindo outras rotinas, o envolvimento em formações constantes e a exposição diária a partir de suas produções foram comuns naquele início. O autor traz algumas estratégias como a criação de grupos, videochamadas e vídeos para a modalidade de aulas remotas. Nas experiências com alunos e famílias, ficou acentuada a necessidade de envolver os pais na rotina da escola e as desigualdades sociais e culturais dos alunos, que contribuíram na ampliação das desigualdades educativas. Uma das preocupações dos professores é a exposição de alunos a contextos mais vulneráveis, em especial os mais desfavorecidos.

As pesquisas aqui trazidas explicitam diversos cenários vivenciados durante a pandemia e mostram o quanto foram diversos os movimentos realizados diante deste desafio de continuar o ano letivo escolar em meio a uma pandemia e com protocolos de distanciamento. Dois mil e vinte foi o ano em que a escola não cumpriu com o seu papel de local onde ocorre a aprendizagem, porém, diferentes estratégias foram sistematizadas para que a aprendizagem ocorresse ainda que em outros espaços. Mas será que foi possível atender a todos os estudantes, uma vez que nem todos se encaixaram em uma estratégia?

Nas três pesquisas relatadas acima, as entrevistas ou questionários se deram ainda em maio de 2020, o que hoje podemos considerar como o início da pandemia que se estendeu por dois anos. Portanto, muitos aspectos presentes naquelas narrativas, parecem ter se modificado com a permanência de uma situação, a princípio, emergencial. No caso da pesquisa aqui relatada, as entrevistas foram realizadas no final de 2020 e começo de 2021, quando os professores pareciam já estarem adaptados ao contexto remoto.

No entanto, adaptar-se a algo geralmente não é fácil. Os professores entrevistados nesta pesquisa disseram que levaram o ano todo se adaptando ao ensino remoto e que quando estavam ajustados o ano acabou. Na verdade, o professor está o tempo todo se adaptando. Todos os planejamentos são exequíveis?

O calendário escolar é fixo? Todos os alunos aprendem da mesma forma? O professor já vivia esse movimento antes da pandemia, mas a estrutura física e a rotina na escola eram conhecidas.

Durante o período de pandemia, as mídias e jornais *on-line* utilizaram a palavra reinvenção para expressar o que parecia estar ocorrendo nas aulas remotas. Um projeto realizado pela Univesp, intitulado: Reinventar-se: Narrativas Digitais da Docência em 2020, também trazia essa palavra no seu título. No entanto, quando produzimos as narrativas que integram esta pesquisa pudemos observar que alguns meses após o início da pandemia, a palavra de destaque nas falas dos professores foi adaptação em uma clara oposição ao potencial criador da reinvenção. Em uma busca no Dicionário On-line de Português pelo significado da palavra adaptar, encontramos:

- Ajustar uma coisa à outra; adequar: adaptar uma peça à máquina.
- Transpor uma obra literária para outro meio de comunicação: adaptar um romance ao cinema.
- Pôr em harmonia, em conformidade: adaptar a linguagem ao tema.
- Aplicar convenientemente: adaptar os meios ao fim.
- Compor uma nova forma de tocar uma música; fazer um novo arranjo: adaptar óperas italianas para o contexto atual.
- Ajudar perfeitamente à visão: adaptar os óculos à vista.
- Acomodar-se a determinada coisa ou pessoa; conformar-se: adaptar-se às circunstâncias.
- Tornar-se harmônico, adequado; harmonizar-se: adaptar-se ao ambiente de trabalho. (Dicionário Online de Português, s/p, 2022)

De acordo com o significado da palavra adaptar e com as narrativas dos professores produzidas por meio das entrevistas orais, poderemos entender o movimento realizado pelos docentes no trabalho remoto, adaptaram ou reinventaram suas práticas? Com narrativas produzidas no final de 2020 e início de 2021, nossa pesquisa pretende compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia Covid-19 em Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul. Entendemos que a escola aconteceu. Nos interessa saber como aconteceu ouvindo as narrativas dos professores que atuaram no período de aulas remotas. As narrativas nos aproximaram do cotidiano docente que nos situaram no contexto da escola na pandemia. Temos a clareza de que as narrativas são situadas (tempo e espaço) e nos dirão muito a respeito das afetações destes professores, mas existiram muitos outros cenários e realidades mesmo na cidade investigada. Nossa intenção nesta produção foi a de exercitar a escuta atenta sem o intuito de fazer julgamentos e sim produzir com essas narrativas o contexto da escola neste período de pandemia.

Todo o caminhar desta pesquisa foi realizado de forma remota, pelos mesmos motivos que os nossos colaboradores trabalharam de forma remota. Como metodologia de pesquisa seguimos os pressupostos da História Oral (HO) e as narrativas foram produzidas a partir de entrevistas orais que ocorreram via *Google Meet*. Entendemos a História Oral como metodologia de pesquisa qualitativa, que segundo Garnica (2005) há uma transitoriedade de seus resultados, impossibilidade de hipóteses a priori e a não neutralidade do pesquisador diante da produção e análise dos dados. A HO exige uma pré-seleção dos depoentes, entrevistas gravadas, transformação do texto oral para o escrito (transcrição/textualização), e cessão de direitos de uso da entrevista pelos pesquisadores.

Por meio da memória e da produção narrativa das histórias vividas no período da pandemia Covid-19 e aulas remotas, mais fontes midiáticas e científicas que registraram os fatos ocorridos em 2020, poderemos compreender nossa questão de pesquisa. Para isso seguiremos a seguinte estrutura nesta escrita.

No capítulo 1 falaremos sobre a escola, o ensino remoto e tecnologias. Como a escola é vista a partir de reflexões das obras de Dussel (2021), Foucault (1999), Rodrigues (2019), Masschelein e Simons (2015, 2021), Peters (2015), Sílvia Gallo (2015). A partir desses autores, mas também, a partir das narrativas dos entrevistados, tecemos o capítulo sobre como a escola é pensada e como ela se constituiu no ano de 2020. Apresentamos ainda neste capítulo, os decretos que regularam a oferta do ensino remoto no estado de MS e alguns percentuais de acessos à internet e as tecnologias de informação e comunicação (TIC) segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019.

Os trechos das narrativas apresentadas no capítulo 1, nos ajudam a construir nossa argumentação teórica sobre a escola, já que entendemos o professor como um produtor de conhecimento a partir da experiência docente. No entanto, é passível a realização das entrevistas (capítulo 3) antes de adentrarmos no capítulo 1.

No capítulo 2 falaremos sobre o referencial teórico-metodológico, aporte desta pesquisa. Como nossa opção de metodologia de pesquisa foi a História Oral (HO), apresentaremos neste capítulo os pressupostos da HO e alguns discussões sobre narrativas, visto que foi por meio das narrativas que produzimos com os nossos entrevistados os dados dessa pesquisa.

No capítulo 3 apresentaremos as entrevistas produzidas com nossos colaboradores. Foram cinco entrevistas orais realizadas por meio do *Google Meet*,

que após transcritas foram textualizadas com a finalidade de deixar o texto mais fluente. A estrutura da entrevista segue um roteiro para orientar a conversa e foi organizada na sequência de pergunta e resposta, embora a finalidade da entrevista não tenha essa perspectiva. O movimento durante as entrevistas foi de conduzir a conversa e praticar uma escuta atenta da narrativa do entrevistado. Neste capítulo apresentamos as textualizações cedidas pelos entrevistados para compor essa dissertação.

Importante ressaltar que este trabalho de pesquisa de número CAAE 42940920.9.0000.0021, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por meio do parecer substanciado do CEP nº 4.700.377, em 10 de maio de 2021.

No capítulo 4 apresentaremos alguns movimentos de análise da pesquisa. Após as textualizações finalizadas, nos debruçamos sobre os textos com a finalidade de identificar os trechos que nos saltavam aos olhos. Questões como o movimento para além do espaço e tempo na escola, processos de adaptação, mecanismos de exclusão e constituição da escola em 2020 ficaram em evidência nas narrativas dos professores. Tecemos uma discussão a partir dessas questões e a constituição da escola em 2020 foi o ponto forte do trabalho que esclarece nossa questão de pesquisa. A partir da percepção dos entrevistados sobre a questão, fizemos uma discussão apresentando como a escola se constituiu a partir das narrativas produzidas com os entrevistados.

Apresentaremos ainda as considerações finais da pesquisa, as referências bibliográficas, os modelos dos documentos utilizados: roteiro da entrevista, termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e carta de cessão, e, nos anexos constarão os documentos assinados pelos participantes da pesquisa.

## 1 ADAPTAÇÕES ESCOLARES EM UM MUNDO PANDÊMICO

Escola é ...  
 ... o lugar onde se faz amigos,  
 Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
 Programas, horários, conceitos...  
 Escola é sobretudo, gente  
 Gente que trabalha, que estuda  
 Que alegre, se conhece, se estima.  
*Paulo Freire*

É assim, como escreveu Paulo Freire, que começamos a pensar na(s) escola(s). Onde elas estão? Como se movimentaram e se constituíram no cenário pandêmico em que [sobre]vivemos? E fora dele? Que inclusão/exclusão digital existe nos espaços-tempo das escolas? Que narrativas vêm sendo produzidas pelos/nos distintos cenários das escolas sobre/com Educação, exclusão, desigualdade e tantas coisas mais? O que elas nos contam?

O papel da escola no período de pandemia é algo a ser pensado e discutido, devido à pouca interação com os alunos e a dificuldade em contatá-los. Diante desse cenário pandêmico e de aulas remotas, muitos questionamentos surgiram e nos fizeram pensar no modo como escolas foram produzidas. Acostumados com um determinado padrão de escola, limitada por muros, salas de aulas e carteiras enfileiradas, alunos uniformizados e certo controle dos corpos em tempo e espaço delimitados, as mudanças impostas nos fizeram refletir acerca do modo de operacionalizar a instituição escola nesse período de aulas remotas.

Dussel (2020) numa entrevista no canal da ANPEd<sup>12</sup> Nacional no *youtube*, traz o tema “Isto não é uma escola, ou é? Reflexões sobre o escolar em tempos de pandemia” para a discussão. Para ela o computador não é a escola, mas pode ser uma forma que a escola hoje acontece. A escola não é somente o prédio ou um conjunto de tarefas que se cumpre na sala de aula, mas sim um conjunto de ações e relações de trabalho na construção do conhecimento. A relação do saber é uma das questões centrais da escola. Como um aluno pode se posicionar dentro de um

---

<sup>12</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

conhecimento com igualdade, segurança, confiança? O que pode aprender e produzir sobre mundo?

Com a suspensão de um tempo e lugar, a escola aconteceu na sala, na cozinha, nos quartos das casas das famílias. No entanto, podemos entender que o que acontece na cozinha continua sendo escola? Temos que pensar se isso é uma continuidade da escola ou uma ruptura do trabalho da escola. Estivemos o tempo todo negociando o trabalho com as tarefas domésticas e tivemos que fazer muito mais esforço para darmos conta das tarefas pedagógicas. Há famílias que não souberam ou não conseguiram ajudar os filhos. Que não tiveram com quem deixar as crianças para trabalhar.

Indagações sobre a escola tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, que a veem de maneiras distintas. Para Foucault (1999, p. 173) a escola funciona com um aparelho disciplinar que tem como objetivo a produção de corpos dóceis. “O espaço escolar funciona como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”. Nessa definição, a escola é uma instituição autoritária, rígida em sua forma e conteúdo, e mesmo as mídias digitais e a autoaprendizagem, promessas que se diziam capazes de romper com o recinto escolar, pareciam não ter essa força.

Na escola para disciplinar os corpos são utilizadas de algumas práticas como a delimitação de espaços-tempo. Muros altos, grades nas janelas, chaves nos portões, nos remetendo a uma prisão. Horários para iniciar e terminar a aula, a atividade, a prova, um certo controle do tempo para cada ação (FOUCAULT, 1999). Se os corpos estavam acostumados com uma determinada vigilância e controle na Escola, como se deu essa relação fora do espaço escolar na pandemia? Quais controles foram postos em prática?

A escola como uma instituição disciplinar “compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1999, p; 207) as ações sobre os alunos. A escola atual opera nesse viés? É normal excluir o aluno do local onde a aprendizagem acontece? Não diferente disso, essa “normalidade” ocorreu também nos espaços-tempos que se deu a escola no período da pandemia.

Mesmo em atividades remotas, podemos apontar alguns mecanismos de vigilância sobre o trabalho de professores e alunos. Um exemplo foi a normatização da quantidade de Atividades Pedagógicas Complementares (APC) e o modo de se produzir essas atividades ao longo do ano. O controle sobre a atuação do aluno nesse

período, o modo como ele participava de todo o processo de ensino e aprendizagem era acompanhado pelo professor por meio das atividades físicas e virtuais, e pelo coordenador por meio da busca ativa<sup>13</sup>.

Rodrigues (2019) em um ensaio publicado na revista Educação Matemática, Perspectivas da Educação Matemática, traz alguns mecanismos do poder disciplinar utilizados nas escolas. A partir da obra de Michel Foucault, Vigiar e Punir, ele discorre sobre as mudanças nas formas de poder, que outrora ocorriam de forma violenta sobre os corpos dos indivíduos e que a partir do século XVII foi se modificando para se transformar num poder disciplinar, atuando na alma dos indivíduos. Segundo Rodrigues essa transformação ocorreu com a Revolução Burguesa na transição do século XVIII para XIX “o poder passou a ser exercido por meio de mecanismos permanentes de vigilância e controle” (RODRIGUES, 2019, p. 226).

Ainda hoje (século XXI) percebemos nas escolas resquícios desses mecanismos de vigilância, não com a mesma finalidade, que evitava formação de grupos, controlava a atividade (se prezava pela eficiência e rapidez nas resoluções de modo mecânico e sem erros) e não permitia alunos ociosos, mas atualmente se justifica na segurança dentro do ambiente escolar e no cumprimento de um currículo estabelecido. Para isso, espaços são limitados, câmeras de segurança instaladas, horários de entrada e saída monitorados e organização dentro do prédio escolar (pátio e salas de aula) controlada. Para coibir e/ou corrigir condutas inadequadas, estabelecem relações de diálogo com alunos e famílias, e em última instância acionam o conselho tutelar. O trabalho e frequência dos professores é acompanhado e avaliado a partir dos rendimentos das turmas na qual atuam.

Dussel (2021) em uma participação no livro Elogio da Escola de Jorge Larrosa, no seu texto “Sobre a Precariedade da Escola” traz uma reflexão da escola “acerca do seu caráter, instável, sempre por fazer, e sempre a ponto de ser destruída” (DUSSEL, 2021, p. 88). Muitas são as críticas que recaem sobre a escola e entendemos que esse movimento a faz menos fixa e imóvel. Uma delas a respeito da modernidade, se entendermos que a modernidade está relacionada a estrutura física das escolas, nunca fomos modernos, porque “a escola moderna sempre foi um

---

<sup>13</sup> A busca ativa foi um procedimento realizado pela equipe técnica-pedagógica, de acordo com o artigo 3º, inciso III, da RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020 “articular contato direto com a família ou responsável pelo estudante, por meio dos canais de comunicação estabelecidos pela Direção Escolar, para repasse e recebimento das atividades escolares e providências docentes”.

espaço mais precário do que se postula ou imagina, e que continua sendo assim atualmente, ainda que em condições diferentes” (DUSSEL, 2021, p. 88). E a precariedade da escola não é de curta duração, nos remete a uma vida que precisa ser cuidada em todas as suas fases.

A palavra “precário” deriva do latim “precarius” que por sua vez vem de “prece” que significa súplica, favor, sermão, oração. Para Dussel (2021) a etimologia da palavra “remete a uma dimensão política da precariedade, porque dá ênfase ao que outro(s) fazem ou não fazem, isto é, à autoridade que outorga ou não um estado” (DUSSEL, 2021, p. 89). E é a partir da ruptura do que é politicamente correto, de mostrar o que o poder não fez, questionar as autoridades e ordens estabelecidas que Dussel entende que “precarizar é uma forma de intervir em um estado de coisas – uma disciplina, uma ordem social – que permite pôr em evidência as exclusões ou as imposições e criticar ou subverter certo status quo” (DUSSEL, 2021, p. 90). Para a autora é preciso repensar a escola e discutir sobre as condições, ainda que diferentes, que faz com que ela subsista. Nesse sentido, precarizar a escola significa fazer dela um “espaço menos fixo e imóvel, questionar as suas autoridades e desestabilizar as suas ordens” (p. 90). Concordamos com a autora quando ela diz que a escola não é nada estável e que os recursos que dispõem, as condições políticas e o discurso que a sustenta nos ajuda a entender o porquê de a escola não ser estável, e esse movimento na escola, faz com que ela perca no tempo, e para isso, a escola precisa se movimentar e lutar pela durabilidade para se sustentar e ter êxito.

Masschelein e Simons (2015) em artigo publicado no livro *Repensar a Educação, 40 anos após Vigiar e Punir*, traz o conceito de ambientes de aprendizagem para se referir a escola, família, trabalho e internet. Não mais vista como instituição de ensino, a escola (ambiente de aprendizagem) tem como objetivo principal, orientar os estudantes como aprender. O professor tem seu papel redefinido e atua como instrutor, facilitador ou treinador. Os autores discutem a compreensão de si em ambientes de aprendizagem e mostra uma alteração em nossa experiência de tempo e espaço. Essa alteração, chamada por eles de compreensão de si histórica (privilegia o tempo sobre o espaço), passa para uma compreensão de si ambiental (privilegia o espaço sobre o tempo).

A organização do tempo e do espaço na escola moderna “posiciona e classifica as pessoas espacialmente com objetivo de controlar seu comportamento e propositalmente organizar desenvolvimentos individuais” (SIMONS; MASSCHELEIN,

2015, p. 324). Favorece a vigilância, avaliação e progresso linear no tempo fazendo dele, um tempo útil. Só que essa organização na escola normalizam os alunos que podem controlar a si mesmo. Mas a organização atual do tempo e do espaço em ambientes de aprendizagem faz com que nós compreendamos os alunos como sujeitos da aprendizagem. “O ambiente de aprendizagem nas escolas deve se desenvolvido com o objetivo de estimular processos de aprendizagem” (SIMONS; MASSCHELEIN, 2015, p. 329) e esse ambiente deve ser criado pelo professor para que haja tais condições. A escola tem que proporcionar um ambiente de aprendizagem onde seus alunos possam desenvolver seus talentos, seus estilos de aprendizagem e seu conhecimento prévio. Não é necessário a vigilância, e sim a instrução, o monitoramento, o treinamento e os feedbacks para que o aluno guie seu próprio processo de aprendizagem.

Sílvio Gallo (2015), traz um conceito de Foucault, que não foi plenamente desenvolvido por ele, para pensar a escola a partir dele: o de heterotopia. Ao contrário da utopia, que nos “fazem sonhar com lugares inexistentes” (GALLO, 2015, p. 437), algo irreal, a heterotopia é real e “implica um espaço que está aí, mas que é um espaço outro” (GALLO, 2015, p. 440). A escola moderna é uma instituição disciplinar, cujo foco é o saber, mas pensemos na escola atual, ela deve orientar para a vida, ser um “lugar de aprender a viver, um lugar de exercício de inquietar-se consigo mesmo, de vivenciar o cuidado de si, de conhecer-se para ser e para bem viver, de produzir-se a si mesmo como um sujeito singular” (GALLO, 2015, p. 445). Até nos parece uma certa utopia enxergarmos a escola assim, mas podemos enxergá-la e praticá-la como heterotopia. Para Sílvio Gallo (2015)

Produzir heterotopias na escola em nossos dias é praticar uma educação orientada para a vida, que não ponha acento exclusivo no saber. Uma educação para além da vigilância e da disciplina, que seja capaz de transformar o espaço panóptico em um espaço de criação e de formação, um lugar de experimentação em que seja possível conhecer-se a si mesmo e aprender a inquietar-se consigo [...] para que seja possível cuidar de si. (GALLO, 2015, p. 447).

Ao refletir a escola, precisamos entender que ela pode ser uma heterotopia, o espaço do fora (que não vivemos) no mesmo espaço do dentro (que vivemos). A intenção aqui é de fazermos uma outra escola na mesma escola. Estamos diariamente na escola e nela passamos a maior parte do tempo. É necessário estar aberto a outros modos de operar na escola, dar outros sentidos as práticas diárias, perceber e atender as demandas que os próprios alunos nos impõem. Viver esse espaço que ainda não

é habitado. “[...] para além de uma utopia pedagógica, heterotopias pedagógicas; para além de uma outra escola, a produção cotidiana de escolas outras, lá, no interior da escola mesma” (GALLO, 2015, P. 442).

Longe de propormos aqui uma discussão que romantiza a escola, ou ainda, que fecha os olhos para toda a perversidade que pode ser construída a partir da produção de corpos dóceis. Propomos, no entanto, olhar para a escola que temos e pensar em modos de se produzir com ela. As discussões que aqui fizemos a partir dos autores supracitados torna impossível pensarmos em “a” escola, e sim em escolas que vão se constituindo a partir dos estudantes, professores e toda equipe escolar que a constitui. A partir das famílias que deixam lá seus filhos e que mesmo sem interferir diretamente na escola, levam na pessoa dos próprios estudantes valores e costumes específicos. Tudo isso molda escolas ímpares o que torna quase impossível aprisioná-las em uma definição.

Com a pandemia da Covid-19 a escola como conhecemos passou por uma transformação em sua estrutura pedagógica. Surpreendida com a suspensão das aulas presenciais, foi preciso modificar sua forma de atuação para atender as necessidades que a situação impôs. Com esse movimento da escola para atender uma demanda imposta pela em prol da saúde pública, gestores, professores, alunos e famílias se viram obrigados a reconstruir seus conceitos sobre escola e modificar suas atuações diante dessa situação. A partir dessas modificações, acreditamos ter sido possível a construção de outras escolas. Tomando o conceito de precarização da escola de Dussel, nos perguntamos quais produções foram possíveis em um momento de forte instabilidade como a que recentemente passamos? Diante desse cenário pandêmico e da ruptura do padrão de escola, nos interessou compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia de Covid-19, em Campo Grande, no estado de MS.

### **1.1 O ensino remoto em Mato Grosso do Sul**

Em dezembro de 2019, o vírus, denominado SARS-CoV-2, que causa a doença COVID-19, iniciou sua propagação em proporções pandêmicas. Surgiu inicialmente na cidade de Wuhan, na China, e se espalhou rapidamente por todo o mundo. Em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), reconheceu o surto da doença como uma emergência de saúde pública de importância internacional. Em

março de 2020, a OMS caracterizou a COVID-19 como uma pandemia. No Brasil, o primeiro caso confirmado<sup>14</sup> pelo Ministério de Saúde, foi em fevereiro de 2020. O Ministério da Saúde declara, em março de 2020, reconhecimento de transmissão<sup>15</sup> comunitária da Covid-19 e dá autoridade aos gestores nacionais para adotarem medidas que promovam o distanciamento social e evitem aglomerações.

Em Mato Grosso do Sul, a Secretaria de Estado de Saúde, confirmou no dia catorze de março de dois mil e vinte os primeiros casos da Covid-19<sup>16</sup>. Com isso, três dias depois, o governador do estado, Reinaldo Azambuja, acrescenta o artigo 2A ao Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020 do governo do Estado, suspendendo as aulas presenciais por quinze dias<sup>17</sup> buscando com isso conter aglomerações e diminuir o avanço da doença.

Art. 2º-A. Ficam suspensas as aulas presenciais nas unidades escolares e nos centros da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, no período de 23 de março a 6 de abril de 2020, sendo que o período de 18 a 20 de março de 2020 será de adaptação para a comunidade escolar. (Artigo acrescentado pelo Decreto Nº 15393 DE 17/03/2020)

A Secretaria de Estado de Educação (SED), tendo em vista a suspensão das aulas presenciais, publica a Resolução/SED n. 3.745, de 19 de março de 2020<sup>18</sup> regulamentando o Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020 do governo do Estado, e a oferta de Atividades Pedagógicas Complementares (APC) nas Unidades Escolares e Centros.

Para cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais o estudante tem direito, conforme legislação, nas escolas da Rede Estadual de Ensino será ofertada Atividade Pedagógica Complementar – APC, durante o período de suspensão das aulas presenciais prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. (Resolução/SED n. 3.745, Art. 1º)

Nessa Resolução estão orientadas as competências da direção escolar e equipe pedagógica, assim como dos professores e estudantes. A gestão escolar teve a liberdade de estabelecer como ocorreria a comunicação com os estudantes durante o período de suspensão das aulas presenciais. A coordenação pedagógica ficou com a incumbência de acompanhar todo processo de desenvolvimento das APC,

---

<sup>14</sup> <https://www.conasems.org.br/ministerio-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil/>

<sup>15</sup> Portaria nº 454, publicado no D.O.U. em: 20/03/2020 | Edição: 55-F | Seção: 1 - Extra | Página: 1.

<sup>16</sup> <http://www.ms.gov.br/secretaria-de-saude-confirma-dois-casos-de-coronavirus-em-mato-grosso-do-sul/>

<sup>17</sup> <http://www.ms.gov.br/governo-suspende-aulas-na-rede-estadual-de-ensino-pelos-proximos-15-dias/>

<sup>18</sup> Resolução/SED n. 3.745, de 19 de março de 2020, publicado no Diário Oficial Eletrônico n. 10.120 em 19 de março de 2020, Página 2.

elaboradas pelos docentes, e a entrega destas aos estudantes e a devolução delas, na escola ou através de canais de comunicação digital. Além disso, acompanhar e articular contato direto com as famílias e estudantes. Aos docentes, coube a elaboração das APC, acompanhamento do seu desenvolvimento e o arquivamento das atividades para comprovação do cumprimento do currículo e avaliação. Por fim, aos estudantes, coube a realização das APC e devolução no prazo estabelecido.

A Resolução veio no sentido de orientar os trabalhos da equipe pedagógica na escola e definir as atribuições de cada servidor. O capítulo 1 da RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020 esclarece nos seus artigos segundo, terceiro e quarto as atribuições da direção, coordenação pedagógica e docentes na realização das APC no ensino Fundamental e Médio.

Art. 2º Compete à Direção Escolar estabelecer, em conjunto com a equipe técnico-pedagógica, o modo de comunicação com o estudante, se maior de idade, ou pai/mãe ou responsável, se menor de idade, a fim de garantir o envio e recebimento das Atividades Pedagógicas Complementares – APC, a serem realizadas pelo estudante no período de suspensão das aulas presenciais, conforme estabelecido em legislação.

§ 1º O modo de comunicação a ser estabelecido pode ser físico ou virtual, dependendo das condições de acesso do estudante, priorizando os meios de comunicação não presencial, a fim de evitar a circulação de pessoas na escola.

§ 2º A distribuição aos estudantes e os prazos de entrega e recebimento da APC serão de responsabilidade da equipe técnico-pedagógica da escola.

Art. 3º Compete ao Coordenador Pedagógico, em relação à Atividade Pedagógica Complementar:

I – Solicitar aos docentes as atividades escolares que deverão ser apresentadas à coordenação pedagógica, em conformidade com as orientações emanadas pela Secretaria de Estado de Educação;

II – Acompanhar todo o processo de execução da APC para as orientações e intervenções necessárias.

III – articular contato direto com a família ou responsável pelo estudante, por meio dos canais de comunicação estabelecidos pela Direção Escolar, para repasse e recebimento das atividades escolares e providências docentes.

IV – Acompanhar a devolução da APC realizada pelos estudantes e garantir o processo avaliativo contínuo a ser realizado pelos docentes.

Art. 4º Compete ao docente:

I – Planejar e elaborar a APC em consonância com os documentos curriculares emanados da Secretaria de Estado de Educação, que deverá ser apreciada pela coordenação pedagógica;

II – Criar canal de comunicação a fim de sanar possíveis dúvidas dos estudantes, família ou responsáveis, no que diz respeito à APC, de forma a orientar e garantir a qualidade do serviço prestado;

III – arquivar a APC para fins de comprovação do cumprimento do currículo, da avaliação do rendimento escolar, da carga horária anual e dos dias letivos aos quais o estudante tem direito, e posterior repasse ao Coordenador Pedagógico.

As escolas se organizaram num primeiro momento de acordo com o contexto da comunidade a que pertenciam, com base na autonomia que lhes foi dada.

Utilizaram serviços de e-mail, aplicativos de mensagem instantânea, redes sociais, plataformas de compartilhamento de vídeos e serviços de conexão por vídeo chamada, além das atividades impressas e outras formas para comunicação com os estudantes. A título de exemplo, a escola EE PROF JOÃO MAGIANO PINTO, da cidade de Três Lagoas (MS), logo no início, montou um site<sup>19</sup> no qual cada turma poderia acessar as atividades que deveriam ser desenvolvidas a cada quinzena ou a cada semana. Já a escola EE ARLINDO DE ANDRADE GOMES, na cidade de Campo Grande (MS), utilizava uma conta Google de um professor/coordenador que criou turmas para que os alunos tivessem acesso aos conteúdos, atividades e avaliações e que professores pudessem ter um acesso mais controlado aos alunos e a suas produções. Por fim, a escola EE MANOEL BONIFÁCIO NUNES DA CUNHA, de Campo Grande (MS), criou um blog<sup>20</sup> para postar as atividades pedagógicas complementares. Esses são apenas alguns exemplos que nos ajudam a afirmar que múltiplas práticas podiam ser vistas na escola inicialmente. No decorrer das narrativas dos nossos entrevistados, outros exemplos são trazidos a partir das narrativas de como se deram suas vivências durante a pandemia.

Nas escolas, as especulações a partir dos primeiros casos confirmados da doença em MS já faziam parte da rotina de professores, alunos, administrativos e equipe técnica. Com medo da contaminação, o esvaziamento da escola ocorreu de forma gradativa, mesmo antes da suspensão, muitos professores não tiveram alunos em suas turmas no período que seria destinado a adaptação, conforme relata professor Wagner<sup>21</sup>, um dos entrevistados desta pesquisa.

Na semana de dezesseis a vinte de março, a presença dos alunos na escola foi reduzindo gradativamente, causando um esvaziamento nas salas de aula. Para os frequentes, continuávamos a lecionar, e para os ausentes, nos foi orientado registrar no diário a presença para eles. Professores e alunos estavam muito assustados. Aquele momento que estávamos vivendo era inesperado, e ninguém sabia o que estava acontecendo de verdade. No dia dezoito não tive nenhum aluno nas minhas salas, por isso, escrevi na lousa o trabalho e postei no *Facebook*. Postei também nos grupos de *WhatsApp* e avisei que eles teriam um mês para entregar o trabalho pronto (trecho da narrativa do professor Wagner).

---

<sup>19</sup> <https://sites.google.com/view/escolajomap/in%C3%ADcio?authuser=0>, acessado em 24 de outubro de 2020.

<sup>20</sup> <https://manoelbonifacio.blogspot.com/p/3-regular.html>, acessado em 26 de outubro de 2020.

<sup>21</sup> Os trechos das narrativas dos professores entrevistados aparecem neste capítulo, pois entendemos que eles produzem conhecimento a partir de suas experiências docentes. As entrevistas (capítulo 3) foram produzidas na primeira etapa desta escrita.

Mesmo o governo do estado tendo previsto três dias para adaptação (18 a 20 de março), professores e gestão escolar não sabiam de fato quais estratégias adotariam naquele primeiro momento. Discutiam entre eles o período de suspensão e como adaptaria o conteúdo para os alunos que recém tinham iniciado o ano. Os questionamentos e as incertezas naquela época eram latentes. As escolas no geral orientaram aos professores que fizessem uma atividade para os primeiros quinze dias de suspensão. Na escola do professor Wagner, o diretor orientou que preparasse uma atividade que poderia ser devolvida no retorno.

Na semana que foi noticiada a suspensão das aulas (segunda ou terça-feira), o diretor orientou aos professores para que preparássemos uma atividade para os alunos devolverem no retorno às atividades presenciais e sinalizou que essa atividade poderia ser a que comporia a nota do primeiro bimestre (trecho da narrativa do professor Wagner).

Retorno este que naquele momento pensava-se que seria breve. Wagner lecionava, à época, em uma escola central em Campo Grande, que recebe estudantes de vários bairros, mas a situação relatada por ele, também pode ser vista em outras escolas, como a professora Thayna nos relatou. O primeiro movimento realizado por ela na escola Waldemir foi a produção de uma atividade adaptada do livro didático uma vez que a situação era temporária e as atividades deveriam ser desenvolvidas para poucos dias. “A primeira atividade foi feita em Word e adaptada do livro didático, pois pensávamos que logo os alunos retornariam para a escola” (trecho da narrativa da professora Thayna).

Num primeiro momento a expectativa era do retorno após os quinze dias de suspensão das aulas. Os professores planejaram a atividade na expectativa de corrigi-las com os alunos posteriormente. A professora Alessandra chegou a escrever no cabeçalho da sua atividade que corrigiria no retorno. “Eu enviava as atividades para coordenação e no cabeçalho colocava a observação “correção quando a gente voltar!” orientava para fazer no caderno e que no retorno eu corrigiria” (trecho da narrativa da professora Alessandra). Ela não imaginava, no entanto, que não haveria retorno naquele ano. O professor Otto seguiu as orientações da escola e elaborou uma atividade mensal com quatro páginas. O professor Bruno elaborou a atividade e entregou para os alunos que ainda estavam frequentando a escola e esperava o retorno para a devolução da atividade.

No início de 2020, eu havia feito o plano anual, planejado toda situação, mas com o início da pandemia, as primeiras ações foram elaborar as Atividades Pedagógicas Complementares (APC) e entregar para os alunos, quando

ainda estavam frequentando a escola. Em tese, eles devolveriam essa atividade quando retornasse as aulas, mas como parou tudo, começamos a fazer mais APC para os alunos (trecho da narrativa do professor Bruno).

Embora as escolas tivessem autonomia para definir como conduzir os trabalhos nesses quinze dias de suspensão das aulas, percebemos que as estratégias foram semelhantes. Mesmo porque já havia um movimento na escola de elaborar atividade para computar a carga horária do aluno quando não houvesse a aula presencial. Houve um período de adaptação que, conforme os relatos dos entrevistados, acabou tendo a presença de pouquíssimos estudantes. De modo geral, nesse primeiro momento os professores adaptaram suas práticas seguindo as orientações da escola, visto que havia a necessidade de entregar a atividade para o aluno até o dia 20 de março de 2020. Durante esse período de adaptação (18 a 20 de março) a Secretaria de Educação (SED) por meio da RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020, regulamentou a oferta das Atividades Pedagógicas Complementares (APC).

Art. 1º Para cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais o estudante tem direito, conforme legislação, nas escolas da Rede Estadual de Ensino será ofertada Atividade Pedagógica Complementar – APC, durante o período de suspensão das aulas presenciais prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020. (Diário Oficial Eletrônico n. 10.120, 19 de março de 2020, Página 2)

A suspensão das aulas presenciais e as medidas tomadas para continuação das atividades de ensino, pensadas para um período curto, tiveram que ser repensadas, uma vez que os avanços da doença no país e no estado impossibilitavam o retorno ao presencial. Com isso, os procedimentos foram sendo ajustados ao longo do ano letivo. Professores, diretores, estudantes e até mesmo a SED, construíram juntos um modo de se trabalhar de forma remota, o que justifica a autonomia da escola na condução das primeiras ações e permite entender o porquê de as escolas utilizarem diferentes ferramentas tecnológicas para alcançar a todos os estudantes.

Devido as dificuldades de professores e alunos na organização desse novo modelo de escola fez com que a Secretaria adiantasse o recesso escolar de julho

Art. 2º-C. O recesso escolar de 17 a 31 de julho, previsto no Calendário Escolar do ano de 2020 para a Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, constante do Anexo Único da Resolução/SED nº 3.637, de 27 de novembro de 2019, fica antecipado para o período de 4 a 18 de maio de 2020. (Artigo acrescentado pelo Decreto Nº 15420 DE 27/04/2020).

Com o avanço da Covid-19 e a permanência das aulas presenciais suspensas, a Secretaria de Estado de Educação (SED), estabeleceu uma parceria com a google<sup>22</sup> para que as escolas tivessem mais uma possibilidade para trabalhar com as aulas remotas. Com os serviços da *google*, e a partir de contas criadas para professores e estudantes, o acesso ao *classroom*, *gmail*, *hangouts*, *meet*, *google agenda*, *google drive* e outros, puderam ser utilizados como mais uma ferramenta para desenvolvimento das aulas remotas criando salas de aula virtuais e trabalhando neste ambiente com atividades síncronas e assíncronas. Buscando uma uniformidade de práticas, esse ambiente veio para colaborar com o envio das atividades pedagógicas complementares, previsto anteriormente para esse período de aulas remotas, e para a avaliação dos professores e gestores. Foram criados *e-mails* institucionais para todos os alunos e para todos os professores, de modo que todas as atividades escolares fossem realizadas por essa plataforma *on-line*, embora sua utilização fosse facultativa.

Outra possibilidade para esse período foi a criação de um canal<sup>23</sup> com aulas em TV aberta digital para reforçar o aprendizado remoto dos estudantes. A transmissão teve início a partir de maio de 2020 como iniciativa de ampliação do atendimento aos estudantes no desenvolvimento das atividades remotas.

Com o avanço da pandemia, outras suspensões foram sendo feitas, e as atividades de ensino continuaram a ser realizadas remotamente. O último decreto a esse respeito, publicado em outubro de 2020, prorrogou até o fim de 2020 a suspensão das aulas presenciais em Mato Grosso do Sul.

Art. 2º-G. Prorroga-se até o término do ano letivo de 2020 a suspensão das aulas presenciais nas unidades escolares e nos centros da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, prevista no art. 2º-F deste Decreto. (Artigo acrescentado pelo Decreto Nº 15526 DE 05/10/2020).

Art. 2º-H. A Secretaria de Estado de Educação, em decorrência do disposto no art. 2º-G deste Decreto, manterá as unidades escolares da Rede Estadual de Ensino abertas para atender aos alunos que estejam com dificuldades. (Artigo acrescentado pelo Decreto Nº 15526 DE 05/10/2020).

Esse é um panorama geral das primeiras medidas adotadas em 2020, a fim de dar continuidade ao ensino, ainda que remotamente. Embora 2021 tenha iniciado o

---

<sup>22</sup> Google for Education – foi pensando em 2019 e seria um projeto piloto com parceria entre o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed) e a Google Inc. e atenderia duas escolas em 2020. Com a pandemia, Covid-19, decidiu-se por implantar, a partir de abril de 2020, em toda rede de ensino de MS.

<sup>23</sup> Transmissão de aulas veiculadas pela TV Aberta, por meio do sinal digital da Rede MS Integração de Rádio e TV, disponível em <https://www.sed.ms.gov.br/aulas-na-tv-aberta/>

ano em atividades remotas e a pandemia da Covid-19 se fez presente ainda em 2022, nos limitamos aos fatos de 2020, pois foi relativo a esse ano que nossos entrevistados se referiram nas entrevistas.

Os professores, embora sem formação para atuarem nesse período de pandemia, tiveram que abruptamente se “reinventarem”<sup>24</sup> a partir do que já estava planejado para 2020. No começo, por acreditarem que seria algo breve, propunham atividades a partir do que já havia sido trabalhado no presencial, porém com a incerteza do retorno, foram criando outras estratégias para lecionar os conteúdos previstos no currículo e nos orientativos da SED publicados bimestralmente, que apresentavam os conteúdos mínimos para o período.

Bem sabemos que apesar de todo esforço para minimizar os impactos causados pela pandemia da Covid-19, houve alguns problemas que estiveram muito além da capacidade docente em lidar com o caos. As diferenças em termos de acesso as tecnologias e o apoio familiar são profundas e com potencial de produzir exclusões nunca vistas. Apesar do empenho da SED em criar diversas formas de acesso as Atividades Pedagógicas Complementares (APCs) e dos gestores escolares adequarem o trabalho a várias formas de acesso, tivemos estudantes que não conseguiram participar das aulas remotas. As diversas tecnologias utilizadas que pareciam suficientes para dar conta das distâncias geográficas e temporais se tornaram mais um fator de exclusão o que evidenciou as desigualdades sociais durante este período de isolamento social.

## **1.2 Tecnologias na pandemia**

Redes sociais, jogos on-line, músicas, séries, trajetos, horários de ônibus, fotos, vídeos, mensagens, previsão do tempo entre tantas outras funções que a tecnologia possibilita e se faz presente na rotina de crianças, jovens e adultos. Celulares, notebooks e televisões com acesso à internet foram utilizados durante a pandemia com fins educacionais, mas continuaram a ser utilizadas para o lazer.

Entendo por tecnologia não só artefatos como celular, notebook e televisões, mas todas as criações humanas que favorecem a realização de uma determinada atividade. No entanto, especificamente as tecnologias digitais fazem parte do dia a dia

---

<sup>24</sup> Apresento reinventarem entre aspas, pois o termo foi amplamente utilizado nas mídias digitais, porém não teve destaque nas narrativas dos participantes desta pesquisa.

de parte da população e é por meio da internet que todas essas atividades são possíveis. Quantas coisas podemos acessar e quantas tarefas podemos realizar por meio do celular, notebook e televisão? Para Kenski (2007), tecnologia é o

conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade, chamamos de “tecnologia”. Para construir qualquer equipamento – uma caneta esferográfica ou um computador –, os homens precisam pesquisar, planejar e criar o produto, o serviço, o processo. Ao conjunto de tudo isso, chamamos tecnologias (KENSKI, 2007, p. 24).

No ano de 2020, devido a suspensão das aulas presenciais, professores, alunos e famílias se viram obrigados a utilizar as tecnologias digitais para manter o contato e continuar as atividades do ano letivo de 2020. Alunos e professores em casa tiveram que utilizar diversos recursos tecnológicos para o período de suspensão das aulas presenciais. Uma das tecnologias mais utilizadas foi a internet, e o acesso a ela ocorreu principalmente por meio do celular.

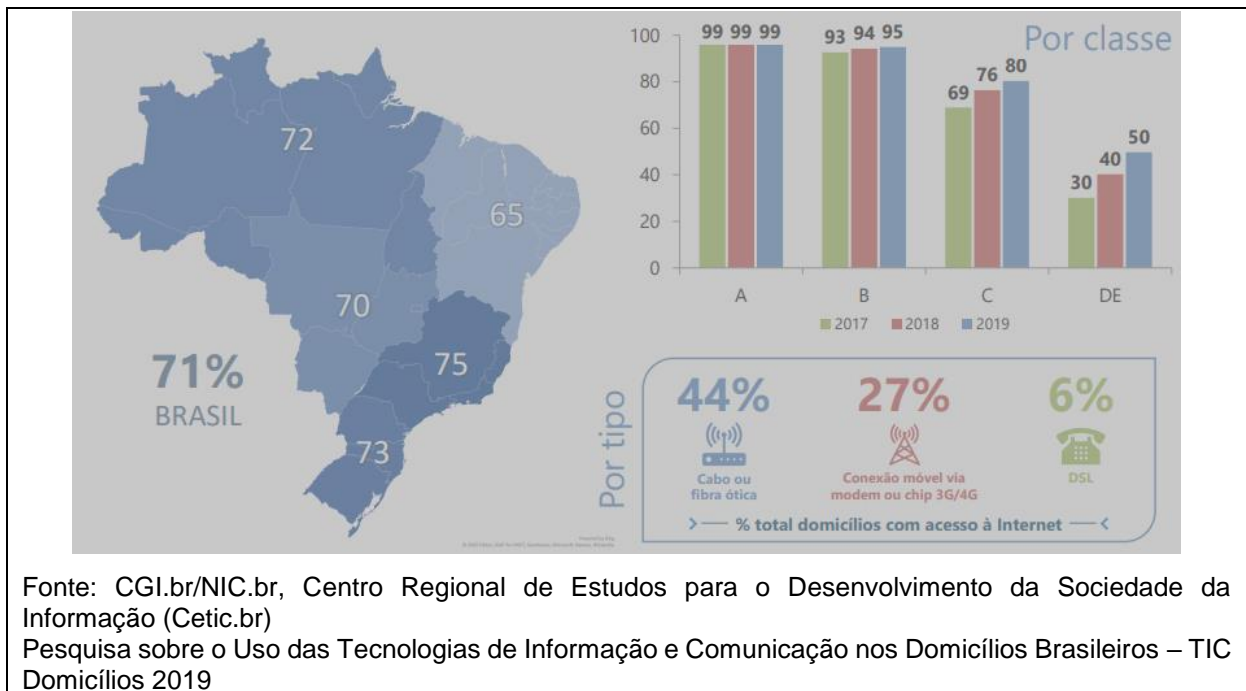
Utilizamos as tecnologias a nosso favor, pois muitas de nossas ações no dia a dia são por meio da rede (internet) e por diversos meios que estão disponíveis gratuitamente ou por um baixo custo para favorecer nossas atividades diárias. Foi por meio da rede (internet) que o mundo pode continuar suas atividades em meio a pandemia da Covid-19. Mas os usuários da rede (internet), precisam ficar atentos as páginas que acessam e as informações que compartilham principalmente em redes sociais e sites de compra.

No artigo, *Tecnologias disciplinares e a escola na época da razão digital: revisitando Vigiar e Punir após 40 anos*, Peters (2015) faz uma associação aos mecanismos de vigilância de FOUCAULT “panóptico” e a vigilância aberta que somos submetidos por meio da rede (internet) que utiliza de diversas tecnologias, para nos monitorar (vigiar), acessar nossos dados e ter total controle sobre nossos momentos de trabalho e lazer.

Uma pesquisa realizada no período de outubro de 2019 a março de 2020 sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos Domicílios Brasileiros, com uma amostra de 71% dos domicílios brasileiros (particulares permanentes), como o objetivo de quantificar o acesso às TIC e o uso da internet, apresentou dados importantes para nossa pesquisa, e que pode nos oferecer uma pista do porquê da pouca ou falta de participação dos alunos nas aulas remotas síncronas tanto comentado pelos professores participantes da pesquisa.

Três destaques da pesquisa já nos esclarecem a falta de acesso dos alunos a plataformas de ensino proposta pelos professores participantes de pesquisa. Vinte e nove por cento (29%) de domicílios não possui Internet e esse percentual quando olhamos para as classes D e E chega a cinquenta por cento (50%). Houve também uma redução de computadores nos domicílios (grande a diferença por classe social) e como ponto positivo o crescimento de banda larga por cabo ou fibra ótica.

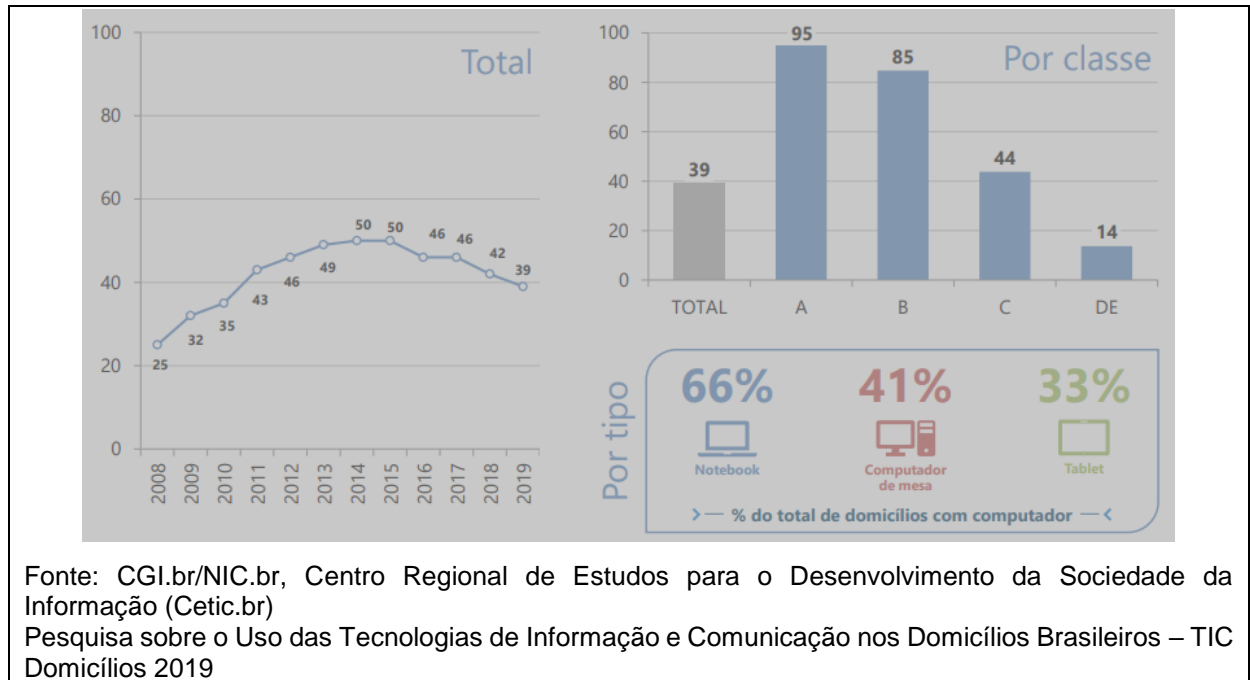
**Gráfico 1: DOMICÍLIOS COM ACESSO À INTERNET (% do total de domicílios)**



Embora não tenhamos feito um estudo para definir a classe social dos alunos e dos professores participantes da pesquisa, sabemos que no Brasil a metade da população se mantém na classe D e E, e, aproximadamente um terço na classe C. Por essa razão, sempre que analisamos os dados olhamos para essas três classes e para o fato de os professores atuarem em escolas públicas no município de Campo Grande (MS).

Observando o gráfico acima, nos três últimos anos (2017, 2018 e 2019), em especial, os domicílios da classe C, D e E, houve um aumento no acesso à internet, porém, aquém do ideal. Já o gráfico abaixo, observamos que apenas catorze por cento (14%) da classe D e E tem computador em casa.

**Gráfico 2: DOMICÍLIOS COM COMPUTADOR (% do total de domicílios)**

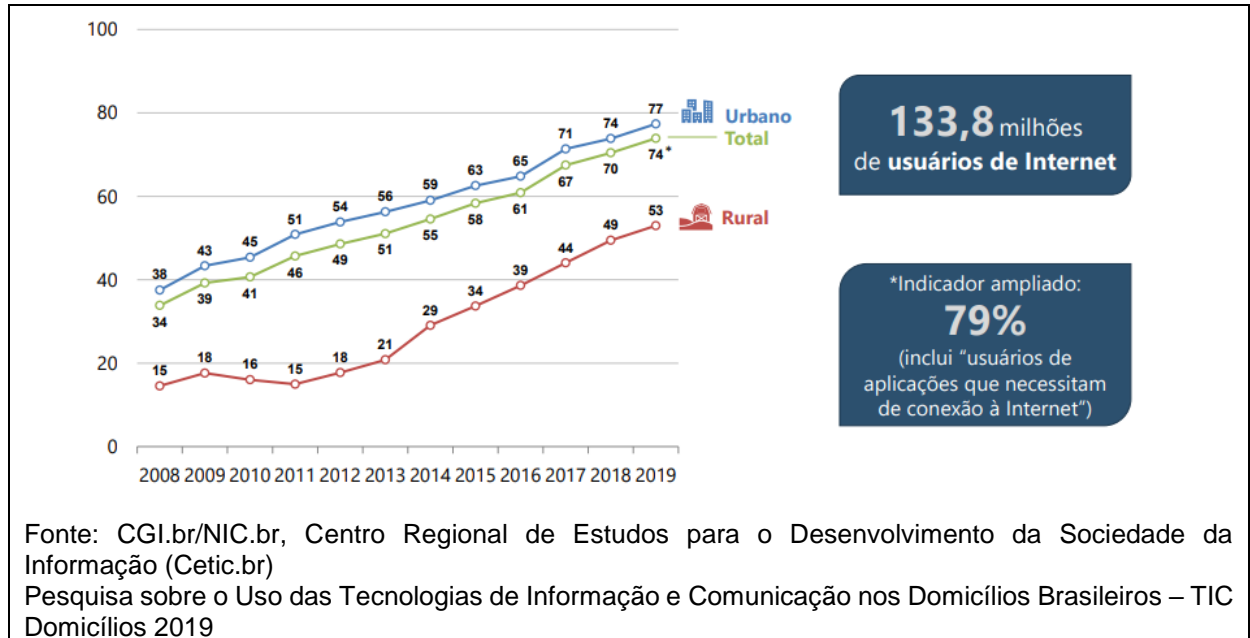


Se apenas catorze por cento (14%) dos domicílios da classe D e E tem computador em casa, entendemos que não foi por esse meio que os estudantes participaram das aulas remotas. Nessa pesquisa não foi investigado o número de domicílios com celulares. Porém, entendemos que não basta ter o artefato em casa se esse não estiver conectado a uma rede de internet. A internet foi uma das principais responsáveis pela comunicação e/ou interação da escola, professores, famílias e alunos. Sem ela, o acesso a rotina da escola no período da pandemia ficou limitado a busca pelas APCs no espaço físico da escola.

O gráfico abaixo apresenta o total de usuários de internet e, podemos observar que em 2019, um ano antes da pandemia, havia um total de apenas setenta e quatro por cento (74%) de usuários da rede. Em média, podemos dizer que um a cada quarto brasileiros não usam a internet. Ou seja, é um serviço necessário (essencial) a população e que ainda não atinge a todos. Porém, observamos que o número de usuários vem aumentando nos últimos doze anos, sobretudo na zona rural. A projeção de aumento na zona urbana em 2020 é de aproximadamente cinco por cento (5%), podendo superar esse percentual de aumento em razão da pandemia da Covid-19 e a necessidade de conectividade da população. A estimativa para 2020 de usuários da internet era de aproximadamente oitenta por cento (80%) e em 2021 de oitenta e

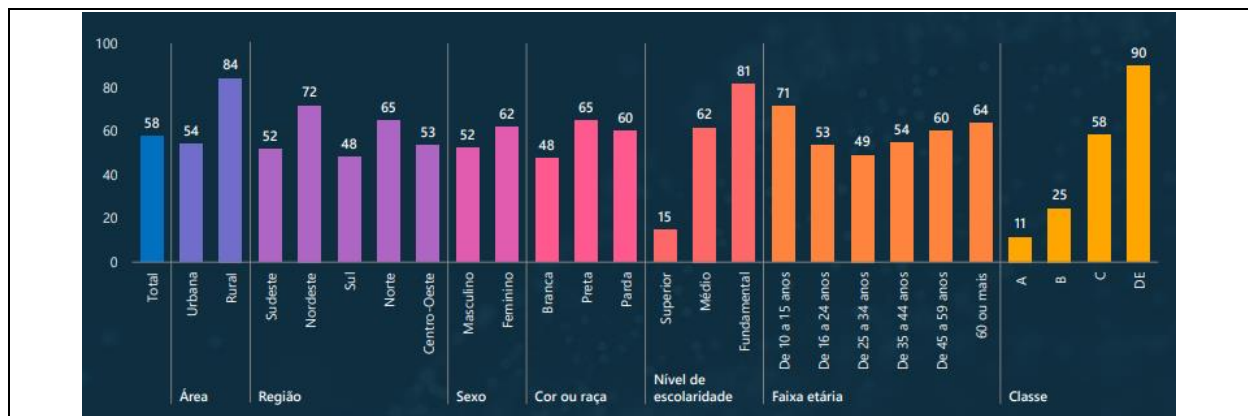
quatro por cento (84%). Atingindo esses percentuais, ainda assim, teremos um grande número de excluídos da rede (internet) e das aulas remotas.

**Gráfico 3: USUÁRIOS DE INTERNET – 2008-2019**



Observando o gráfico seguinte podemos perceber que cinquenta e oito por cento (58%) dos usuários da internet tem acesso exclusivo pelo celular. Olhando os números por classe, esses dados são assustadores. A classe D e E, noventa por cento (90%) tem acesso exclusivo a internet pelo celular. Não sabemos quantos são os aparelhos celulares por indivíduo ou mesmo por residência, mas o fato é, apenas o aparelho celular não garante a conectividade. Outros dados importantes retratados nesse gráfico são o nível de escolaridade e a faixa estaria. Um grande percentual de alunos de ensino médio e fundamental, na faixa etária de 10 a 24 anos usuários da internet exclusivamente pelo celular.

**Gráfico 4: USUÁRIOS DE INTERNET (%), POR ACESSO EXCLUSIVO PELO CELULAR**



Fonte: CGI.br. (2021). Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros – TIC Domicílios 2020.

Esses números nos mostram que possivelmente foi insuficiente o acesso à internet e aos artefatos que possibilitam tal acesso no período estudado. Mas se em meio a pandemia da Covid-19, as tecnologias digitais foram muito utilizadas por professores como ferramentas de ensino nas aulas não presenciais, para manter o contato com os alunos, como isso aconteceu para aqueles que não tinham tais ferramentas? Durante um longo período, a internet foi o elo entre professores e alunos. Temos registro de muitas produções digitais e aulas online que pareciam suficientes para que alunos e professores mantivessem suas funções. Só que o acesso à internet pelos alunos não ocorreu como esperado e as tecnologias digitais que pareciam suficientes para o ensino remoto, não eram acessíveis a todos os estudantes. Tidas como salvadoras, as tecnologias digitais não foram uma opção para todos, e quando falamos em ensino durante a pandemia, é necessário analisar todo o contexto escolar para pontuar se não houve um distanciamento ainda maior entre aluno, escola e professor.

A pesquisa TICs nos Domicílios Brasileiros de 2019 traz outros dados, como por exemplo, as atividades na internet. No entanto, julgamos não serem relevantes para o contexto estudado, embora saibamos que atividades como vídeos, séries, filmes, músicas, jogos, redes sociais, download entre outras são usuais entre os jovens. Essas atividades, entretanto, não foram mencionadas nas narrativas dos entrevistados, embora pudessem ter até mesmo comprometido a participação nas aulas remotas. Outra explicação necessária é o porquê da apresentação dos dados de 2019 e não de 2020. Optei pelos dados de 2019 pois a coleta foi realizada de

outubro de 2019 a março de 2020 (início da pandemia), ou seja, os dados retratam como a população estava quando a pandemia foi decretada. Entendemos que no decorrer do ano a população foi se ajustado, na medida do possível, para ter acesso as TICs.

Trago para o texto algumas notícias de jornais veiculadas no ano de 2020 que apresentam alguns números que podem nos ajudar a compreender o porquê da pouca ou falta de interação dos alunos com os professores. A falta de acesso à tecnologia e a internet, por exemplo, foram matérias amplamente divulgadas nas redes sociais. O jornal eletrônico [g1.globo.com](https://g1.globo.com)<sup>25</sup> baseado no levantamento de dados do "TIC Domicílios 2019", formulado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic, noticiou em 26 de maio de 2020 que 30% dos domicílios no Brasil não têm acesso à internet e, destes, 29,3% não possui rede de água e 60% não possui rede de esgoto. Água e esgoto são serviços essenciais e ainda não é acessível a todos. A professora Alessandra na sua narrativa expõe o quanto os seus alunos são carentes, de tudo.

Famílias com renda de até um salário-mínimo, 50% delas, não conseguem navegar em casa, enquanto as da classe A, apenas 1% não tem conexão. Outro dado interessante publicado neste jornal é a quantidade de pessoas na residência, 15,1% das residências em que há um adulto e uma criança, abrigam 6 ou mais pessoas e em 40% dos casos, há mais de 3 moradores por dormitório. Mal tem espaço para dormir. Será que tem um espaço para estudarem?

Em se tratando de recursos tecnológicos, a televisão é o equipamento mais presente nas residências brasileiras, 96%, porém nas residências da classe D e E, 92%. Em segundo lugar está o celular, presente em 100% dos lares da classe A e 84% da classe D e E. Há casas que só tem um celular utilizado por um adulto, ficando disponível para as crianças e jovens no período noturno.

Computadores portáteis não fazem parte da realidade da classe D e E. Enquanto 90% das residências da classe A possuem notebook e 49% tablete, nas classes D e E esses números caem para 3% e 4% respectivamente. Entre os mais pobres, 71% das crianças e jovens de 9 a 17 anos só acessam a internet pelo celular, já na classe A e B, 26% têm essa restrição uma vez que possuem outros aparelhos. As redes sociais mais utilizadas por crianças e jovens de 9 a 17 anos é o *WhatsApp*,

---

<sup>25</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/26/66percent-dos-brasileiros-de-9-a-17-anos-nao-acessam-a-internet-em-casa-veja-numeros-que-mostram-dificuldades-no-ensino-a-distancia.ghtml>

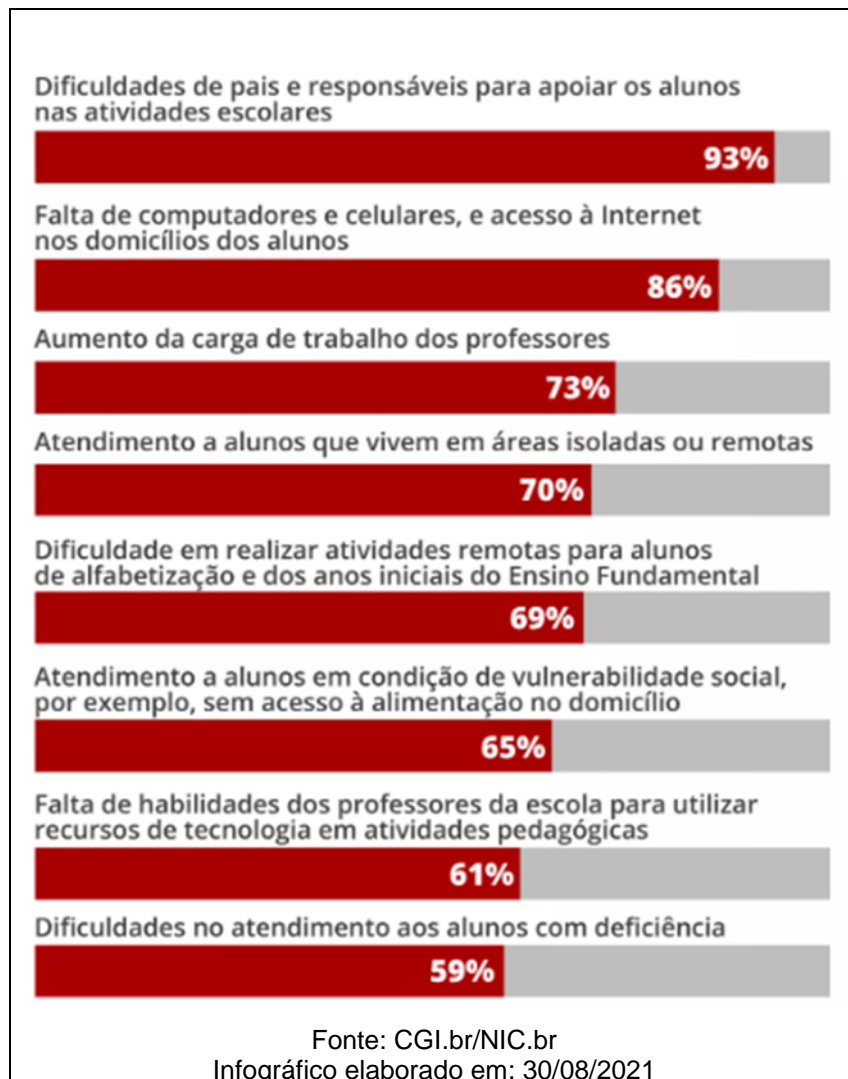
70%, o *FaceBook*, 66% e o *Instagram*, 45%. Os mais ricos, 81% trocam mensagens pelo *WhatsApp* e entre os mais pobres, o índice cai para 63%.

Outra matéria vinculada pelo mesmo jornal<sup>26</sup>, noticiou em 31 de agosto de 2021 que a falta de internet na casa dos alunos dificultou o ensino remoto em 8 de cada 10 escolas. A pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic ouviu representantes de 3,6 mil estabelecimentos de todo o país que apontou, também, a pouca ajuda dos pais e responsáveis aos estudantes como mais um problema relatado por 93% das escolas pesquisadas. Os dados dessa pesquisa foram coletados por telefone no período de setembro de 2020 a junho de 2021 e nos revela que 86% dos alunos no país foram afetados pela falta de computadores, celulares e internet. Entre as escolas municipais o percentual chega a 93%, nas escolas estaduais, 95% e na rede particular 58%.

---

<sup>26</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/31/pesquisa-cetic-ensino-pandemia.ghtml>

**Figura 3: DESAFIOS ENFRENTADOS DURANTE A PANDEMIA<sup>27</sup>**



A pesquisa levantou as estratégias utilizadas pelas escolas para dar continuidade às aulas, ainda que remotas, durante a pandemia. A estratégia mais utilizada, 93%, foi a distribuição de atividades e materiais pedagógicos impressos, entregues aos pais e responsáveis, 91%, criação de grupos de aplicativos em redes sociais para falar com alunos e pais e responsáveis e 79%, a gravação de aulas em vídeo. As estratégias aqui citadas também foram utilizadas pelos nossos entrevistados. Outro dado interessante, apresentado no Infográfico, para discutirmos, é a falta de habilidades dos professores da escola para utilizar recurso de tecnologia em atividades pedagógicas. Com isso, entendemos que não só alunos e famílias tiveram dificuldades nesse período da pandemia para acessar as aulas remotas por

<sup>27</sup> Figura 5 disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/31/pesquisa-cetic-ensino-pandemia.ghtml>, acesso em 03 de julho de 2022.

meios digitais, mas também os professores em as preparar utilizando-se de recursos digitais.

Em matéria vinculada na BBC News/Brasil São Paulo<sup>28</sup>, em 3 de maio de 2021, traz a seguinte manchete “Ensino remoto na pandemia: os alunos ainda sem internet ou celular após um ano de aulas à distância”. Embora essa matéria reflita a realidade de São Paulo, o maior município do país, ilustra uma realidade vivenciada em todas as regiões do Brasil.

Um levantamento feito, em novembro de 2020, pelo Unicef, o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância, nos mostra que quase 1,5 milhão de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos, no Brasil, não frequentavam a escola (remota ou presencialmente). Outros 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram estudar em casa. No total, 5,1 milhões tinha acesso à educação. Entre essas crianças e adolescentes sem educação, 41% tinham de 6 a 10 anos de idade; 27,8% tinham de 11 a 14 anos; e 31,2% tinham de 15 a 17 anos. Dados que nos remetem a faixa etária dos alunos atendidos pelos sujeitos da nossa pesquisa.

Num estudo realizado pelos pesquisadores Barberia, Cantarelli e Schmalz (2020) foram apresentados, os estados e capitais brasileiras, que possuíam programas de ensino remoto, durante a Pandemia da Covid-19, entre os meses de março a outubro de 2020. Quatro componentes foram investigados com a finalidade de observar se os programas os contemplavam: (a) meios de transmissão<sup>29</sup>, (b) formas de acesso, (c) supervisão dos alunos e (d) cobertura. A internet foi apontada como o principal meio de transmissão das aulas remotas e até abril, aproximadamente 60% dos estados a utilizava e esse percentual em julho atingiu 90%. A televisão foi um meio utilizado por 50% dos estados e o rádio utilizado apenas no Acre, Maranhão, Paraíba e Tocantins. “[...] quase totalidade dos Estados decidiu pela transmissão via internet, (mas) apenas cerca de 15% deles distribuíram dispositivos e menos de 10% subsidiaram o acesso à internet” (BARBERIA, CANTARELLI, SCHMALZ, 2020, p. 10).

---

<sup>28</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56909255>

<sup>29</sup> (a) Os meios e canais utilizados para oferecer aulas à distância, vídeos ou conteúdo educacional aos estudantes, como rádio, televisão ou internet. (b) Os materiais, dispositivos e tecnologias disponibilizados para oferecer a alunos e professores acesso às aulas e aos conteúdos, como celulares, tablets, apostilas ou quaisquer formas de subsídio à internet. (c) As responsabilidades de supervisionar e garantir a frequência dos alunos nas aulas, além do monitoramento das atividades propostas, se atribuídas a professores e escolas, às instituições educacionais dos governos, ou a ambos. (d) os níveis educacionais cobertos, como infantil, fundamental e médio ou EJA (Educação de Jovens e Adultos) no caso das capitais. (BARBERIA, CANTARELLI, SCHMALZ, 2020, p. 6)

As apostilas foram os meios de acesso mais utilizados nos estados e nas capitais. No quesito supervisão dos alunos, momento fundamental para manter o contato com o aluno e a produtividade mesmo que em atividades remotas, foi observado na pesquisa, que embora essa função fosse de professores, escolas e secretarias de ensino, quem mais desempenhou este papel foram os professores e a escola. A respeito da cobertura do programa, o estado da Bahia não apresentou nenhum plano para o período de aulas remotas e entre as capitais, apenas 22 planos foram apresentados para o ensino fundamental.

A partir desses dados gerais dos estados e capitais, vamos nos restringir a partir de agora, aos dados do estado de Mato Grosso do Sul - MS e da sua capital Campo Grande, por ser o local onde acontece a nossa pesquisa. O estado de MS ficou aproximadamente 35 dias sem aula desde a suspensão das aulas em 23 de março de 2020 e em Campo Grande esse período foi de 15 dias. Há uma variação nesses dados, devido a autonomia das escolas de implementar estratégias neste início de suspensão visto que ninguém sabia ao certo quais as medidas seriam as mais adequadas. Os Programas de Educação Remota consideraram a internet como o principal meio de transmissão das aulas, porém na região Centro-Oeste há apenas 70% dos domicílios com internet. Utilizaram também como meio principal de acesso às aulas o *WhatsApp*, que em MS, 90% da população possui o aparelho celular, mas 60% na modalidade pré-pago e apenas 29% na modalidade ilimitado. Nossos entrevistados citaram em suas narrativas as dificuldades que os alunos tinham em acompanhar as aulas *on-line* para baixar as videoaulas devido à restrição dos dados móveis. “A maioria deles tem internet apenas por dados móveis, o que não é suficiente para entrar e assistir a aula” (trecho da narrativa da professora Alessandra).

Roberta Campos, educadora e diretora de pesquisa da startup descomplica, em entrevista à CNN Brasil<sup>30</sup>, apresenta os resultados da pesquisa realizada em setembro de 2021 que ouviu 800 pais e responsáveis por crianças e adolescentes do ensino fundamental II e do ensino médio no país e que frequentavam as aulas naquele ano. A pesquisa aponta que o acesso à internet ou a falta do recurso foram as maiores dificuldades para acesso às aulas remotas. Dos entrevistados, 80% relataram problemas com infraestrutura (falta de equipamentos/internet e/ou conectividade e, dificuldades no uso de plataformas digitais). Outros 54% esbarraram em barreiras

---

<sup>30</sup> <https://youtu.be/o4g7DMWE6pk>, <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-maioria-dos-estudantes-teve-problemas-no-acesso-a-internet-durante-aulas-remotas/>

socioemocionais e 16% enfrentaram questões de letramento digital. Nas narrativas dos nossos entrevistados eles externam a dificuldade em vivenciar o trabalho em meio a essa pandemia. A professora Alessandra relatou que precisou de ajuda médica e remédios para estabilizar o emocional.

Tivemos que lidar com os problemas emocionais de alguns colegas. Eu, inclusive, precisei de ajuda médica e remédios para estabilizar meu emocional. Demorou uns meses para eu ficar bem, em agosto, setembro, que comecei a estabilizar. Mas fiquei com muito medo dessa pandemia e foi um ano de muitas incertezas. Mexe muito com o emocional de qualquer pessoa (trecho da narrativa da professora Alessandra).

A pesquisa mostra ainda que um terço dos entrevistados não possuíam equipamentos e cômodos exclusivos para o ensino remoto e que 49% dos alunos da classe D e E compartilhavam o equipamento. O celular foi citado como o equipamento mais utilizado e que em muitos casos era utilizado também para alguma atividade econômica. A pesquisa constatou que o celular foi o principal meio de interação entre alunos, professores, famílias e colegas de trabalho e que o apoio das famílias foi fundamental para as crianças e adolescentes conseguirem manter o estudo.

*Google Classroom, WhatsApp, e-mail, Google Meet* e APCs impressas foram alguns dos meios utilizados para trabalhar com os estudantes no período de aulas remotas e a disponibilização das atividades impressas na escola para estudantes que não tinham acesso à internet ocorreu nas cinco escolas nas quais os entrevistados trabalhavam. A internet, infelizmente, foi um problema para a maioria dos estudantes. O professor Bruno nos relatou que alguns alunos faziam download das aulas aos sábados, quando estavam na casa de algum parente e que ligavam para ele pedindo a aula. Embora não fosse o horário de trabalho dele, ele atendia.

A professora Alessandra nos relatou que muitos de seus alunos não têm nem o que comer, como poderiam ter internet? A escola em que a professora Alessandra trabalha está localizada na periferia da cidade, no bairro Parque do Lageado, uma comunidade muito carente, no município de Campo Grande (MS) onde muitas famílias moram próximas a uma UTR<sup>31</sup>.

O professor Otto nos relatou que se dedicava na elaboração da APC e buscava produzi-la o mais bem explicada possível, pois como a maioria não tinha acesso à

---

<sup>31</sup> Usina De triagem De Materiais recicláveis da Coleta Seletiva de Campo Grande Resíduos. R. Cecílio Arruda de Araújo, 1450 - Parque do Lageado, Campo Grande – MS.

internet, a realização de aulas síncronas ou mesmo o contato com ele era algo difícil de acontecer.

A professora Thayna disse que embora a escola na qual trabalha pertença a periferia<sup>32</sup>, é difícil encontrar aluno sem celular. Porém, nem todos tinham acesso à internet para participar das aulas. “Poucos são os alunos com internet suficiente para atender a uma videochamada, tanto que a participação no *Google Meet* era pequena, o máximo de alunos que consegui juntar numa aula foi sete de uma turma de quase 30” (trecho da narrativa da professora Thayna).

O professor Wagner sabia que nem todos os alunos tinham acesso à internet e com isso enviava as atividades no WhatsApp por ser uma rede social de fácil acesso. Não só a tecnologia e a falta de acesso à internet dificultavam a participação do estudante às aulas remotas, como também casos de doenças na família, desempregos, perdas familiares entre outros. Cada professor e professora buscou, devido à emergência sanitária instalada, um meio para se aproximar e manter contato com os estudantes.

A professora Thayna, por exemplo, salvou o contato de seus alunos no celular, pois fazia questão de tratá-los pelo nome. “Eu sabia exatamente quem falava comigo, com quem eu tinha que falar, as conversas que eu tinha com todos eles, porque você chamar o aluno pelo nome e tratar ele de forma pessoal faz muita diferença” (trecho da narrativa da professora Thayna). Ela relatou na entrevista o caso de uma aluna que era muito boa presencialmente e no remoto caiu o rendimento. Em contato com a aluna para saber o que estava acontecendo, a aluna relatou que sua preocupação era não ter pensamentos suicidas.

As matérias apresentadas acima, a pesquisa de Barberia, Cantarelli e Schmalz (2020) e Roberta Campos (2021), traz dados quantitativos acerca dos movimentos realizados em 2020 e 2021 por conta da pandemia da Covid-19. Com isso, algumas reflexões a partir destes dados e das narrativas dos participantes dessa pesquisa são possíveis. Nas narrativas é perceptível a preocupação dos professores com o acesso dos alunos às atividades. No início do período de suspensão das aulas, muitas tentativas com diversos meios tecnológicos (*classroom, e-mail, WhatsApp, facebook*) foram testadas, porém em todas elas a internet era o meio indispensável. Os professores sabiam que uma boa parcela dos alunos tinha o aparelho celular e o

---

<sup>32</sup> A escola Valdemir se localiza no bairro Moreninhas, bairro distante aproximadamente 13 km do centro da cidade. É uma escola de autoria, que foi reformada há poucos anos. Há outras três escolas no bairro.

utilizavam principalmente para acesso a redes sociais e jogos. Mas, para participar das aulas, baixar um arquivo, não conseguiam. Muitos passaram a utilizar principalmente as apostilas (APCs) impressas e retiradas nas escolas, mas a interação com o professor para desenvolver a atividade também dependia da internet.

## 2 CAMINHOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS NA PESQUISA

*A experiência de transcrever a entrevista foi extremamente dolorosa. Ouvir a gravação, digitar, ouvir novamente, escrever, reescrever e perceber que o trabalho não rende. Me debruçava por duas horas sobre as entrevistas para conseguir transcrever uma página e meia. A sensação que eu tinha é que esse trabalho não teria um fim. Ouvia o áudio, transcrevia, voltava a ouvir e percebia que havia faltado algo ou que a oração não havia ficado fidedigna, ouvia mais uma vez... o trabalho foi muito exaustivo e pouco produtivo. As transcrições foram momentos da pesquisa que me desanimaram um pouco, pois não tinha muito tempo para fazê-las e o tempo que as fazia não rendia quase nada. Tenho muita dificuldade na escrita e sou muito crítica comigo. Fazer as transcrições me causou um certo sofrimento porque o texto oral transcrito as vezes não tinha nenhum sentido e eu não queria alterá-lo. Às vezes até alterava sem perceber, porém, quando escutava novamente o áudio percebia e corrigia (texto da autora).*

### 2.1 História Oral

No processo de desenvolvimento da pesquisa, nas ações empreendidas e nos estudos realizados, buscamos compreender como professores de Matemática da Rede Estadual de Ensino (REE) do município de Campo Grande (MS) vivenciaram e produziram diferentes escolas durante o período da pandemia Covid-19. Para isso, os dados desta pesquisa foram elaborados a partir de entrevistas orais realizadas com professores de matemática de escolas estaduais de Campo Grande (MS). Para a realização das entrevistas, nos baseamos na metodologia de pesquisa História Oral, que tem por objetivo a constituição de fontes por meio da oralidade, e como pressuposto, a potência da construção de narrativas a partir de entrevistas.

[...] a História Oral é uma metodologia de pesquisa que tem a intenção de registrar perspectivas subjetivas narradas por depoentes que o pesquisador julga serem fundamentais para compreender determinado tema. Essas narrativas são criadas oralmente e registradas em momentos de entrevista. (GARNICA; GOMES, 2020, p. 16)

Pensando na potência dessa metodologia de pesquisa diante do cenário que adentrei a pesquisar, as narrativas dos depoentes são fundamentais para compreensão de como a escola foi produzida por professores durante o período pandêmico. Para além da compreensão do tema de pesquisa, a História Oral tem também como função “conhecer, registrar e divulgar narrativas de atores que vivenciaram determinada situação, em determinados espaços e tempos” (GARNICA; GOMES, 2020, p. 21), situações vividas em seus espaços de isolamento e constituídas em meio ao caos vivenciado durante o ano de 2020.

Nesta pesquisa, ao produzir narrativas em momentos de entrevista, entendemos que os personagens que narram estão envolvidos num determinado acontecimento (espaço e tempo) que se deseja investigar. Entendemos que o discurso é carregado de subjetividades e o significado da narrativa está sujeito as multiplicidades de interpretações que cada um faz da história narrada. Para Galvão (2005, p. 328) “narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo”.

Em 2020, bem sabemos que as pessoas reagiram de diferentes modos a pandemia. Os impactos não foram apenas negativos. Muitos se beneficiaram com o trabalho home-office, pois puderam economizar tempo e dinheiro no deslocamento para o trabalho e ficar mais à vontade trabalhando no conforto do lar. Mas também, houve demissão em massa em vários setores, com isso o aumento da taxa de desemprego e vulnerabilidade da classe E (até dois salários-mínimos). Ao mesmo tempo em que alguns empresários fecharam as portas, outros faturavam com produtos específicos para o período da pandemia, como máscaras, álcool em gel e aferidores de temperatura. A procura por serviços como o *ifood*, aumentou tendo em vista a necessidade de sobrevivência de bares e restaurantes, durante os longos períodos de fechamento. Mas não só isso, o que mais nos impactou nessa pandemia foram as perdas de familiares, amigos e o alto número de óbitos no mundo noticiados diariamente pelas mídias digitais. Todas essas questões atravessaram nossos entrevistados. Multiplicidades de sentimentos que os afetaram diante do cenário da pandemia e que influenciou diretamente a narrativa que eles construíram. Uma experiência singular, que se originou numa pluralidade de histórias de professores em meio a pandemia.

Cury, Souza e Silva (2014), corroboram com a argumentação anterior ao entenderem que:

Narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. Esse contar, é importante ressaltar, se dá sempre em direção a alguém. Desse modo, a narração prevê um posicionamento frente ao outro (CURY, SOUZA, SILVA, 2014, p. 915).

As narrativas são totalmente dependentes do contexto social e histórico e articuladas a partir de outras narrativas que atravessam o estar narrando um determinado evento. Narrar é também organizar suas experiências vividas. É criar uma história que faça sentido naquele momento, atravessada por outras

interpretações do que foi vivido. É criar uma narrativa reflexiva, uma história que corresponda a um dado evento, mas com a perspectiva do presente.

No trabalho aqui realizado, a História Oral foi uma metodologia de pesquisa potente, uma vez que nos permitiu escrever histórias, analisar subjetividades e constituir fontes para pesquisas. Se entendermos a História Oral tal qual Porteli (2016), podemos dizer que ela é a arte da escuta e que engloba um conjunto de relações

A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);  
 A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);  
 A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;  
 A relação entre a oralidade de fonte e a escrita do historiador (PORTELI, 2016, p. 12).

Ainda segundo Porteli, o importante é que o entrevistador se sinta confortável em participar da entrevista e que o diálogo estabelecido transmita confiança e segurança para ambos. Ativar a memória, relembrar o passado e criar uma narrativa a partir de um fato ocorrido, pode trazer à tona outras histórias que tenham surgido em consequência do fato investigado. Razão pela qual, o investigador precisa estar sempre atento ao que é narrado. Além disso, “o que faz com que as fontes orais sejam importantes e fascinantes é precisamente o fato de que elas não recordam passivamente os fatos, mas elaboram a partir deles e criam significado através do trabalho de memória e do filtro de linguagem” (PORTELI, 2016, p. 18).

A memória nos faz criar no presente uma história de um determinado episódio do passado, narrado do modo que o interpretamos no presente, carregada de reflexões e construída a partir do que de fato quer ser dito e o que daquele passado o afeta no momento da narrativa.

Ao mesmo tempo que a memória é episódica, seletiva e reconstrutiva, compreendemos que puxar pela memória e narrar acontecimentos a partir de lembranças abrigam um fazer criativo. Isso significa que, ao recontar nossas histórias, além de exercermos o direito a escolhas de episódios, também escolhemos como abordá-los de maneira distinta e reflexiva. A força produtiva da memória se manifesta também de forma inventiva, criando narrativas com detalhes que não podem ser, necessariamente, evidenciados, mas que são testemunhos da nossa subjetividade (MARTINS, TOURINHO, 2017, p. 481).

Entendemos que outra história é criada a partir da narrativa de um evento passado. E que um mesmo evento vivenciado por diversos autores, nos traz múltiplas histórias, pois pode ter significados múltiplos para cada autor. A memória traz à tona

diversos acontecimentos de um determinado evento, onde cada autor escolhe como abordá-los e cria uma narrativa carregada de subjetividades.

De acordo com Silva e Fillos (2020), devido ao fato de as fontes orais serem oriundas da memória, sua credibilidade é questionada por serem fontes subjetivas. Porém, não só as fontes orais, mas também as fontes escritas, são subjetivas. O que ocorre nas fontes orais é uma seletividade do que será narrado, e possivelmente o não narrado tenha um porquê. As autoras discutem ainda algumas potencialidades da História Oral como metodologia de pesquisa. Para elas, trabalhar com a história oral

[...] possibilita uma multiplicidade e pluralidade de visões [...], aflora a subjetividades de narradores que não são encontrados em documentos escritos, colabora para a constituição de fontes historiográficas [...], apresenta as narrativas de envolvidos na integra [...], exprime confiabilidade das textualizações [...], permite o diálogo com fontes de outras naturezas [...] e traz questões concernentes à oralidade (SILVA, FILLOS, 2020, p. 75-76)

Essas potencialidades fazem com que a pesquisa vá se constituindo no processo, em meio a questionamentos e incertezas que vão surgindo. A metodologia vai se moldando e ganhando forma durante a produção. As narrativas movimentam o caminhar na pesquisa e nos permitem produzir em coautoria com os entrevistados.

Para Reis e Gonzales (2019, p. 170) “A História Oral pode, então, ser compreendida como um método autobiográfico, em que aquele que narra constrói uma versão histórica em direção daquele que escuta, uma narrativa repleta de sentimentos, sensações e experiências”. Desse modo, a história oral, possibilita a criação de novas versões de histórias a partir de outros narradores do mesmo fato. Não há neutralidade na pesquisa uma vez que ela se constitui coletivamente.

Seguindo a dinâmica dos pesquisadores do Grupo de Pesquisas História Oral e Educação Matemática (GHOEM) e do Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) em operar pesquisas com a história oral como metodologia, alguns procedimentos orientam o percurso e a produção dos dados. Esse movimento inicia na escolha dos participantes e elaboração de um roteiro para a entrevista. O roteiro é apenas um direcionamento para a conversa e pode se modificar durante as entrevistas caso não esteja contemplando as questões propostas. Segundo Souza (2011), o roteiro tende a contemplar histórias de vidas ou histórias temáticas. Quando se trata de histórias de vida, o roteiro traz questões abertas para que o pesquisador tenha mais liberdade na sua fala. Se a opção for por histórias temáticas, uma palavra, uma imagem, uma fotografia, esses, são disparadores para a conversa. Os

participantes podem ser escolhidos por meio de critérios estabelecidos, como rede de contatos, atores de uma determinada instituição, de um determinado período da história, fenótipos, indicações entre outros.

Roteiro definido e participantes escolhidos, é preciso planejar as entrevistas. Para isso, a escolha do local e a seleção dos equipamentos devem ser cuidadosamente definidos. O ambiente deve ser agradável e silencioso, seja presencial ou não-presencial. É aconselhável testar os equipamentos para gravação e possuir equipamentos reserva. Para a gravação é fundamental a autorização do participante por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após realizadas as entrevistas, avançamos para as edições do texto oral. Num primeiro momento, a transcrição, será realizada respeitando as pausas, vícios de linguagem, silenciamentos, risos, entre outras marcas da oralidade e nesse momento é recomendável transcrever todo texto oral. E num segundo momento, a textualização, onde editamos a transcrição, limpando o texto, deixando-o mais fluente. A recomendação de Porteli (2016) nesta fase do trabalho com fontes orais é deixarmos um traço da oralidade para não separar o evento da linguagem que é narrado.

Para finalizar a produção dos dados da pesquisa o entrevistado recebe a textualização e pode se preferir subtrair informações que ele não queira mais que seja divulgada, corrigir equívocos no texto escrito ou até mesmo acrescentar informações que julgar importantes. A narrativa final só poderá ser utilizada após cessão de uso da textualização para a pesquisa. O pesquisador de posse desse direito pode caminhar na pesquisa fazendo as análises do material produzido em coautoria com os participantes da pesquisa.

As possibilidades de análise das narrativas são múltiplas e depende da abordagem do pesquisador. O leitor pode construir outros significados para o mesmo texto. Entendemos que na análise engendrada nesta pesquisa busca estabelecer relações entre as convergências das narrativas elencando categorias para a discussão.

## **2.2 Procedimentos Metodológicos**

A cidade de Campo Grande (MS) foi fundada em 26 de agosto de 1899 e elevada a capital de Mato Grosso do Sul (MS) em 11 de outubro de 1977. É um município de extensão territorial de aproximadamente oito mil quilômetros quadrados

(IBGE, 2020), situada na região centro-oeste do Brasil e na região central do estado de MS.

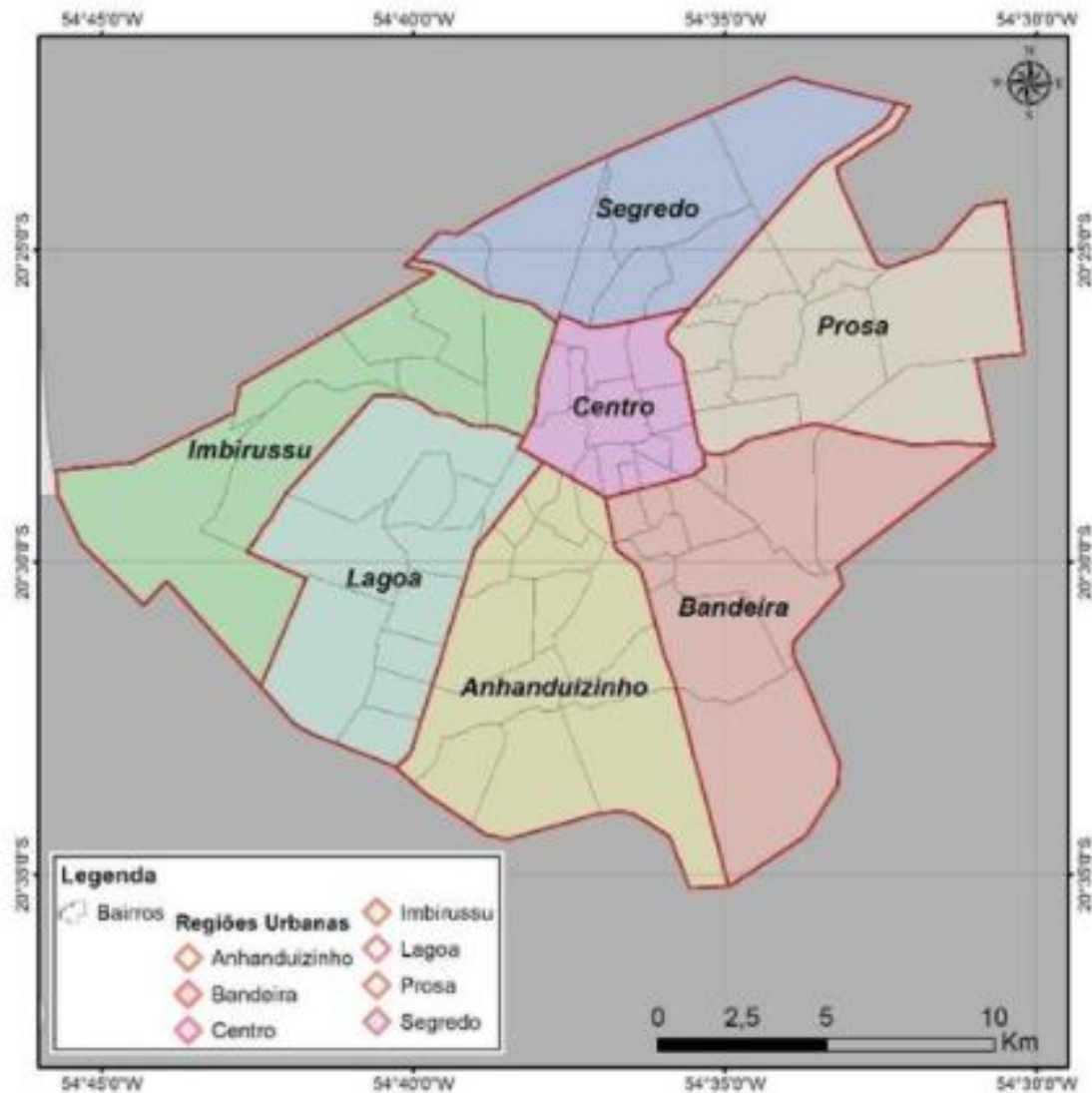
**Figura 4: MAPA POLÍTICO DO BRASIL**



Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/geografia/capitais-brasileiras> (acesso 31/03/2022)

A cidade de Campo Grande (MS) possui pouco mais de 900 mil habitantes, divididos em sete regiões que possuem escolas estaduais, municipais e particulares e setenta e nove bairros distribuídos nessas sete regiões. A Rede Estadual de Ensino (REE) possui, só em Campo Grande, oitenta e quatro escolas que estão espalhadas pelas sete regiões da cidade, a saber: Centro, Segredo, Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa e Imbirussu, conforme apresentado no mapa abaixo.

**Figura 5: MAPA POLÍTICO DO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE (MS)**



Fonte: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-da-area-de-estudo-A-Localizacao-do-municipio-de-Campo\\_fig1\\_288666980](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-da-area-de-estudo-A-Localizacao-do-municipio-de-Campo_fig1_288666980)

A intenção inicial da pesquisa era entrevistar um professor de cada região de Campo Grande para que pudéssemos ter uma percepção de como a escola aconteceu em diferentes comunidades. Porém, essa configuração inicial foi se modificando e apenas quatro regiões foram contempladas conforme apresentado no quadro abaixo.

**QUADRO 2: PARTICIPANTES DA PESQUISA**

ENTREVISTADO	ENTREVISTA	ESCOLA ESTADUAL	REGIÃO
Alessandra Gonzalez Tenório	15/02/2021	Prof <sup>a</sup> . Thereza Noronha de Carvalho (50005863)	Anhanduizinho
Augusto Otto Cannataro Farina	10/02/2021	Amando de Oliveira (50006380)	Anhanduizinho
Bruno do Nascimento Pereira	14/02/2020	Aracy Eudociack (50005731)	Lagoa
Thayna Alcântara	18/02/2021	Waldemir Barros de Silva (50006240)	Bandeira
Wagner Allén Estigarrivio	15/02/2021 16/05/2021	Joaquim Murtinho (50006410)	Centro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Pelo quadro podemos perceber que as regiões Segredo, Prosa e Imbirussu não foram contempladas e a região Anhanduizinho, duas vezes. No entanto, embora as escolas Prof<sup>a</sup>. Thereza Noronha de Carvalho e Amando de Oliveira pertençam a uma mesma região tem realidades bem diferentes pelo que observamos nas narrativas dos professores. Uma escola localizada mais próxima da região central e a outra nos limites da região, mais próxima da periferia da cidade.

Os entrevistados foram contatados inicialmente a partir de uma lista de participantes de um curso de extensão<sup>33</sup> ofertado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) pela orientadora deste trabalho. O curso de extensão abordava a utilização da mesa digitalizadora como recurso didático nas aulas on-line de matemática. Entendemos que os professores que se propuseram a participar do curso tinham interesses em conhecer outros recursos tecnológicos e com isso poderiam estar desenvolvendo algum trabalho específico na escola. Três dos cinco participantes da pesquisa foram escolhidos a partir do curso, os demais foram indicados, o que (GARNICA; GOMES, 2020, p. 32) define como “critério de rede”, ou seja, os entrevistados indicam outros possíveis entrevistados a partir da sua rede de contato e que julgam contribuir para a pesquisa. Às vezes, quando a narrativa é produzida, aparece na fala do entrevistado um personagem que é importante para a pesquisa, diante disso, fazemos o convite para entrevistá-lo. Embora nossa pretensão

<sup>33</sup> A utilização da mesa digitalizadora no ensino remoto de Matemática.

inicial fosse entrevistar um professor de cada região do município de Campo Grande (MS), vimos que as cinco narrativas eram suficientes para o objetivo proposto.

Do curso de extensão, Bruno, Thayna e Otto aceitaram prontamente a participar da pesquisa. No momento do convite, observamos a que escolas eles pertenciam, pois estávamos construindo um critério para a seleção dos entrevistados. Parecia fazer sentido, ouvir a narrativa de professores de diferentes regiões, uma vez que as realidades se distanciam substancialmente dentro de um mesmo município.

Idealizamos fazer a entrevista com um deles, ouvir os áudios gravados, transcrever as conversas e textualizar cada entrevista antes de avançar para o próximo entrevistado. Gostaríamos de executar todos os procedimentos da metodologia de pesquisa e só assim, avançar para o próximo entrevistado. Porém, não ocorreu como planejado. Para a realização das entrevistas foi encaminhado um e-mail para cada entrevistado convidando-o formalmente a participar da pesquisa e em anexo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) explicando a pesquisa, como se daria a produção de dados e os riscos e benefícios caso aceitasse participar. O TCLE após lido e assinado pelos participantes da pesquisa foram devolvidos e serão arquivados pela pesquisadora, assim como, as cartas de cessão (que aparecerão no texto mais adiante) de direitos de uso da entrevista concedidas pelos entrevistados após leitura das textualizações.

Com a primeira entrevista agendada, nos debruçamos sobre a escrita do roteiro para a entrevista. Quais questões colocar no roteiro? Algumas recomendações pareciam fazer sentido. Não ser direta nas perguntas e nem elaborar uma pergunta esperando uma determinada resposta. Evitar perguntas que tivesse como resposta sim ou não, não antecipar as perguntas, fazer um roteiro mais objetivo e enxuto, não perguntar já dando a resposta. Com tantas perguntas e diretrizes, a escrita do roteiro não foi um trabalho fácil.

[...] os roteiros abordam uma primeira questão mais ampla com o intuito de disparar um processo dialógico entre entrevistador e entrevistado. Tal processo, entretanto, deve privilegiar a fala do depoente, suas amarras e sequências, pois é neste fluxo narrativo que se está, inicialmente, interessado. (SOUZA, 2011, p. 75).

No ano de 2020, eu atuava como professora de matemática em uma escola do estado, assim como os entrevistados. Talvez por isso, sempre que pensava nas questões para o roteiro, as possíveis respostas vinham quase automáticas na minha mente. Eu estava vivendo uma realidade próxima à deles e é possível que a minha

prática em sala de aula tenha conduzido de alguma forma as questões que propusemos para o roteiro.

Num primeiro momento escrevi muitas questões e quase todas de caráter objetivo. Por entender que o roteiro estava muito direcionado, reescrevi a proposta que ficou mais abrangente e livre para o entrevistado responder. Ainda assim, a partir de algumas discussões com a orientadora, fiz ajustes para favorecer a conversa. Para Pinto (2013, p. 25) o roteiro potencializa as narrativas sem conduzir de forma rígida a entrevista. Ele acredita também que no momento da entrevista o participante fala na direção do pesquisador.

Embora o roteiro seja apenas para direcionar a conversa, é bem interessante como muitas vezes, podemos ficar presas a ele. Não temos o controle das narrativas dos entrevistados e muitas vezes eles começam a falar sobre um tema previsto no roteiro que contempla mais de uma questão para aquele momento. Há uma certa apreensão por parte do pesquisador em não perder nenhuma questão. Em algumas entrevistas, me vi presa ao roteiro com medo de faltar alguma coisa, o entrevistado ia para outros caminhos, tomava atalhos e desvios, o que me causou uma certa angústia.

Optamos por realizar as entrevistas via *Google Meet*, por ser uma plataforma de videoconferência que, à época, estava disponível gratuitamente e amplamente utilizada devido ao contexto de pandemia. Além disso, era uma possibilidade para a condução das pesquisas que utilizam entrevistas orais como método, respeitando os protocolos de distanciamento social. Os pesquisadores Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020) apontam para as potencialidades (*Google Meet, GoToMeeting, Skype, Webex, WhatsApp, Zoom*) e desafios na coleta de dados durante a pandemia da Covid-19. As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) possibilitaram a continuidade das pesquisas ainda que a confiabilidade e segurança dos equipamentos cause uma certa insegurança. A instabilidade da Internet e a falta de um local privativo e silencioso para realização das entrevistas *on-line* foi um desafio, visto que as famílias estavam em casa devido aos protocolos de saúde pública.

A primeira entrevista foi realizada com o professor Bruno. A entrevista foi muito boa, ele discutia questões pontuadas por mim e ainda ampliava as discussões. Feita a entrevista, o processo de transcrever acabou se mostrando muito exaustivo. Minha preocupação era trazer para o texto escrito, a entrevista oral sem nenhuma edição. Talvez essa rigidez que propus na estrutura da transcrição tenha deixado o trabalho

de transcrever a narrativa oral para o texto escrito, demasiadamente lento. A transcrição é um material bruto sem necessidade de preocupação com a estética e que será base para a produção da textualização.

O processo de transcrição consiste em produzir um texto a partir do registrado no ato da entrevista. É um texto que tenta se aproximar, tanto quanto possível, daquele momento, mantendo falas, lapsos, divagações, vícios de linguagem, uso coloquial da língua, gírias e expressões regionais. (PINTO, 2013, p. 25).

O trabalho com a textualização requereu a mesma dedicação despendida na transcrição. Neste procedimento percebi o quanto o texto final é do pesquisador. Por mais que tentamos preservar a fala do entrevistado, ela é atravessada pelas diferentes interpretações e escritas do pesquisador. De acordo com Garnica, Fernandes e Silva (2011)

Não há regras para textualizar e essa operação depende fundamentalmente da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador. Uma das disposições exigidas para essa dinâmica de elaborações textuais, por exemplo, é tentar manter, tanto quanto possível, o “tom vital” do depoente, isto é, a construção de frases nas quais se reconheça (e o próprio depoente se reconheça em) seus modos de falar (GARNICA, FERNANDES, SILVA, 2011, p. 22).

Com base nos trabalhos aqui citados podemos afirmar que a textualização nada mais é que a produção de um texto em coautoria (pesquisador/entrevistado), fluente, livre dos vícios de linguagem e com ideias organizadas. Para Pinto (2013) não há um padrão para a textualização, porém a preocupação de deixá-la a mais próxima possível de um texto escrito em que o entrevistado se reconheça no texto.

Textualizar requer trabalho cognitivo e é um processo complexo de muita (re) interpretação. Para Reis (2020, p. 42) “A textualização é entendida aqui como uma narrativa produzida em colaboração, um texto produzido pelo pesquisador a partir da fala do entrevistado”. É um momento que precisamos estar totalmente submersos no texto e sem fatores externos que tiram nossa concentração.

Como as etapas da metodologia de pesquisa não estavam fluindo conforme o esperado, decidi fazer as outras entrevistas e de posse de todas elas, fui trabalhando na transcrição para depois textualizar. As entrevistas foram muito boas, mas durante o processo de produção, senti uma certa angústia em não poder interagir com o entrevistado. As histórias ali contadas eram também a minha história. As angústias relatadas eram também as minhas angústias. Eu estava o tempo todo atenta e acenava com a cabeça concordando com as falas no intuito de deixá-los bem à vontade na construção da narrativa. Esse movimento estava respaldado na ideia de

que quando narramos, essa narrativa sempre é feita em direção a alguém, e ainda, organizamos nossas experiências e memórias por meio da narrativa.

A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual de domínio e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas e mentores. Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança.” Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas. (BRUNER, 1991, p. 4)

As histórias narradas pelos professores, construídas naquele momento de entrevistas, resgatavam as experiências vividas em 2020 (passado), porém com as marcas do presente que de certa forma influenciava a narrativa naquele momento. No momento da entrevista, nossa memória é ativada e a narrativa produzida (no presente) é uma história do vivido no passado dos fatos lembrados e escolhidos para compor a narrativa.

A segunda entrevista foi realizada com a professora Thayna. Conversa leve, harmoniosa e fluente. Algumas questões do roteiro foram contempladas em outras questões e, nesse sentido, a entrevista foi praticamente um exercício de escuta. Mas algo diferente ocorreu durante a produção da terceira entrevista, com o professor Otto. Assim como Thayna, o entrevistado tinha uma excelente oratória, no entanto, ele se prendia as questões do roteiro, ficava alguns segundos refletindo a pergunta como se estivesse elaborando a resposta buscando o que eu gostaria de ouvir. Na quarta entrevista, com a professora Alessandra, tivemos alguns contratempos como barulhos externos durante a gravação e mudanças de local da entrevista, o que prejudicou a qualidade dos áudios, mas não comprometeu a entrevista. Uma professora muito alegre e que estava de coração aberto participando daquele momento.

Um erro técnico atrapalhou a quinta entrevista, com o professor Vagner. A entrevista foi muito produtiva, porém a gravação não foi ativada desde o início, fato que só foi percebido na metade da entrevista. Diante do acontecido, intentamos realizar uma nova entrevista, o que foi muito complicado, pois estávamos com dificuldades para agendamento de horário. Quando por fim foi possível realizar a entrevista, como ele já conhecia as questões do roteiro, foi mais objetivo.

A experiência em vivenciar a entrevista é muito diferente do momento que estamos elaborando o roteiro. O roteiro é um guia para as questões apesar de nem

sempre ficarmos presos a ele. De certa forma é um apanhado de tudo que foi pensado para o momento de entrevista e parecia não fazer muito sentido abandonar alguma questão. Talvez por esse motivo, durante as entrevistas, me peguei muitas vezes atenta ao roteiro, e quando o entrevistado começava a narrar outras questões, por medo de ficar alguma coisa sem falar, eu ficava com os olhos no roteiro e a cabeça e o sorriso sinalizando que estava atenta e interessada na narrativa do entrevistado. Salandim e Silva (2019) entendem que:

É preciso saber perguntar sobre o que se deseja conhecer e problematizar com a entrevista, mas é preciso que sejamos conduzidos por ouvidos atentos no sentido de não ouvirmos apenas aquilo que desejamos ou somente sobre o que perguntamos (SALANDIM, SILVA, 2019, p. 404).

Por mais que o entrevistador direcione a entrevista, não tem como controlar a fuga do tema ou o adiantamento de um assunto que ainda será abordado. Nessa metodologia de pesquisa, há liberdade para o entrevistado falar o que ele queira, e às vezes ele pode até trazer dados relevantes para a pesquisa que nem o roteiro contemplava ou temas que fogem ao objetivo proposto, ou ainda, de relevância para a pesquisa. Como dito anteriormente, a história oral “é primordialmente uma arte da escuta” (PORTELI, 2016, p. 10). No momento de entrevista podem surgir histórias que comporão a narrativa pesquisada e até mesmo outros eventos a partir do tema investigado. Por isso, a importância da escuta atenta e interessada na narrativa dos entrevistados.

Com as entrevistas realizadas iniciou-se o trabalho que tivemos mais dificuldade. A transcrição das entrevistas que é a passagem da oralidade para a escrita. A qualidade da gravação pelo *Google Meet* não é muito boa, pelo celular o áudio fica mais limpo e isso tornou o processo de degravação complexo. Fui muito fiel a narrativa dos professores, transcrevi conforme eles falaram e isso me cansou muito, porque a linguagem oral é completamente diferente da linguagem escrita. No momento das transcrições, respeitei todos os vícios de linguagens e pausas para no momento da textualização, que é a edição do texto oral transcrito, conseguir uma narrativa mais próxima possível da linguagem dos entrevistados.

Transcrever, não foi uma tarefa fácil e exigiu muitas horas/dias de trabalho. Busquei recursos tecnológicos que transformasse o texto oral em texto escrito, porém, sem sucesso. Conversei com vários colegas que trabalham com a História Oral buscando uma forma mais fácil para realizar as transcrições, mas todos me disseram

fazer da mesma forma, ouvir e transcrever. Sem opção para realizar as transcrições, e com pouco tempo para fazê-las, me causou um desgaste físico e mental que me fez pensar em desistir em vários momentos. Foram quase seis meses trabalhando nessa etapa da pesquisa e nesse período nem as leituras conseguia fazer.

Mas, o sofrimento não encerrou nessa etapa. Com as transcrições prontas iniciamos o trabalho de textualização que inicialmente havia julgado que seria fácil. Sou muito crítica e insegura na escrita e textualizar as narrativas produzidas exigiu muito de mim, não só tempo, mas principalmente coesão e coerência na escrita do texto que parecia nunca estar bom.

Nas textualizações minha preocupação era não alterar a narrativa do entrevistado ou dar um tom a narrativa que ele não se reconhecesse depois. O professor Bruno, por exemplo, falava muito a palavra situação e na transcrição essa palavra ficou em evidência. Quando parecia conveniente, eu buscava sinônimos para evitar a repetição e deixar o texto mais leve. Essa relação entre a fala do entrevistado e a construção do texto escrito foi um processo angustiante, uma vez que oralidade e escrita pertencem a modalidades diferentes da linguagem.

Marcuschi (2009) discute as relações entre a fala e a escrita dentro de um “continuum textual” como uma perspectiva interacionista. Para ele as

[...] diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. [...] O contínuo tipológico distingue e correlaciona os textos de cada modalidade quanto às estratégias de formulação textual que determinam o contínuo das características que distinguem as variações das estruturas, seleções lexicais etc. Tanto a fala como a escrita se dão num contínuo de variações sobrepostos (MARCUSCHI, 2009, p. 137).

A fala e a escrita são práticas sociais e apresentam um continuum de variações. Podemos citar na fala: entrevistas, notícias televisivas, aulas, exposições acadêmicas... e na escrita: documentos oficiais, relatórios, resumos, atas.... As diferenças entre fala e escrita estão no seu uso uma vez que não há homogeneidade entre fala e escrita. A exemplo, temos a narrativa (fala) e o texto acadêmico (escrita) que fazem parte de modalidades distintas, porém se correlacionam.

Com isso, textualizar era a ação de deixar o texto fluente, mas por mais que eu quisesse preservar a narrativa dos entrevistados, não é possível mensurar o quanto de mim tem em cada narrativa. Sem alterar o que eu acreditava ser a essência das entrevistas, fui trabalhando no texto na tentativa de enxugar os vícios de linguagem e

trazer objetividade para as orações. Nesse processo, às vezes precisamos inclusive deslocar trechos de lugar para a narrativa ficar mais clara.

Neste trabalho de textualização foi possível perceber o quanto é difícil respeitar a narrativa do outro. É uma tentativa de deixar o texto o mais coerente possível, é um trabalho minucioso, artesanal. Porém, é uma grata satisfação ler o texto pronto, encaminhar para o entrevistado e ele se reconhecer naquela narrativa. Segundo Bruner (1991, p. 3), “a preocupação central não é como o texto narrativo é construído, mas como ele opera como um instrumento mental de construção de realidade”. E de fato é essa nossa pretensão. Construir uma narrativa que retrate a realidade da constituição da escola em 2020 e que este trabalho seja fonte histórica para outras pesquisas.

Finalizado o trabalho de textualização, encaminhamos o texto e a carta de cessão via e-mail para que os entrevistados autorizassem o uso na pesquisa. Correções pontuais foram indicadas apenas pelos professores Otto e Thayna. Houve uma demora no retorno dos professores Bruno e Wagner, mas todas as cessões de direito de uso do texto nos foi concedida, embora a cessão do professor Bruno conseguimos somente no final da escrita deste trabalho pois ele faleceu em um acidente um tempo depois de nos conceder a entrevista. No caso do professor Wagner, houve dificuldades no entendimento da necessidade de ler a narrativa que produzimos e preencher a carta de cessão autorizando ou não o uso do texto. Além da dificuldade em fazer isso por meio digital. Só consegui a cessão do professor Wagner após levar o documento físico até ele. Nessa ocasião, pudemos conversar pessoalmente e percebi o quanto é diferente o contato físico do virtual. No contato físico o meio, os movimentos e olhares nos faz perceber além do que é dito.

Concluídas as textualizações, iniciamos uma nova fase do trabalho, a análise dos dados. Por conta de todo o trabalho de construção das entrevistas, da posterior transcrição, seguida da textualização, as narrativas dos entrevistados ficam latentes em nossas mentes. Ainda assim, no momento de análise temos que nos debruçarmos sobre as narrativas a fim de buscar pontos que se destacam e que convergem. Num primeiro movimento elencamos esses pontos de todas as narrativas. Com isso, pudemos perceber o que foi mais recorrente na fala dos professores e o que apareceu que seria interessante discutir. Num segundo momento optamos por uma análise a partir de algumas categorias que conseguimos elencar tendo em vista a convergência das narrativas.

Desse movimento de análise, elencamos três categorias: as impressões da escola a partir da percepção dos entrevistados, os processos de adaptação tendo em vista a suspensão das aulas presenciais e, por fim, os mecanismos de exclusão, uma vez que o acesso às informações não era da mesma forma para todos e esse foi um dos problemas mais apontados durante todo o processo de ensino remoto. Tivemos ainda uma quarta categoria criada depois da qualificação, mas que se relaciona de forma intensa com a nossa pergunta de pesquisa, que é a constituição da escola em 2020. Questões como essas foram mais recorrentes nas narrativas dos professores e o processo de análise foi baseado na percepção de cada entrevistado a respeito das categorias elencadas. A análise dos dados nos ajuda a compreendermos os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia Covid-19 no município de Campo Grande, MS.

### 3 NARRATIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA QUE ATUARAM NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

#### 3.1 Entrevista com a Professora Alessandra Gonzalez Tenório.



**Figura 6: Professora Alessandra**

A entrevista com a Alessandra ocorreu no dia 15 de fevereiro de 2021 via *Google Meet*. Para a entrevista segui um roteiro e gravei a conversa utilizando a ferramenta do próprio aplicativo. A entrevistada foi convidada a participar da pesquisa pois atuou como professora de matemática em 2020 na Rede Estadual de Ensino (REE) no município de Campo Grande (MS).

Silviane: Para esta nossa conversa, dividi o meu roteiro em partes e gostaria que você começasse se apresentando aos leitores da pesquisa. Fale um pouco sobre você: quem é a Alessandra, sua idade, quanto tempo de experiência como professora, quando e onde você se formou, se você tem filhos, enfim, se apresente da forma que se sentir mais confortável.

Alessandra: Sou Alessandra Gonzalez Tenório, tenho 43 anos, moro em Campo Grande (MS). No dia 10 de janeiro de 2021 completei 15 anos lecionando em escolas municipais e estaduais. Me formei em 2004, e em 2005, eu e meu marido, na época namorados, decidimos vir para Campo Grande. Sou de uma cidadezinha do interior de São Paulo chamada Tupi Paulista<sup>34</sup>, lá não há muitas oportunidades para novos professores. A maioria dos professores se aposentam e continuam trabalhando. Ou se aposentam no estado e vão dar aula no município. Por isso vim para Campo Grande que, apesar de ser uma capital, tem características de interior. Fiquei preocupada com trânsito e com a distância, mas escolhemos mudarmos para cá. Tenho dois filhos, uma filhinha de 10 anos com meu marido, que chama Iris e um filho de 22 anos que é do meu primeiro casamento, que se chama Ícaro. Meu filho morava e estudava em São Paulo, mas por conta da pandemia voltou para casa.

Silviane: A respeito da sua formação, você falou que se formou em 2004. Sua carreira acadêmica, educação básica, graduação foi toda em Tupi Paulista? Após formada fez alguma especialização?

Alessandra: Fiz o ensino fundamental em escola municipal e o ensino médio em escola estadual em Tupi Paulista. Depois, fiz graduação em matemática em uma faculdade na cidade vizinha chamada Dracena<sup>35</sup>. Todos da minha cidade que querem fazer faculdade vão para lá, embora seja uma instituição particular, está localizada na região e tem um preço mais acessível. Na época em que fiz faculdade, o governo de São Paulo ainda tinha um programa que chamava Família na Escola. A escola pública era aberta para a comunidade aos finais de semana e lá eram oferecidos vários cursos pelos acadêmicos que participavam do projeto em troca de uma bolsa de 100%. Se não fosse essa bolsa, eu não conseguiria fazer a faculdade, pois minha família é muito humilde.

---

<sup>34</sup> De acordo com o censo de 2010, Tupi Paulista SP, possui 14.269 habitantes e 86,7% da população tem esgoto sanitário adequado. A taxa de escolarização é de 99,4% (para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos) e a nota no IDBE em 2019 foi de 5,8.

<sup>35</sup> De acordo com o CENSO de 2010, a cidade possui 43.258 habitantes e possui 94,1% de esgoto sanitário adequado. A taxa de escolarização (6 a 14 anos) é de 98,2% e a nota no IDEB dos anos finais do ensino fundamental é de 5,4.

Desde quando eu vim para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, eu sempre trabalhei. Sou professora convocada<sup>36</sup>, mas sempre trabalhei, nunca fiquei sem aula. Me afastei apenas por um ano, para ficar com a minha filha quando ela nasceu. Depois que terminei a graduação fiz uma especialização em Educação Especial e quando concluí a faculdade vim para cá com mais seis colegas que fizeram faculdade comigo. Em São Paulo os municípios são pequenos e muito próximos uns dos outros, por isso muitos estudantes de cidades menores da região faziam faculdade em Dracena. Um desses colegas tinha um amigo que conseguiu aula para todo mundo aqui, um pouquinho para cada. Foi aí que fui trabalhar no bairro Moreninhas, com uma carga de 20 horas. Era o meu primeiro trabalho, eu tinha sexto, sétimo e oitavo ano.

No ano seguinte, em 2006, entreguei currículo em várias escolas e fui chamada para trabalhar numa escola municipal que era muito longe. Foi muito difícil trabalhar lá por conta da distância, a escola ficava na saída de Cuiabá e eu morava no bairro Caiçara. Eu tinha que ir de ônibus e a escola era a última do bairro Nova Lima, ficava ao lado de uma fazenda, Escola Municipal João Carlos Flores. Gostei muito da experiência, embora a distância dificultasse o acesso. A escola era vizinha de uma reserva indígena que ficava dentro da cidade e recebia várias crianças da aldeia. Nessa escola vivi muitas experiências, trabalhei a maior parte do tempo com o fundamental e gostei bastante. Neste mesmo ano eu me mudei para o bairro Colibri, mas a escola continuou longe de casa.

No ano seguinte, em 2007, comecei a trabalhar na Escola Estadual Amando de Oliveira, fiquei lá por três anos. Trabalhei também em outras escolas cobrindo atestados médicos. Em agosto de 2009 engravidei da minha filha, terminei o ano de 2009 no Amando de Oliveira e no ano seguinte, em fevereiro, quando as aulas voltaram, não pude retornar porque não contratavam mulheres grávidas. Ainda não tinha a lei que amparava professora grávida e garantia a renovação do contrato e o direito a licença maternidade. Dessa forma, fiquei sem trabalhar em 2010, mas consegui o auxílio maternidade quando ela nasceu. Em 2011, fui trabalhar numa escola na saída de Cuiabá novamente, Escola Estadual Maria Eliza Bocayuva Correa

---

<sup>36</sup> Não foi aprovada em concurso público. Para suprir a falta de professores na Rede Estadual de Ensino (REE) é realizado processo seletivo para professor. Os aprovados, de acordo com a classificação, são convocados para ocupar as vagas existentes na REE por um período de 12 meses podendo ser prorrogado por igual período. Após esse período máximo de convocação o professor interessado em continuar atuando na REE realiza novamente o processo seletivo que geralmente ocorre de dois em dois anos.

da Costa, uma escola muito boa. Lá fiquei um ano. Retornaria no ano seguinte, mas surgiu o convite para atuar na coordenação de área na Escola Estadual Marçal de Souza Tupã-y. Aceitei o convite trabalhando na escola nos anos de 2012 e 2013. Dois anos na coordenação de matemática, um projeto muito bom, gostei muito de viver essa experiência. Eu ajudava os professores a trabalhar os descritores previstos para as avaliações de larga escala e tivemos muita formação para trabalhar com eles.

Em 2014, o projeto de coordenação de área acabou e fui chamada para trabalhar na Escola Estadual Thereza Noronha de Carvalho. No ano seguinte trabalhei também na Escola Estadual Marçal de Souza Tupã-y. Atualmente estou na escola Thereza de Noronha, escola em tempo integral. Neste projeto há a função da coordenação de área. Em 2014 quando cheguei na escola, trabalhei no programa Mais Educação<sup>37</sup>. Uma experiência bem interessante e muito bacana. Não me recordo bem, mas acho que faz uns 2 ou 3 anos que a escola é de tempo integral. Neste ano de 2021, a escola foi inserida no projeto escola da autoria<sup>38</sup> e a diretora teve direito a mais 4 coordenadores de área. Fui convidada e passei a trabalhar na coordenação de área de matemática também. Em 2020, tive metade da carga horária como professora atuando em sala de aula no ensino fundamental e a outra metade na coordenação de área. Já trabalhei no ensino médio, mas trabalho há mais tempo no ensino fundamental. Prefiro os alunos menores, me sinto melhor trabalhando com eles. Embora professor convocado não tenha opção de escolha, as oportunidades que aparecem geralmente são no ensino fundamental, o que coincide com as minhas preferências.

Silviane: Como você estruturava suas aulas antes da pandemia? Conteúdos, metodologia e avaliação?

---

<sup>37</sup> “O Programa Mais Educação, foi instituído pela Portaria Interministerial n° 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.” Disponível em <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 20/06/2022.

<sup>38</sup> “É um Programa de oferta do Ensino Médio em Tempo Integral, que tem como proposta pedagógica a formação integral do jovem, estimulando não só o desenvolvimento da aprendizagem, mas também das competências socioemocionais, por meio da ampliação do tempo de permanência na escola e do oferecimento de componentes curriculares diferenciados, que articulam os conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular com uma Parte Diversificada pensada para atender ao jovem e ao seu projeto de vida.” Disponível em <<http://cartasdeservico.ms.gov.br>>. Acesso em 20 de junho de 2022.

Alessandra: No início do ano, geralmente aplico uma avaliação diagnóstica. Me ajuda a entender em que nível o aluno está, em especial aqueles com os quais nunca tive contato. Tenho alunos que estão comigo há 5 anos, já os conheço e isso ajuda muito no trabalho, mas quando o aluno é novo, a diagnóstica me ajuda a direcionar o trabalho. Eu gosto de trabalhar com muita coisa diferente como jogos, pois os alunos gostam e as aulas ficam mais interessantes. Durante o ano vou retomando as dificuldades que apareceram na diagnóstica junto com o conteúdo que tenho que trabalhar. O conteúdo do sexto ano, por exemplo, é uma sequência do que eles viram no ano anterior. Já no sétimo ano, o conteúdo exige um pouco mais de atenção porque muda bastante, ficando mais difícil. No caso dos números negativos, esse exige um tempo maior de trabalho e estratégias outras para ensinar o conteúdo. Sobre as avaliações, tudo vale nota. Participação dos alunos em sala, o desenvolvimento das atividades e a avaliação mensal e bimestral, mas é o cotidiano em sala de aula que nos ajuda a avaliar os alunos. Só a avaliação pontual não dá conta, é o dia a dia na hora de corrigir um caderno, fazer uma correção, que torna possível identificar a evolução ou não dos alunos. Só prova ou só trabalho não dá para contar como uma avaliação. Então, tudo vale nota, participou eu levo em consideração.

Silviane: Comente um pouco a respeito da interação com os alunos antes e durante a pandemia.

Alessandra: Eu sou uma professora que gosto mais dos alunos menores. Gosto de abraçar, de beijar, de brincar com eles. Os recebo na porta com abraços. Agora, isso me parece tão distante. Com a pandemia, todo mundo ficou perdido sem saber o que ia acontecer. Pensamos que ficaríamos 15 dias parados e voltaríamos, e por isso, a escola orientou os professores a prepararem atividades para esse período. Eu enviava as atividades para coordenação e no cabeçalho colocava a observação “correção quando a gente voltar!” Orientava para fazer no caderno e que no retorno eu corrigiria. Foi um período longo de adaptação. A direção e a coordenação se organizaram e definiram uma quantidade de atividades para cada disciplina. Por exemplo, matemática tinha que passar quatro exercícios de cada eixo por semana. Aconteceu que os alunos começaram a receber um monte de atividades e não davam conta de resolvê-las. Levamos o ano todo para tentar adequar ao contexto. Quando

percebemos que estávamos organizados para trabalhar de forma remota o ano acabou.

Tudo foi acontecendo gradualmente. Começamos de uma maneira, depois de 15 dias nos organizamos de outra e por aí foi sempre planejando os próximos períodos de suspensão das aulas. Nesse período, o emocional também precisou ser levado em conta, meu filho voltou para casa e muitas coisas aconteceram além das demandas do trabalho. Era preciso lidar com a pandemia, enfim... Precisávamos da devolutiva dos alunos na realização das atividades, mas não tivemos muito retorno por parte deles. Cerca de 30% dos alunos entregavam as atividades, sendo que destes, aproximadamente 20% entregavam no prazo. Chegava no final do bimestre tínhamos que fechar as notas, mas muitos não haviam sido avaliados, pois dependíamos da busca ativa para localizá-los. O sistema de lançamento de notas precisava sempre ser aberto para lançar notas dos alunos recuperados.

Os alunos não acham a escola muito atrativa, essa é a realidade da nossa comunidade, e isso é muito triste. Nossos alunos não têm um quarto para estudar, não têm internet, muitos deles não têm nem o que comer, não têm estrutura familiar, muitos moram dentro de um barraco na beira do lixão. Eu me preocupo muito com tudo isso e defendo a ideia de que eles têm que voltar para escola, fico com muita pena deles. Foi autorizado festas com 120 pessoas e as crianças não têm o direito de voltarem para escola? Não conseguimos ter a dimensão do que isso vai causar nesses meninos e meninas. Se antes eles tinham oportunidade, esta foi roubada deles. Me preocupo muito com isso, porque para quem tem uma criança em casa que tem um computador, que tem uma internet, que tem um quarto, que tem um pai, que tem a mãe que ajuda, é uma coisa, no caso dos meus alunos, eu vejo que eles estão totalmente perdidos.

Em 2021, ainda não sabemos se vai ter retorno ao presencial ou se vai ser *online*. Estou participando de uma formação presencial nessa semana e não é fácil porque tenho medo de ser contaminada. Não sei se já peguei, de repente sou assintomática assim como todo mundo da minha casa, não sei, mas mesmo com medo e não me sentindo confiante, gostaria que meus alunos voltassem por causa da situação deles. Mesmo correndo o risco de ser contaminada, me preocupo muito com eles e gostaria que eles voltassem. Não acho justo eles estarem fora da escola.

Silviane: Penso que toda população está preocupada com a dinâmica das proibições e flexibilizações nesse período de pandemia. Você comentou a respeito das atividades e que planejava para um determinado período. Gostaria que você falasse um pouco mais sobre isso.

Alessandra: Tivemos que (re) planejar várias vezes. Ajustar os conteúdos e a quantidade de atividades. Não sabíamos como planejar as aulas, e as atividades funcionaram como um termômetro para a (re) feita e adequação as possibilidades de participação dos estudantes. Durante o ano nós usamos todos os recursos possíveis e imagináveis, mas no início, as atividades foram disponibilizadas no *Google Classroom*. As atividades precisam chegar até os alunos, mas no começo os professores não sabiam utilizar as ferramentas de comunicação. Sofremos muito para aprender. O coordenador e a diretora, muito pacientes, mandavam tutoriais, faziam reunião pelo *Google Meet* explicando o passo a passo e aí aprendemos na prática. Disponibilizávamos as atividades para os alunos no *Google Classroom* e enviávamos também para o coordenador fazer impressão e disponibilizar na escola para os alunos buscarem.

No início falávamos que não criaríamos grupos no *WhatsApp* para não expor o número do professor, mas depois abrimos todas as portas para os alunos. Uso para o trabalho meu número mesmo, não tenho número de trabalho. A diretora sugeriu que quem quisesse e não tivesse tanto medo de ir para a escola, que fosse atender os alunos na sala de informática. Eu ia uma semana sim e uma semana não. Caso eu ficasse doente, teria que esperar melhorar para continuar indo. Os meninos iam para a escola para realizar as atividades, pois embora já tivessem retirado a atividade na escola eles não conseguiam fazer em casa sozinhos, mesmo mandando vídeos explicativos do conteúdo e das atividades. No início não fazíamos as aulas no *Google Meet*, as coisas foram acontecendo aos poucos, demorou para alinharmos as ações. O final do bimestre se aproximava e não recebíamos as atividades, pois as devolutivas na escola eram poucas.

No segundo semestre de 2020, começamos a dar aula pelo *Google Meet*. Eu gravava a aula e disponibilizava o *link* para aqueles que perderam a aula ao vivo ou quisessem assistir novamente. Mas a adesão as aulas pelo *Google Meet* foram pouquíssimas. Tinha dias que eu não tinha nenhum aluno para dar aula, eles não participavam, nem entravam. Muitos deles não têm Internet e os que tem, não

assistem à aula. A maioria deles tem internet apenas por dados móveis, o que não é suficiente para entrar e assistir a aula. O *Google Meet* para nossa comunidade não deu certo.

Ainda não sabemos se 2021 vai ser presencial ou *on-line*, mas está muito difícil para os alunos, eles estão muito perdidos. Teve aluno que aprendeu em 2020? Sim. Aquele aluno que fez todas as atividades, participou da aula, tirou dúvidas com o professor aprendeu sim. Teve aluno que não fez nenhuma atividade durante o ano de 2020. Não foram poucos nessa situação. Acredito que o número de alunos que teve proveito, que aprendeu o mínimo não foi muito alto.

Silviane: Você comentou da falta de acesso dos alunos a internet e da realidade da comunidade a qual a escola está inserida. Me fale de você no início da pandemia, você já tinha acesso a computador, *notebook*, *WhatsApp*, *internet* em casa, celular? Como foi para você esse começo e o que precisou mobilizar para continuar trabalhando?

Alessandra: O que eu preciso até hoje é ter um lugar de estudo em casa. Uma mesa e um canto só meu. Sinto muita falta disso. Tenho um bom computador, *internet* com boa velocidade e celular, mas meus dois filhos são estudantes e tem dia que no mesmo horário os três estão em aula pelo *Google Meet*. As crianças em seus quartos, cada um com sua mesa e computador, e eu não tenho meu espaço. No meu quarto não cabe uma mesa e dei preferência aos meus filhos. Meu espaço de trabalho fica flexível, na cozinha, no quarto, no quintal, cada dia num lugar. Tenho uma mesinha branca que carrego pela casa pois não cabe no meu quarto. O que mais me fez falta foi um quadro branco, porque andei perdendo umas datas, esquecia os recados. Meu filho então pediu um pela internet e coloquei na parede da minha cozinha. Nele eu anotava as coisas da escola e os compromissos pessoais. Não estava preparada para ter uma sala de aula dentro da minha casa. Me faltou estrutura física para isso.

Silviane: Os seus alunos de 2020, você já os conhecia? Fale um pouco sobre eles.

Alessandra: Sempre pego as mesmas turmas: sextos, sétimos e oitavos anos. Os alunos do sexto eu não conhecia porque eles vieram do quinto ano, e foram poucos dias de contato presencial em 2020. Eu demoro o ano inteiro para conhecê-los. Os

alunos do sétimo e do oitavo ano foram meus alunos no ano anterior e isso facilitou um pouco o trabalho. Como já os conhecia, sabia das dificuldades de cada um, os que sempre participavam e desenvolviam as atividades, e aqueles que não produziam.

Silviane: Você já falou um pouco a respeito do acesso dos alunos a tecnologias, à internet, redes sociais, celular, *notebook*. Você disse que, no geral, a maioria deles não tem acesso por pertencerem a uma região periférica. Sendo essa uma das dificuldades que eles enfrentam para participarem das aulas, me fale mais sobre esse contato com os alunos durante o ano de 2020.

Alessandra: No início da pandemia foi feito um convite para o professor ir à escola atender os alunos que quisessem fazer pesquisa ou tirar dúvidas. Os alunos iam e funcionava bem a dinâmica. Com o tempo eles pararam de participar e os professores abandonaram a ação. No final do ano, já no último bimestre, surgiu o plantão Tira-dúvidas<sup>39</sup>. Os professores compareciam na escola num determinado horário para atender os alunos que tivessem interesse em estar presencialmente na escola. Nesses momentos o aluno tinha a oportunidade de tirar as dúvidas e fazer as atividades com o auxílio do professor. O horário do aluno na escola era agendado de acordo com seu período, aula e a disponibilidade dos professores para atendimento. Se fosse necessário, podia também acessar o computador na sala de informática. Mas foi mais uma ação que não deu muito resultado. Poucos alunos participavam, e os que participavam foram algumas vezes para fazer as atividades e depois não compareceram mais alegando já terem concluído.

Silviane: No ano de 2020 você participou de alguma formação oferecida pela escola ou pela Secretaria de Educação (SED), ou alguma outra formação que você tenha buscado para te ajudar no planejamento das aulas?

Alessandra: Terminei em 2020 a pós-graduação em Educação Especial que havia iniciado no ano anterior. Com o trabalho remoto, pude estudar e fazer as provas da

---

<sup>39</sup> Com a finalidade de recuperar a aprendizagem e oferecer atendimento presencial aos alunos, o plantão Tira-Dúvidas era agendado pela família no período que o aluno estava matriculado e na escola os professores faziam rodízio para atender os alunos com dúvidas e/ou na realização das APCs. A RESOLUÇÃO N. 3.787, DE 16 DE OUTUBRO DE 2020, publicada no Diário Oficial Eletrônico n. 10.304 19 de outubro de 2020 Página 43, regulamenta a oferta do Reforço/Plantão Tira-Dúvidas.

pós-graduação com tranquilidade. Foi um ano mais leve por passar mais tempo em casa e com isso, pude fazer mais leituras e cursinho.

Silviane: Você já falou de vários sentimentos e das experiências em relação ao ensino remoto devido à pandemia da Covid-19. Comente sobre o que de positivo e de negativo todo esse contexto trouxe.

Alessandra: Não temos uma participação expressiva dos alunos nas aulas, mas um ponto positivo é a presença dos pais, não de todos, mas tive pai e a mãe que participaram da vida escolar do aluno. Tiveram contato direto comigo para saber o que o menino estava estudando e para perguntar sobre o conteúdo, quando tinha alguma dificuldade. Muitos pais ajudaram muito as suas crianças. Vi como positivo, apesar de ser um pouco invasivo esse contato. Quando o pai e a mãe respeitavam o horário de trabalho do professor, tudo bem, pois o contexto de aulas remotas permitiu esse contato. Recebia ligações de mãe para ajudar o filho porque não estava entendendo o conteúdo. Ajudava, claro, e isso é um ponto positivo porque os pais participaram realmente da vida escolar dos filhos. Antes os alunos iam para a escola e os pais nem sabiam o que seus filhos estavam estudando.

Tivemos também que aprender a usar a tecnologia. Ainda bem que estamos numa época em que há vários meios de acesso para alunos, de forma que se o menino quiser ele tem a professora disponível 8 horas para ele, todos os dias. Um ponto que ficou muito evidente e vejo como negativo foi a desigualdade social. Essas crianças que não tiveram nenhum acesso à escola vão sofrer muito com tudo isso. Não consigo imaginar o que realmente vai acontecer a elas. O quanto tudo isso vai impactar realmente na vida de cada criança. Essa é a pior parte dessa modalidade de ensino. Uma coisa é a criança que tem um quarto, uma *internet*, ela vai aprender? Vai. Já os meus alunos eu não sei como que eles ficaram, nem contato com eles tivemos. Essa é a pior parte do ensino remoto.

Silviane: Você comentou que na escola tem laboratório de informática e que os alunos num determinado momento do ano, durante a pandemia, podiam utilizar para pesquisas. Gostaria que você comentasse a respeito de outros recursos tecnológicos que a escola possui e se os professores utilizavam desses recursos antes da pandemia.

Alessandra: Na escola tem sala de informática com acesso à *internet*, só que o sinal é ruim, embora a região tenha uma *internet* de boa qualidade. Houve várias tentativas da gestão para melhorar a qualidade da *internet* na escola, mas sem sucesso. Muitas foram as vezes que estávamos utilizando-a e o sinal caía. Então a evitávamos. Usamos muito o *Datashow*, um recurso bem bacana que dá para trabalhar bastante coisa. E temos também uma lousa digital que ninguém utiliza, mas temos.

Silviane: Como que você avalia o trabalho dos professores nesse ano de 2020?

Alessandra: Passamos o ano aprendendo e adequando. Tivemos que lidar com os problemas emocionais de alguns colegas. Eu, inclusive, precisei de ajuda médica e remédios para estabilizar meu emocional. Demorou uns meses para eu ficar bem, em agosto, setembro, que comecei a estabilizar. Mas fiquei com muito medo dessa pandemia e foi um ano de muitas incertezas. Mexe muito com o emocional de qualquer pessoa.

Estamos começando um novo ano letivo e ainda não temos respostas de como serão conduzidas as aulas: *on-line* ou presencial. Essas incertezas causam desestabilidades, eu acho que tínhamos que começar já sabendo qual a modalidade de ensino, até para não ficarmos ansiosos e conseguirmos planejar nossas aulas. Mas também, ninguém tem culpa. Não podemos controlar tudo isso. Essa instabilidade de como será o retorno não é bacana, nos deixa sem saber que rumo seguir. Com isso o trabalho fica complicado, pois temos que pensar em remoto, híbrido e presencial. Para cada modalidade, um tipo de planejamento. Por conta dessas incertezas e não sabermos se professor e aluno poderão voltar para a escola nos deixa ansiosos e apreensivos.

Silviane: Como que você vê a escola em 2020?

Alessandra: Uma escola fechada, porque escola sem aluno não é escola. A coordenação e a direção sempre estavam na escola das 7h às 17h para atender os alunos que iam buscar atividade. Os alunos podiam ir à escola buscar e entregar as atividades, conversar com a direção ou coordenação, e ser atendido pelo professor

que estivesse lá. Estive na escola várias vezes para estar um pouco mais próxima dos alunos. Mas a escola de 2020 foi uma escola de adaptação para todos.

Silviane: Deixo esse momento para você falar sobre algo que não foi perguntado. Contar alguma experiência vivida ou fazer alguma consideração. Fica aberto para você falar o que quiser.

Alessandra: Acho que falei com emoção tudo que foi sentido em 2020. Um desejo é que meus alunos voltem logo para a escola porque lugar de criança é na escola. Sabemos que ainda não tem como voltar de maneira segura, e caso ocorra a volta, um diagnóstico de Covid-19 na escola e fecha tudo novamente. Mas acredito que a escola precisa estar aberta para os alunos, esperar a vacinação vai demorar muito. Minha filha voltou para a escola no final de 2020. Escola particular. Ela não conseguia mais assistir aula em casa, ficar 4 horas em frente ao computador. Ela voltou para a escola e não aconteceu nada, ninguém ficou doente lá. Considero um ambiente muito seguro. Por que os meus alunos não podem voltar seguindo os protocolos de biossegurança? O rendimento na escola é melhor e o acesso é para todos. Defendo o retorno ao presencial.

### 3.2 Entrevista com o Professor Augusto Otto Cannataro Farina



**Figura 7: Professor Otto**

A entrevista com o Otto aconteceu em 11 de fevereiro de 2021 via *Google Meet*. Para a entrevista segui um roteiro e gravei a conversa utilizando a ferramenta do próprio aplicativo. O entrevistado foi convidado a participar da pesquisa pois atuou como professor de matemática em 2020 na Rede Estadual de Ensino (REE) em Campo Grande (MS) e fazia parte da rede de contatos da professora Carla Regina Mariano da Silva, orientadora desse trabalho.

Silviane: Quero primeiramente agradecer por participar da minha pesquisa, cujo objetivo é compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante esse período da pandemia Covid-19 aqui no município de Campo Grande (MS). Vou entrevistar somente professores de matemática que atuaram no ano de 2020 em escolas estaduais. Quero que você fique à vontade para falar somente o que quiser e o que te deixar confortável. Tudo bem?

Otto: Sim.

Silviane: Primeiro eu gostaria que você começasse falando um pouco sobre você e como gostaria de ser apresentado na pesquisa. Quem é o Augusto Otto?

Otto: Meu nome é Augusto Otto e geralmente as pessoas me chamam de Otto. Tenho 25 anos, hoje sou professor de Matemática, mas me formei em Engenharia de Produção pela UNICAMP<sup>40</sup> em Limeira, São Paulo. Durante meu curso de Engenharia de Produção, dava muita aula na faculdade e gostava bastante do que fazia, inclusive dava aula em cursinho comunitário. Por gostar muito de atuar como professor, decidi que queria seguir esse ramo, porque sentia que era o que mais me inspirava. Já havia trabalhado com bastante coisa: gestão, consultoria, banco, mas não gostei. A partir dessas experiências, decidi fazer o que gosto e fui trabalhar na educação.

Vim para Campo Grande através de um programa chamado Ensina Brasil<sup>41</sup>, que seleciona profissionais que fazem parte de um grupo de jovens com novos valores que querem mudar a educação do Brasil. Os selecionados passam por treinamento e depois são indicados para alguma escola pública do país e lá atuam por dois anos como professores. Me inscrevi, fui selecionado para participar do programa e alocado aqui em Campo Grande. Cheguei no ano passado, em 2020, e ficarei até o término de 2021, pois o programa são só dois anos. Estou dando aula de matemática e, neste ano, vou dar a matéria de matemática criativa<sup>42</sup> e eletiva 5<sup>43</sup>. É como se fosse um tipo de informática. Minha escola é a Escola Estadual Amando de Oliveira situada no bairro Piratininga e neste ano de 2021, a escola ofertará o ensino integral com o novo currículo do ensino médio. Neste ano as coisas por lá serão um pouco diferentes, mas ainda não temos muitas informações. De qualquer forma, vou fazer o meu melhor.

---

<sup>40</sup> Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

<sup>41</sup> “Organização sem fins lucrativos que visa mobilizar mais talentos e desenvolver lideranças para transformar a educação, começando pela sala de aula. Recruta, seleciona e desenvolve jovens talentos graduados das melhores universidades do país para se tornarem professores de escolas públicas em contextos vulneráveis por pelo menos 2 anos e se desenvolverem como futuras lideranças, multiplicando seu impacto para a transformação da educação e do país.” Disponível em <https://www.ensinabrasil.org.br/>, acessado em 20 de julho de 2021.

<sup>42</sup> Disciplina semestral prevista no catálogo de unidades curriculares.

<sup>43</sup> É uma disciplina da parte diversificada que faz parte da composição dos Percursos Formativos Propedêuticos - Itinerários Formativos, são ofertadas semestralmente e fazem parte da escolha do estudante. Permite o conhecimento de diferentes temas, vivências e aprendizagens. Propicia o desenvolvimento de diferentes linguagens (verbal, musical, matemática, gráfica, corporal, visual), além da consolidação de competências de competências previstas na BNCC.

Silviane: Sua formação é em Engenharia da Produção. Você tem formação em Matemática ou pós-graduação na área de ensino?

Otto: Fiz Engenharia de Produção e em 2020 concluí uma complementação pedagógica na UNIDERP<sup>44</sup> em matemática. O programa Ensina Brasil tem parceria com essa universidade e para participar desse programa, a complementação pedagógica é um requisito. Agora sou licenciado em matemática e estou fazendo uma pós-graduação na USP<sup>45</sup>, MBA<sup>46</sup> em Gestão de Negócios. A pós-graduação não é totalmente relacionada a área estudantil, mas é uma área que quero saber bastante, mesmo porque, para um dia eu poder criar algum empreendimento educacional. Esse é meu foco.

Silviane: Você comentou que sua experiência na educação como professor começou na graduação. Há quanto tempo você é professor?

Otto: Comecei a dar aulas particulares em 2014, posso dizer que sou professor há seis, sete anos. Quando comecei, o objetivo naquela época era ajudar com algumas despesas da faculdade. Com isso, fui chamado para participar de um projeto de extensão chamado colmeia<sup>47</sup>, um cursinho comunitário que atendiam alunos de escola pública com interesse em cursar graduação na UNICAMP. Dava aula de física e isso ocorreu quase toda minha graduação, do 2º ano até o último. Foram quatro anos de cursinho dando muita aula para muita gente. Além disso, em paralelo, eu dava algumas aulas particulares de várias matérias da faculdade: Cálculo, Mecânica, Física, Pesquisa Operacional, de tudo. Quando concluí o Curso de Engenharia de Produção continuei trabalhando com consultoria por mais seis meses e depois fiquei dando aula particular nos outros seis meses de 2019. Em 2020 entrei no programa Ensina Brasil no qual atuei durante todo o ano como professor de matemática e continuarei atuando até o término de 2021.

---

<sup>44</sup> Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, situada em Campo Grande, MS. A partir de 2008 passou a Universidade Anhanguera UNIDERP.

<sup>45</sup> Universidade de São Paulo.

<sup>46</sup> Master in Business Administration.

<sup>47</sup> Conheça o projeto acessando o link <<https://www.fca.unicamp.br/portal/pt-br/comunicacao-noticias/comunicacao-not-sociedade/1596-cursinho-colmeia-10-anos-construindo-o-futuro-com-jovens-de-limeira.html>> Acesso em 15 de abril de 2021.

Silviane: Sua experiência como professor é maior com alunos da graduação?

Otto: Na verdade minha maior experiência foi com alunos de ensino médio por dar aula no cursinho, que era um público de 15 até x anos. Tive alunos com mais de 60 anos. No cursinho as idades são bem variadas. Para os menores de 15 anos, minha única experiência foi no ano passado.

Silviane: Como você planeja suas aulas?

Otto: Hoje faço diferente do passado. Primeiro porque tudo depende do contexto, da turma e do quanto os alunos sabem ou não de um conteúdo. Sempre faço uma avaliação diagnóstica para avaliar os alunos. Não adianta chegar e jogar o conteúdo. É fundamental ter essa noção. Eu não tinha muita experiência de sala de aula, de dar aula e fazer prova junto. Eu dei aula muito tempo em cursinho e lá era só aula. Aplicar prova e corrigir, tudo isso eu fiz no ano passado, mas nem eram provas e sim atividades. Não tenho muita experiência em fazer todo o planejamento do ano, relacionar os conteúdos que serão trabalhados e a quantidade de avaliações. Mas no geral, eu vejo o nível da sala e planejo mais ou menos quais serão os principais temas e sempre faço a análise do 80/20 do Pareto<sup>48</sup>. Vejo quais são os temas mais importantes para focar, aqueles que mais caem nos vestibulares e que são mais importantes para a vida do aluno. Gasto mais tempo nesses temas e se sobrar tempo, trabalho temas mais periféricos, mais específicos. Distribuo os temas de forma que se encaixem para não precisar ter retrabalho. Por exemplo: vou trabalhar área e aí já aproveito e cálculo volume, já trabalho as figuras geométricas, projeção, plano, dá para ir explorando ao invés de focar em um e depois ir para outro. Uma coisa que eu gosto muito é de me apoiar nos livros didáticos, porque acho que é um instrumento bom para o aluno saber o que está acontecendo. Caso o aluno não tenha um bom livro didático, faço o melhor caderno para que ele tenha tudo anotado e, seu caderno seja o instrumento de estudo. O aluno não tem noção de onde procurar uma

---

<sup>48</sup> O princípio de Pareto, também como a regra 80/20, é um fenômeno que afirma que cerca de 80% dos resultados são gerados por 20% das causas. Disponível em <conhecidohttps://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/gestao-estrategica/artigos-gestao-estrategica/analises-de-pareto-o-que-e-e-para-que-serve>. Acesso em 15 de abril de 2021.

informação, ele não sabe pesquisar na internet, por isso precisa ter um bom livro didático ou um bom caderno. Resumindo, faço a diagnóstica, vejo os principais temas, depois tento distribuir da melhor forma possível. Foi isso que fiz no início de 2020. Mas depois chegou à pandemia e não consegui ter muitas experiências daí para a frente. Mas eu seguiria tentando fazer, planejando as provas e sempre ter um replanejamento em cada bimestre para verificar se eles se saíram bem ou não, para rever o planejamento até atingir o objetivo.

Silviane: Como foi sua relação com os alunos durante esse período da pandemia?

Otto: Durante a pandemia eu acabei ficando bastante afastado dos alunos. Nós tivemos dificuldades em conversar com eles. Disponibilizei meu WhatsApp, respondia as dúvidas que eles me mandavam, quando eles queriam algo mais específico fazia uma videochamada, mas foram poucos casos. A escola sinalizou que não era responsabilidade do professor “caçar” o aluno e sim da coordenação. Tanto é que nem tínhamos o contato dos alunos. Os alunos que contatavam a gente, era uma via de mão única. Eles que vinham falar com a gente, aqueles que não nos procuravam, nós não tínhamos contato ou o contato ocorria apenas via Google Sala de Aula. O contato foi bem fraco, foram pouquíssimos os alunos que eu consegui ter uma noção se estavam entendendo e fazendo. Os demais alunos, a maioria, eu conseguia ver que estavam copiando dos outros, não estavam fazendo. Mas o contato foi basicamente através do WhatsApp, algumas ligações de vídeo, alguns iam na escola para fazer um plantão, mas era muito pouco, era muito rápido, não era eficaz. O contato ficou limitado a essa interação que descrevi.

Silviane: Comente um pouco sobre a dinâmica das aulas remotas. Quais recursos você utilizava para trabalhar os conteúdos?

Otto: Fomos orientados a fazer atividades uma vez por mês, atividades de quatro páginas por turma. Fazíamos as atividades, disponibilizávamos no Google Sala de Aula e encaminhávamos para a escola fazer a impressão para os alunos que iam buscar. Depois tínhamos que corrigir nas duas formas, on-line e presencial. Para os primeiros anos, eu fazia as atividades e um vídeo, pois eles estavam mais on-line. Explicava a atividade e o conteúdo no vídeo, com isso eles faziam. Para o ensino

fundamental eu tentava deixar a atividade mais explicada possível, porque eles praticamente não tinham acesso à internet. Basicamente eles pegavam a atividade física na escola, e isso, me obrigava a escrever o mais bem explicado possível. Não chegava a fazer uma aula em vídeo com eles, embora já tivesse tentado, mas com pouquíssima adesão. Percebi que não valia a pena o tempo e o esforço demandado para isso, então preferi gastar meu tempo e fazer melhor as atividades, corrigi-las e tirar as dúvidas deles por ali mesmo. Aulas ao vivo, eu conseguia no máximo uma videochamada para tirar dúvidas, mas foram poucos momentos assim.

Silviane: No início da pandemia vocês começaram a trabalhar através do WhatsApp e depois inseriram o classroom?

Otto: Começamos desde o início com o classroom, mas não pela Secretaria Estadual de Educação (SED), mas sim pela escola. Aí entrou o da SED e a gente migrou para o da SED. Além do classroom da escola, um e-mail do professor. Os alunos encaminhavam as atividades no e-mail. Não trabalhávamos com o WhatsApp. Pedia todas as atividades pela plataforma para ficar formalizado, não aceitava no WhatsApp. No WhatsApp eu só respondia dúvidas. Todo o conteúdo e atividades eram disponibilizados no classroom para estar salvo em algum lugar.

Silviane: Você sentiu dificuldades em trabalhar no ano de 2020 com o ensino remoto? Teve dificuldades para organizar a metodologia de trabalho com os alunos?

Otto: Sim, porém o problema não foi a falta de ferramentas ou de conhecimentos. Nem todos os professores têm a facilidade que eu tenho, reconheço que sou exceção, pois conheço as ferramentas e sei mexer muito bem no computador, até comprei uma mesa digitalizadora. O maior problema foi a limitação que a escola impôs quando definiu que o professor poderia fazer apenas uma atividade por mês e ainda limitou a quantidade de páginas dessas atividades, solicitando que os conteúdos e as questões fossem contemplados naquela atividade. A escola limitou a atividade em até quatro páginas, o tempo para fazê-la e a frequência com que o aluno recebesse o material, inclusive o acesso do aluno a atividade é muito limitado, visto que a maioria dos alunos não tem acesso a computador e a internet para baixar a atividade e fazer. Enfim, se as condições fossem melhores, eu tenho certeza de que a metodologia ia mudar um

pouco. Obvio que ao vivo é melhor, mas existem vários fatores a mais que eu conseguiria fazer para o aluno aprender. Agora o que eu acho que foi uma limitação, não foi a falta de conhecimento da minha parte, mais sim uma limitação da escola e do acesso do aluno. Mas eu vejo que não é assim com todo mundo.

Silviane: Qual foi o papel da escola para auxiliar os professores nas aulas remotas e no contato com os alunos? A escola proporcionou aos professores alguma formação?

Otto: Nada (risos). Acho que pelo que eu vi, foram ofertadas algumas formações da Secretaria Estadual de Educação (SED), mas eu não acho que são tão boas. Tenho um conhecimento maior sobre o assunto, então não valia a pena participar. Não tive apoio da escola para elaborar as atividades *on-line*, o discurso foi: faça! Por iniciativa própria e pelo contato junto ao programa Ensina Brasil, pude conhecer outras pessoas e ter formações diferentes. Conheci professores de outros estados e fiquei sabendo como eles estavam trabalhando, mas isso ocorreu em momentos informais. Uma formação específica da escola para orientar o trabalho no período da pandemia não tivemos, apenas diretrizes de como ministrar as aulas.

Silviane: Você precisou buscar formação fora conhecer outras ferramentas para trabalhar remotamente ou os conhecimentos que possuía foram suficientes para trabalhar com os alunos em 2020?

Otto: Meus conhecimentos foram suficientes para atender as demandas da escola, o que agreguei foi o trabalho com a mesa digitalizadora, mas mal usei porque não me adaptei e não gostei muito. Eu tenho metodologias de trabalho que eu acho mais interessantes, não sendo obrigatório o uso da mesa digitalizadora. Todas as ferramentas que eu sabia, utilizei. Na verdade, o Word e Power Point. Não fiz nada diferente no início, sabia usar muito bem essas duas ferramentas e conseguia fazer bastante coisa. Preparava as aulas em slides e às vezes utilizava o Geogebra também. Já trabalhei bastante com essas ferramentas, sou jovem, tive outras experiências dando aula *on-line*. Aulas *on-line* não foram um problema para mim, porém me vejo como uma exceção.

Silviane: Gostaria que você falasse um pouco sobre avaliação. Como ocorreu a avaliação durante o período de pandemia.

Otto: Fazíamos todos os meses uma atividade que retornava de forma física ou pela plataforma do Google Sala de Aula. Corrigia a partir de alguns critérios, para cada exercício, eu dava nota, seguindo a orientação da escola sobre como atribuir a nota aos alunos. Embora eu tivesse meus critérios de avaliação, a escola orientava os professores utilizar um critério padrão estabelecido para todos os alunos. O recomendado era atribuir uma nota seis para os alunos que fizessem menos da metade da atividade, uma nota oito para os alunos que fizessem em média cinquenta por cento da atividade e uma nota nove ou dez para aqueles que fizessem quase toda a atividade ou toda atividade. Eu adotei as orientações da escola a partir do momento que o volume de atividades acumuladas aumentou muito. Com a correção das atividades, concluí que os alunos copiavam dos colegas, muitos faziam com o pai e outros não faziam direito, errando tudo. Não conseguia ver efetividade nas atividades desenvolvidas e a nota não era real. Deixei de lado os meus critérios de avaliação por conta da limitação de tempo e acabei criando outros critérios para avaliar conforme orientação da escola. Passei a olhar para as atividades e criar outros critérios. Por exemplo: a atividade tinha oito questões e o aluno fez duas, eu dividia dois por oito e o quociente era teoricamente a nota do aluno. Eu não corrigia porque não dava tempo, eu fazia no Excel uma fórmula onde eu tentava deixar uma parametrização de acordo com as orientações da escola, de tal forma que se ele fez alguma coisa era seis e conforme ele ia fazendo progressivamente era entre seis e dez. Como se fosse a nota dele de zero a dez, porém o zero era o seis e o dez era dez, só que num intervalo de quatro pontos. Na fórmula, se ele fizesse cinquenta por cento da atividade, a nota era oito, se ele fizesse entre cinquenta e cem por cento, a nota dele é entre oito e dez. Preferi seguir as orientações da escola e não questionar a coordenação porque eu sabia que o resultado ia acabar sendo esse mesmo. Nas outras escolas eu via que acontecia da mesma forma. Mesmo indo contra o que acredito, não tinha o que fazer. Mesmo se eu corrigisse todas as atividades, não conseguiria extrair informações reais, pois o resultado era totalmente enviesado, não tendo como eu saber se o aluno aprendeu ou se foi ele quem fez a atividade. Como não conseguiria absorver essa informação e utilizar como dados, preferi seguir as orientações da escola.

Silviane: Gostaria de compartilhar alguma experiência de 2020? Algo que te surpreendeu, um trabalho pessoal, ou de um aluno?

Otto: Não teve nada de muito diferente em 2020. Alguns alunos fizeram atividades excepcionais, mas já era esperado, não foi uma surpresa, pois eles teriam feito também no presencial. Eu conversava com os alunos outras coisas de interesse deles, a partir da programação que estavam estudando. Incentivava e trocava ideias com eles. Mas assuntos que não são em relação à escola e sim de interesse pessoal. Peguei cola, aluno não fazendo as atividades, atividade feita por alguém pago. Coisas que ocorreria no presencial também.

Silviane: Olhando para 2020, pandemia, escola pública, o que você viu de positivo na escola que favoreceu a aprendizagem do aluno, e de negativo?

Otto: O aluno precisa ter vínculo com o professor, saber que alguém está lá por ele. Eu me arrependo de não ter procurado mais os alunos, não ter ido atrás, falado para eles fazerem, entrado em grupo de WhatsApp. Eu achava, na minha concepção, que não era minha obrigação, mas olhando para trás, vendo toda a pandemia, tudo o que ocorreu e com novas percepções vejo que eu poderia ter trazido o aluno para a escola. Acho que o aluno aprende com quem ele gosta, se não gosta de alguém, não vai aprender. Então por que ele vai aprender com alguém que não está nem ligando para ele? Existem formas de passar o conteúdo sem ser numa lousa, e tem coisas que não faríamos normalmente se não estivéssemos vivendo nessa pandemia. Fizemos muitas coisas, aprendemos plataformas outras, aprendi como fazer um exercício o mais descritivo possível. São coisas que não faríamos normalmente, só íamos explicar na hora. Esses conhecimentos são válidos. Eu que criava meus próprios exercícios, não pegava da internet, são coisas que eu tive que fazer para trabalhar nesse período da pandemia, fazia por eles. Foi um ano muito cansativo, todo mundo ficou cansado de ficar na frente do computador. Não tem como você ter um ensino efetivo dessa forma. Aula EAD já sabemos que o aluno não vai se sair bem, nem o professor.

Silviane: Quais outras experiências você teve em 2020, nessa função de professor. Você estava trabalhando na Escola Estadual Amando de Oliveira, trabalhava também em outro local?

Otto: Eu dava aula no Amando e algumas aulas particulares, trabalhava bastante com isso também. Eu acho que foi mais isso, eu tentava ocupar o tempo que eu tinha que não era horário de trabalho dando aula particular para ter uma renda extra. Não fiz nada além disso.

Silviane: Encerramos o roteiro, deixo esse momento para você acrescentar alguma coisa, algo que eu não perguntei e que você acha importante comentar aqui. Seja de você, da sua profissão, de como você organiza suas aulas, a respeito do conteúdo, de seus alunos, a respeito da escola. Algum ponto que eu não toquei e que você gostaria de acrescentar?

Otto: Uma coisa que acho interesse é como cada escola muda as formas de trabalhar com o aluno. Eu tenho amigos que trabalham em várias escolas, e vejo a forma como eles trabalham. Cada escola teve uma maneira diferente de trabalhar. É incrível isso! E o quanto a gente não compartilhou isso entre nós. Compartilhamos num grupo pequeno de professores porque conversamos e somos amigos. Mas quantas escolas entre si compartilharam isso? Quantos diretores falaram um para o outro, o que eles estavam fazendo? O que estava dando certo e que não deu. Não sei o quanto eles compartilharam isso e o quanto é bom. Mas teria sido bem mais rico. No início da pandemia já começamos a fazer uma atividade por mês. Tinha escolas que faziam uma a cada semana, uma a cada duas semanas. E aí acabou que todo mundo ficou fazendo uma por mês. É possível aprender com as experiências dos outros. Eu acho que as escolas deixaram de conversar entre si e esse ponto é importante.

### 3.3 Entrevista com o Professor Bruno do Nascimento Pereira



**Figura 8: Professor Bruno**

A entrevista com o Bruno ocorreu no dia 14 de dezembro de 2020, via *Google Meet*, e teve duração de 1 hora 3 minutos e 42 segundos. Bruno é professor na Escola Estadual Aracy Eudociack e atuou em 2020 no ensino remoto. Para a entrevista me orientei por meio de um roteiro. Iniciei a entrevista apresentando os objetivos da pesquisa e explicando a dinâmica da conversa.

Silviane: Primeiro eu gostaria que você se apresentasse, falando um pouco sobre você e sobre como você deseja ser apresentado aos leitores dessa pesquisa.

Bruno: Meu nome é Bruno do Nascimento Pereira, tenho 31 anos, sou professor de matemática, licenciado em Matemática e Física, pela Universidade Federal do Amazonas. Sou um pouco andarilho, nasci em Minas Gerais, fui para o Amazonas quando eu tinha 7 anos. Me criei no Amazonas, depois de formado trabalhei como professor substituto no Instituto Federal do Amazonas e como substituto na Universidade Federal do Amazonas. Trabalhava com Matemática e Estatística. Dava bastante aula para o curso de Pedagogia, que é essa parte de Estatística, Matemática Elementar e Matemática Básica. Depois de um tempo lá, eu quis me aventurar, saí do

Amazonas fui para o Mato Grosso, na cidade de Campo Verde<sup>49</sup>. Morei durante dois anos lá, trabalhando com Matemática no Estado e no Município. Atualmente estou há três anos aqui em Campo Grande onde tenho trabalhado com Matemática. Nesse ano trabalhei também no período da noite com a disciplina de Projeto de Vida. É isso, um pouco pra vocês verem a situação.

Silviane: Quando você concluiu essas duas graduações?

Bruno: No curso de Matemática da Universidade Federal do Amazonas, UFAM, você pode fazer uma escolha. Você faz as disciplinas de Matemática e vai cursando as disciplinas de Física para completar sua carga horária. Português Instrumental e Cálculo I tem nas duas grades, e é preciso cursar uma única vez e serve para os dois cursos. Aí depois quando chega na metade do curso, você pode fazer as outras disciplinas para completar carga horária, por exemplo, os estágios, as físicas 3 e 4, porque a 1 e 2 tem na Matemática. Em 5 anos você consegue fazer toda a situação, e eu acabei saindo com as duas formações. Depois eu fiz pós-graduação em Metodologia de Ensino de Matemática e Física, mas acabei trabalhando mais com Matemática.

Silviane: Há quanto tempo você é professor?

Bruno: Formado, formado mesmo, desde 2013. Me formei no final de 2012. Porém, quando estava na graduação, eu já dava aula particular. A cidade que eu morava, no sul do Amazonas, tem bastante militar do exército. Muitos deles com filhos em idade escolar, precisando de acompanhamento. Eles procuravam estudantes que estavam na universidade, até porque a mão de obra é barata, visto que não se formaram ainda. Eu fazia bastante isso, porque precisava de dinheiro, né!? As aulas eram no contraturno.

Silviane: Você saberia me dizer em quantas escolas já trabalhou?

---

<sup>49</sup> De acordo com o último CENSO (2010) a população desse município é de 31.589 habitantes com taxa de escolarização de 6 a 14 anos em 98,1%. No IDEB de 2019 tem nota de 6,3 para estudantes de anos iniciais da rede pública e 5,0 para estudantes dos anos finais da rede pública.

Bruno: No Instituto Federal e na UFAM, duas. Quando cheguei no Mato Grosso, trabalhei no assentamento, esqueci de falar dessa experiência, aí seria três. Na cidade de Campo Verde, trabalhei em duas, mais quatro escolas no município, nove, aqui trabalhei no Arlindo, dez. Ao todo, eu acho que dá umas 15 escolas. Nesse ano, estava em duas escolas, uma do estado e a outra do município.

Silviane: Quer compartilhar alguma experiência vivida nessas várias escolas?

Bruno: O público é diferente em cada escola, em cada turma. Por exemplo, você tem que preparar, por mais que seja uma mesma turma, tem que preparar diferente, porque a maneira como os alunos aprendem é diferente. A forma de abordar o conteúdo é praticamente obrigatório ser diferente. Não quer dizer que um aprende mais ou menos que o outro, mas eles precisam dessa situação. Agora na pandemia, principalmente, isso ficou nítido. Antes as turmas da mesma escola eram mais próximas, mas agora, turmas que antes, a grande maioria, você conseguia praticamente levar no mesmo ritmo, neste ano não foi possível. Nesse período de pandemia eu tinha três turmas do nono ano e para cada uma eu preparava as aulas de uma maneira diferente. Porque você percebe que tem um aluno que vai ter uma facilidade enorme com aquela situação e o outro já não consegue. Esse ano foi um ano de várias tentativas, testando, testando...

Silviane: Você falou da pandemia, como foi essa experiência de trabalhar durante esse momento?

Bruno: Foi um processo. No começo quando as aulas ficaram suspensas, trabalhamos com atividades. Hoje vejo que a primeira atividade que mandei foi um desastre. No meu entender, eu ia enviar a atividade e os alunos iam conseguir fazer, os que não conseguissem, quando voltássemos, eu explicaria novamente e ia funcionar beleza. E não foi isso que aconteceu, tive muito pouco contato com os alunos. No curso que fiz da mesa digitalizadora, a professora falou sobre o excesso de atividades. Para uma primeira atividade, passei muitas questões. Foi um grande erro, mas que consegui corrigir depois, a partir do primeiro *feedback*. A segunda atividade foi mais ou menos. Considero que consegui trabalhar e ter essa relação de troca, enviar a atividade e ter a resposta dos alunos, a partir da terceira APC (Atividade Pedagógica

Complementar<sup>50</sup>). A partir da terceira APC, acho que consegui um termômetro. Produzir uma atividade que qualquer um conseguisse fazer, mas também que não esteja fora do contexto. As primeiras ficaram sem contexto, conversei com a coordenação e percebi que foi geral. Tive que aprender a preparar a atividade para o aluno fazer. E quando eu falo preparar atividade, não é só a atividade, mas também o material de apoio para ele. Cheguei a preparar material de apoio<sup>51</sup> que não estava de encontro com a atividade. A partir da terceira APC, consegui manter a relação material de apoio e atividade, aí as coisas começaram a fluir. Utilizei diversas estratégias para atender o aluno. Em algumas turmas, eu conseguia dar aula completa (aula bacana, a grande maioria tinha sucesso, tranquilo) utilizando o *Classroom*<sup>52</sup>. Outras já não conseguia. O aluno não tinha internet, celular e tinha aqueles com falta de interesse mesmo. No começo da pandemia os alunos pensavam que iam ser aprovados, tinha essa situação. O que aconteceu? A partir da terceira atividade, comecei a me preparar mais também. Preparar atividade, vincular com o material de apoio que os estudantes recebiam e pensar na quantidade de questões. Questões que eles conseguissem fazer, para que assim, eu pudesse medir os conhecimentos mínimos. A partir daí, foi fluindo. Comecei a refletir sobre como preparar as aulas. Tinha turma que eu preparava pelo Google sala de aula, *Classroom*, atendia a turma toda por lá, porém, tinha turma que não entrava por lá. O que eu fazia? Gravava videoaulas curtas e jogava no grupo das salas<sup>53</sup>, no *WhatsApp*<sup>54</sup>. Por que eu fazia isso? Às vezes eu deixava a aula gravada no google sala de aula e colocava os links no *WhatsApp* das turmas, mas eles não acessavam, não acessavam mesmo. Quando comecei a gravar vídeos curtos, usando o gravador de tela on-line<sup>55</sup> e o *OneNote*<sup>56</sup>, eu tentava separar todas as situações: exemplos, definições e atividades.

---

<sup>50</sup> Metodologia utilizada para computar a carga horária do estudante nos dias destinados à Jornada Pedagógica e Formação Continuada definidos em calendário escolar em período regular de aula. Utilizada nesse período de pandemia não só com a finalidade de cumprir a carga horária, mas também trabalhar os conteúdos mínimos para o ano. Diário Oficial Eletrônico n. 10.061 2 de janeiro de 2020 Página 27, RESOLUÇÃO/SED N. 3.662, DE 30 DE DEZEMBRO DE 2019, Art. 5º.

<sup>51</sup> Conteúdos.

<sup>52</sup> Recurso do Google Apps para a área de educação lançado em 2014.

<sup>53</sup> Os grupos de sala foram criados no *WhatsApp* para facilitar a interação entre professores e alunos.

<sup>54</sup> “É um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet” (Wikipédia). Na pandemia foi muito utilizada para aulas remotas e interação com o aluno.

<sup>55</sup> É um app disponível na playstore que permite capturar áudio e vídeo simultaneamente.

<sup>56</sup> O Microsoft *OneNote* é um programa de computador para o recolhimento de informações de forma livre e colaboração multiusuário. Ele recolhe as notas do usuário, desenhos, recortes de tela e

Outra coisa que eu também achei interessante e deu resultado, foi o cronograma de estudos. Utilizei uma planilha e a agenda do programa de estudos. Na segunda-feira, Aula 1 de matemática, o que o aluno vai fazer? Estudar as definições tal e analisar os exemplos um e dois. Aula 2, resolver a atividade um e dois. Deixava no google sala de aula o cronograma para eles, enviava no grupo da sala e avisava aos pais. Pedia aos pais para cobrarem os filhos e não deixar para o último dia. Mas, o que aconteceu nas atividades? Na hora de tirar dúvida, estava tudo ok, mas na última semana de entrega, o aluno ia tirar dúvida da questão um. Ou seja, deixava tudo para o final. Com esse cronograma de estudo, foi melhorando até para os pais cobrarem. Os pais olhavam o cronograma e cobravam. Os pais percebiam através do cronograma que não tinha muita coisa de matemática para estudar.

Uma coisa que me chateia, é colocar a culpa na matemática, olhar para ela como se fosse um bicho de sete cabeças. Os alunos sabem disso e podem usar esse artefato: fazer as atividades de todas as outras disciplinas e não fazer de matemática. Falam para o pai que só não consegui fazer de matemática, porque matemática é difícil. O pai fala: “ah! tudo bem! Matemática é difícil mesmo.” E permite que o filho não faça. Na escola, quando vão entregar as atividades na coordenação e não entregam de matemática, o coordenador fala que também tinha dificuldades com a matemática, quando na verdade devia questionar: “Por que não fez a atividade de matemática? O professor não tirou as dúvidas? Olha aqui essa atividade? Está simples.” Muitas vezes a atividade de matemática estava muito mais simples que outras atividades e os alunos não faziam. Com o cronograma, eu mostrava para eles que as atividades eram poucas, estavam de acordo com a BNCC e não eram surreais.

Certo dia, conversando com uma mãe, ela disse que as atividades disponibilizadas eram fáceis, que o filho não fazia por preguiça. Aconteceu muito isso, por esse motivo fiquei mudando as estratégias o tempo todo. Tinha turma que eu só gravava aula e funcionava. Outra turma eu tinha que gravar aula e mandava os textos com a resolução de exemplos. Ocorreu, muitas vezes, de o material estar disponível e eles pedirem de novo. Eu tive que mandar várias e várias vezes por situações como essa. Marcavam pra tirar dúvidas, de questões que já tinham sido resolvidas. Algumas questões me deram bastante trabalho. No Estado os alunos poderiam entrar em outro

horário para acesso as aulas, e a grande maioria deles entravam quando tinham acesso à internet.

No município as aulas eram contínuas. Os professores cumpriam o horário certinho e todos os dias eu dava minhas aulas e ficava disponível pelo WhatsApp. Criava uma sala pelo Messenger<sup>57</sup> (através do WhatsApp) e ficava disponível. A turma do sexto ano foi um sucesso, pois os pais ainda cobram e acompanham os filhos. Já na turma do oitavo ano, cerca de 30% participavam, teve dia que chegou a 10%. Segunda-feira é triste, quase ninguém aparece. Os pais meio que já abandonaram, já não tão cobrando tanto.

No final, na entrega das apostilas, aparece mais alunos e a gente tem um pouco mais de contato. A partir da melhoria das ferramentas foi melhorando o interesse individual da maioria dos alunos.

Silviane: Como eram suas aulas antes da pandemia? Como você se organizava na preparação das aulas, que metodologia utilizava? Como você avaliava? Como era tudo isso antes da pandemia?

Bruno: Eu sempre fazia aula expositiva. Por gostar um pouco de tecnologia, utilizava o GeoGebra<sup>58</sup> nas aulas. Também já havia utilizado o google formulário algumas vezes. As minhas avaliações antes da pandemia eram diversas. No Ensino Fundamental eu gostava de avaliar o caderno para computar a frequência. Ele é uma atividade que consigo observar a participação dos alunos nas aulas. Com o registro no caderno, os alunos têm material para estudar para as provas. Eu gostava de fazer provas expositivas, que é a prova bimestral obrigatória na escola.

Todo mês eu trabalhava com uma atividade prática, como medir a quadra, coisas simples. Hoje preparei aula de matemática financeira e separei todo material, pois gosto de trabalhar com o dinheiro. Antes, eu pegava panfletos de supermercado para simular com eles uma compra. Gostava muito de trabalhar com material concreto e sofri com a falta do contato, pois não me senti muito útil. Pelo que eu percebi, o bom aluno continuou acompanhando as aulas EAD, mas o aluno que estava no processo

---

<sup>57</sup> Recurso do WhatsApp que permite criar uma sala virtual por meio Messenger.

<sup>58</sup> O GeoGebra é um software de matemática dinâmico e gratuito que trabalha simultaneamente com geometria, álgebra, tabelas, gráficos e estatística criado em 2001 e amplamente utilizado.

de evolução deu uma parada. Nas aulas remotas é difícil fazer o aluno com dificuldades em matemática acompanhar os outros.

Em 2019, ano passado, eu trabalhava na Escola Estadual Aracy Eudociack com dois 6º anos, A e B. Em 2020 escolhi os 7º anos A e B que eram compostos pelos meus alunos no ano anterior. Eu gosto de acompanhar a evolução dos alunos, por isso opto por escolher as mesmas turmas que trabalhei nos anos anteriores. Acredito que a base da Matemática se constrói no sexto ano, tirando os vícios e fazendo com que o aluno aprenda a gostar de matemática, conseguindo assim compreendê-la. Os alunos que eram bons continuaram bons. Eu disse à coordenadora que os alunos que deram problemas no final de 2020, formam justamente os alunos que foram passados no conselho de classe do ano anterior.

Outra situação é a daqueles alunos que tiveram uma grande evolução em 2019, mas apresentaram queda em 2020. Eles apenas fizeram as atividades, mas não conseguiram se destacar. Tem ainda o caso daqueles alunos dedicados, inteligentes e que às vezes era insuficiente por questões de disciplina. Esses alunos, por incrível que pareça, foram os que mais sentiram a falta dos professores. Nem tinham dúvidas, mas entravam em contato para conversar, pois precisavam do ambiente da escola. Creio que conseguiram um desenvolvimento interessante, bom, até porque eles são um pouco imperativos e gostam de tecnologia, começam a mexer e se inserem no meio, evoluem.

Eu tive duas realidades de alunos em 2020: alunos que foram meus no ano anterior, que eu já conhecia e alunos novos que eu tive contato por apenas um mês.

Silviane: Como a escola se organizou nos primeiros dias da pandemia?

Bruno: Eu entrei na sala da turma do 9º ano duas vezes por conta de algum feriado ou horário de aula que não estava pronto. No início de 2020, eu havia feito o plano anual, planejado toda situação, mas com o início da pandemia, as primeiras ações foram elaborar as Atividades Pedagógicas Complementares (APC) e entregar para os alunos, quando ainda estavam frequentando a escola<sup>59</sup>. Em tese, eles devolveriam

---

<sup>59</sup> O primeiro decreto que suspendeu as aulas nas escolas estaduais foi de 15 dias, no período de 23/03/2020 a 06/04/2020. Porém, este foi publicado em 17/03/2020 e no texto dizia que o período de 18/03/2020 a 20/03/2020 era destinado a adaptação da comunidade escolar. A partir da publicação do decreto, muitos alunos deixaram de frequentar a escola, mas alguns ainda se faziam presentes (Decreto Estadual n. 15.393, de 17/03/20).

essa atividade quando retornasse as aulas, mas como parou tudo, começamos a fazer mais APC para os alunos.

No primeiro bimestre, não tínhamos acesso ao google sala de aula da SED, então usávamos o e-mail pessoal. Criamos as turmas e adicionamos os e-mails pessoais dos alunos nas salas. Para os alunos que não tinham acesso à internet, fazíamos atividades impressas. Nos grupos de WhatsApp, postávamos informações a respeito das atividades disponíveis no google sala de aula e da disponibilização das atividades impressas na escola. No primeiro bimestre trabalhamos dessa forma. Muitos alunos não fizeram as atividades, pois pensavam que quando retornassem à escola as fariam. Porém, o retorno não ocorreu.

A SED disponibilizou o google sala de aula como plataforma oficial e criou e-mails institucionais para os professores e alunos. A escola migrou para esse ambiente e todos postavam as aulas lá, porém a maioria não acessava. A turma mais frequente era a do 9º A.

Percebo que as turmas são separadas por nível social, e acho um erro isso. No 9º A estão os alunos com idade/ano corretos, logo a chance de ter uma estrutura familiar boa é grande. No 9º B e 9º C, estão os alunos que já repetiram de ano ou ficaram um período sem estudar. Alguns moram um tempo com a vó, outros com um tio, e por não ter uma estrutura familiar, acabam deixando a desejar na escola.

Conversando com alguns professores eu percebi que os alunos fazem as atividades com alguns deles, mas no geral, eles não entraram no google sala de aula. Tinha a sensação de que não estava sendo útil para os alunos do 9ºA, pois caso eu postasse qualquer coisa, como uma aula pronta de qualquer site, ou pedisse para estudar um tema, eles acompanhavam, porque têm uma estrutura familiar muito boa. A questão é: como trabalhar com o 9ºB e 9ºC? Em tese, são esses os alunos que mais precisam de mim, do estudo, para tentar mudar a vida deles, mas muitos não têm essa noção e vão perceber isso só lá na frente.

Por essa diferença entre as turmas eu deixei de utilizar só o google sala de aula e comecei a gravar videoaula e enviar via *WhatsApp*. Utilizava o gravador de tela *online*. No início gravava vídeos curtos, pois percebia que alguns pais baixavam os vídeos no local de trabalho e o estudante tinha acesso a eles posteriormente. No sábado, os alunos entravam em contato para tirar dúvidas.

Toda aula eu postava não só no google sala de aula, mas também no grupo do *WhatsApp* da turma, um vídeo com uma questão, um exemplo e uma definição. A

partir daí a participação começou a melhorar e comecei a receber as atividades de alunos que não tinham acesso ao google sala de aula. Mesmo os alunos que entregavam atividades mal-feitas, incompletas, com apenas uma questão, ou ainda, muitas vezes só assinavam a atividade e entregavam na escola, começaram a fazer as atividades e com isso, percebi que comecei a evoluir como professor.

Fiz mais videoaulas explicando toda a matéria, vídeos com exemplos, fazia vídeos explicando as questões que os alunos tinham dúvidas. Não resolvia para eles, só gravava a explicação de uma questão semelhante. Com isso, comecei a ter mais contato com esse aluno a partir das questões propostas nas atividades e no grupo de *WhatsApp*. Com o tempo, muitos desses alunos começaram a ter acesso ao google sala de aula. Muitos pais arrumaram celular, teve tio que se movimentou para dar condições de acesso as atividades e começou a cobrar dos sobrinhos as atividades feitas, pois percebeu que as aulas iriam ser desse jeito por mais tempo. Esses alunos começaram a estudar mais e eu consegui ter retorno das atividades.

A partir do 2º bimestre, a escola praticamente adotou o *WhatsApp* como plataforma oficial, mas eu usava os três recursos: atividade impressa, google sala de aula, *WhatsApp*. Eu trabalhava no grupo com videoaula e utilizava o *Google Meet*. Com isso, as aulas começaram a fluir.

Silviane: A escola antes de ter o acesso ao google sala de aula da SED montou o próprio Google sala de aula?

Bruno: Na semana que anunciaram a suspensão das aulas, nós nos preparamos, criamos e-mail pessoal para os alunos e as turmas no google sala de aula. A partir do momento que a SED disponibilizou acesso ao google sala de aula institucional, migramos para esse novo ambiente. Eu e a professora Jéssica, de Ciências, que criamos este google sala de aula para a escola no começo. A professora Jéssica se formou na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e tinha bastante contato com esse aplicativo. Já utilizava em 2019 para fazer atividades e provas com os alunos. Eu trabalho em uma escola com uma estrutura muito boa, Escola Estadual Aracy Eudociak, no Jardim Tijuca. Ela foi reformada em 2018, pelo projeto Pintando e Revitalizando a Educação com Liberdade<sup>60</sup> Nossa escola tem um bom laboratório de

---

<sup>60</sup> Veja a matéria disponível em <<http://www.ms.gov.br/obras-de-reforma-com-mao-de-obra-prisonal-vao-beneficiar-a-ee-aracy-eudociak/>>. Acesso em 26 de março de 2021.

informática e a maioria dos professores utilizava as tecnologias. Atualmente, todas as salas de aula têm data show, no início da pandemia apenas quatro salas não tinham.

Nas aulas, eu utilizava o Geogebra e o NOAS<sup>61</sup>, um site de jogos que tem atividades para todas as disciplinas. Utilizava com os alunos especiais, que tinham algum tipo de deficiência que jogavam no tablete. O NOAS é um site bom, uma vez na semana todos os alunos da sala jogavam o mesmo jogo, todos estavam fazendo a mesma atividade. Era uma maneira de inseri-los nessa situação. Por incrível que pareça, às vezes, os alunos que não têm nenhuma deficiência gostavam até mais que o aluno com deficiência.

Nossos alunos têm uma realidade bem sofrida, bem triste. Tenho aluno da Vila Fernanda, da Celina Jalade, do Caiobá, tenho bastante aluno de invasão<sup>62</sup>, toda essa situação. Esses alunos quando tem contato com jogos *on-line*, tem mais curiosidade que um aluno com contato diário. Isso ocorre principalmente com os alunos do 6º ano do ensino fundamental. Já no ensino médio, isso não desperta muito interesse. No ensino fundamental os alunos são mais curiosos. Mas isso antes da pandemia.

Silviane: Me fale mais da sua escola. Além desse laboratório de informática e data show nas salas, a escola tem outros recursos tecnológicos? Quantas salas de aula tem na sua escola? A internet fica disponível para os alunos? Como funciona tudo isso?

Bruno: A sala de informática é de uso coletivo dos professores. As salas de aula têm rede cabeada de internet, mas antes da pandemia três delas não funcionavam corretamente. A internet não é nenhuma maravilha, mas era possível fazer bastante coisa, principalmente com algum software leve. Quando eu dava aula de física à noite,

---

<sup>61</sup> Núcleo de Desenvolvimento de Objetos de Aprendizagem Significativa.

<sup>62</sup> A Escola do Bruno pertence ao Bairro Tijuca, porém recebe muitos alunos do Caiobá. Em matéria publicada em 22/06/2020 no Campo Grande News por Sanches e Marques, retrata a triste realidade do bairro. O bairro já existe a 40 anos e está completamente abandonado. O alto índice de criminalidade assusta os moradores. Tem acontecido execuções e “a Lei do Estado está sendo substituída pelo “Estado Paralelo” das organizações criminosas ligadas, especialmente, ao tráfico”. O bairro é uma verdadeira calamidade pública, falta asfalto, energia elétrica, tem buracos nas ruas, mato, mosquito. Os dados de violência são assustadores. “Na região do Lagoa, onde está o portal Caiobá, ocorreram 645 crimes de furto ao longo de 12 meses de 2019. Em 5 meses de 2020, segundo a estatística, já são 510. Em 2019 ocorreram, conforme os dados, 267 roubos. Até agora, em 2020, foram 236. [...] 4 casos de homicídio doloso em 2019 e até maio deste ano, 7”. No bairro não tem escola, posto policial, posto de saúde. Muitas famílias moram em barracos de lona e trabalham na informalidade, catando lixo. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/esquecidos-moradores-do-caioba-vivem-cotidiano-no-escuro-da-violencia>. Acesso em 23 de junho de 2020.

utilizava o PHET<sup>63</sup> que rodava tranquilo. Minha escola tem uma estrutura boa e na pandemia a diretora<sup>64</sup> com o juiz Marcos<sup>65</sup> conseguiram a reforma da biblioteca. A biblioteca ficou toda equipada e bonita. A sala dos professores também foi arrumada. O recurso para as obras veio de empresas que receberam multas por ações contra o meio ambiente e essas, através desse juiz, são revestidas para transformar ambientes de trabalho. E isso tem transformado ambientes de algumas escolas! Não temos laboratório de Ciências, por falta de alguns alvarás, mas nós já conseguimos quase tudo para esse laboratório. É uma escola em que a diretora vai atrás dos recursos. Todas as salas têm ar-condicionado e os alunos sentiram falta desse conforto, eles reclamavam: “professor, eu queria estar na escola, eu não aguento esse calor aqui em casa”. Eu recebi muita mensagem desse tipo. Porque em tese, a escola era um ambiente em que eles se sentiam bem confortáveis.

Silviane: Em relação a recursos tecnológicos como computador, internet e outros dispositivos, você tinha acesso em casa para planejar as aulas?

Bruno: Tenho o notebook e internet desde a época da faculdade pois sempre gostei de trabalhar com software. Gosto bastante de utilizar a internet para o trabalho e fazer atividades *on-line*. Minha internet tinha uma boa velocidade e diminuiu muito a partir desse período de pandemia. Acredito que as operadoras melhoraram a velocidade de algumas empresas e reduziram a nossa. O que vou investir em 2021, logo no começo do ano, é na compra de uma mesa digitalizadora. Fiz uma formação em 2020 sobre este recurso e fiquei encantado. No começo da pandemia tentei utilizar o *power point* nas aulas, mas dava muito trabalho. As aulas que eu utilizava o Geogebra ficavam legais, mas quando eu gravava vídeos com este mesmo aplicativo já não ficavam tão legais, pois ficava um pouco pequeno, um pouco ruim. Testei primeiro o *power point*, depois o *word*, mas também não deu muito certo. No sétimo ano, eu utilizei o *Excel* em alguns conteúdos, mas também não deu muito certo.

O que me atendeu de fato foi o *OneNote*, ele era completo para o que eu precisava. Era possível deixar um roteiro sequencial para eu não me perder. Durante

---

<sup>63</sup> O PHET é um aplicativo que oferece simulações de ciências e matemática.

<sup>64</sup> Gisele Maria Bacanelli.

<sup>65</sup> Marcos José de Brito Rodrigues é desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul (TJMS).

o ensino remoto, os alunos pedem as aulas e conteúdos anteriores o tempo todo. Como o acesso deles à internet é restrito, muitas vezes eles precisam apagar todas as mensagens do celular para não consumir os dados móveis e a capacidade de armazenamento do aparelho. Com isso, ficam pedindo as aulas anteriores e preciso ter todas elas organizadas. Por isso que com o *OneNote* eu consegui me organizar melhor. Alguns alunos no sábado me encaminham mensagens pedindo as aulas, pois estão na casa de algum parente que possui internet e aproveitam para baixar as aulas lá. Embora não seja meu horário de trabalho, sempre atendo. Sinto que agora o que falta é a mesa digitalizadora para me auxiliar no preparo das aulas, visto que sofri muito por falta de coordenação motora no uso do mouse para tentar escrever uma resolução para meu aluno.

Silviane: Em 2020, você participou de alguma formação para te ajudar na sua metodologia de trabalho?

Bruno: Participei de várias formações *on-line*, porém achei mais úteis algumas práticas, como a formação da Mesa Digitalizadora e as *Weblives* propostas pelo GETECMAT<sup>66</sup> que trataram de alguns temas bem interessantes. Fora isso, participei de muita coisa que não correspondiam as minhas expectativas. Muitas formações que trataram do tema competências socioemocionais, era um diálogo para um público de professores, mas como se fossem psicólogos. Já tínhamos trabalhado esse tema nas formações do ano anterior e eu havia estudado muito em 2019 para o processo seletivo da SED. Para mim era tudo muito repetitivo, apresentavam a teoria, mas não a prática. Como falar do Jamboard<sup>67</sup>, mas não ensinar a utilizá-lo na prática? Isso acontece muito com as pessoas, conhecem as ferramentas, mas não sabem trabalhar com elas na prática. Antes da formação da Mesa Digitalizadora, em uma das *Weblives* do GETECMAT, a professora sabia o que estava fazendo, porque além de apresentar a ferramenta mostrava na prática como utilizá-la, o que funcionava na prática e o que não funcionava. Formações desta forma que são úteis. Muitos chegavam para ministrar a formação e praticamente só apresentavam. Quando a gente vai testar, não

---

<sup>66</sup> Grupo de Estudos de Tecnologia e Educação Matemática da UFMS. Esse grupo no ano de 2020 promoveu várias lives (uma por vez) com a intenção de colaborar com o processo formativo do professor.

<sup>67</sup> É uma tela inteligente que é possível ver as imagens de uma pesquisa no google, salvar trabalhos na nuvem automaticamente, possui ferramentas que reconhecem formas e é de fácil escrita.

dá certo. O que gostei muito da formação com a mesa digitalizadora é que a professora foi muito prática, apresentou uma sequência, um roteiro, mostrou passo-a-passo como construir toda aula. Comentei com ela que gostei muito, comentei também no grupo com o pessoal. É isso que a gente precisa, formações concretas, falei inclusive para a coordenação da escola, precisamos de formações mais objetivas. Prioriza-se muito as dinâmicas nas formações da escola e estas ocupam quase todo o tempo da formação. Dinâmica é algo muito bom, mas eu não consigo passar o ano todo fazendo dinâmica com meus alunos de matemática. A dinâmica é boa para despertar o interesse, mas não é tudo. Eu preciso ensinar a matemática, apresentar o como fazer. Vejo que algumas formações foram muito superficiais.

Além das duas já citadas, fiz uma terceira formação que gostei bastante em 2019, do Geogebra. Essa formação foi nacional com o professor Sergio. Gostei muito, embora fosse um pouco puxado. Toda semana tinha uma atividade para fazer e postar e cada participante recebia duas atividades de colegas para corrigir. A proposta para correção era refazer essa mesma atividade de uma maneira diferente, ou ajudar o colega nas questões que faltaram para complementar o material. A impressão era que fazíamos três atividades e em todas elas utilizando o Geogebra. Na formação passávamos por etapas, tínhamos também listas de exercícios para resolver, duas ou três listas que discutíamos no grupo. Uma excelente formação, que gostei e aprendi muito. Me deu muita bagagem para trabalhar nesse ano. Também pesquisei muitas coisas na internet, preparei muitas atividades que não deram certo, mas tudo fez parte do processo e com isso, estou aprendendo, evoluindo.

Silviane: Essas formações que você participou, foram formações indicadas pela escola ou busca particular?

Bruno: Na realidade, quase todas as formações foi eu que busquei. As formações foram aparecendo e eu fazia. Fiz algumas fora do estado, na da área de física, algumas eu abandonei por falta tempo. Era tanta dedicação à escola que eu acabei deixando de lado muitas dessas formações. Algumas, as escolas acabam divulgando. Na grande maioria das formações, recebi formulários enviados para as escolas. Fiz

uma formação de projeto de vida<sup>68</sup> e pós-médio<sup>69</sup>, pois trabalho com essas disciplinas no noturno. É uma formação bem interessante, que foi legal e prática. Os encontros eram semanais e as atividades práticas.

Silviane: Como você avalia essa migração do presencial para o remoto, quais suas concepções a respeito das diferenças de ensino?

Bruno: Particularmente eu não gostei muito. Tenho certa dificuldade em romantizar a EAD<sup>70</sup>. Eu aprendi bastante coisa? Sim, mas não gosto de romantizar. Penso que EAD veio para ficar, mas ela não é acessível para todo o público que a gente trabalha. Tenho turmas na mesma escola que uma encaixa perfeitamente nesse formato de ensino remoto e outras não. Muitos alunos precisam do professor presencial, tem dia que o aluno não está bem e o professor percebe isso no contato presencial diário. Às vezes, o rendimento do aluno começa a cair por um determinado problema que ele está vivenciando e tudo o que ele precisa é de uma conversa. Eu não acredito que a EAD possa substituir o contato presencial, pois há situações como essa que só são perceptíveis com o contato físico. Nessa modalidade, tentamos contato com os alunos que diminuíram o rendimento ligando para cada um deles. Muitos deram desculpas, outros não conseguimos o contato e as aulas foram seguindo. Nesse sentido acho que é ruim a EAD. A meu ver, a EAD aumenta cada vez mais a desigualdade, chega a ser triste, mas é uma verdade. Nossos alunos precisam de alguém como referência, de alguém falando para eles que é importante estudar. Eles precisam de alguém falando para ele que a única forma de mudar a situação atual é através do estudo. Por mais que nesse momento eles vão julgar uma bobagem, no futuro, talvez faça algum sentido.

Tenho um colega que trabalha no Mato Grosso (MT). As aulas das escolas particulares de lá aconteciam *on-line* e as aulas das escolas públicas do município e do estado estavam suspensas. Os alunos da escola particular não eram obrigados a frequentar as aulas *on-line*. Ele me contou que estava muito triste, acordava 7h da

---

<sup>68</sup> É uma disciplina da parte diversificada, que trabalha o planejamento para o futuro, interesses, sonhos e objetivos. Por meio do projeto de vida, é importante entender o papel que se exerce no mundo e designar estratégias para executar o planejamento. Disponível em <sae. digital>. Acesso em 11 de julho de 2021.

<sup>69</sup> É uma disciplina da parte diversificada e trabalha temas voltados para a carreira profissional.

<sup>70</sup> Educação a Distância.

manhã para dar aula todos os dias. Abria o *Google Meet* e estavam presentes na aula 21 dos 25 alunos da turma. Os quatro alunos que não estavam frequentando as aulas eram alunos da classe baixa e bolsistas na escola. O professor fez contato para saber o porquê da ausência desses alunos. Se não tinham acesso à internet ou material para as aulas. A justificativa da ausência era porque a frequência não era obrigatória. Os outros alunos, filhos de fazendeiros que tem tudo, estavam lá todos os dias e aproveitavam as aulas.

Com isso, percebemos que a desigualdade vai aumentar. Conscientizar esses alunos da importância da frequência nas aulas, no estudo, não é uma tarefa fácil. Percebo que muitos alunos se matavam para fazer as atividades, outros nos deram trabalho para fazê-las. Ligava para os responsáveis cobrando as atividades dos alunos, mesmo assim muitos não faziam. As ligações me deram muito trabalho, mas aos poucos fui conseguindo um número maior de alunos entregando atividades. Eu percebia que os pais de alunos das escolas particulares pagavam professor particular para os filhos. Falta ao aluno de escola pública disciplina para estudar. Acredita que está tudo bem e quando vê a bomba estoura.

Outro fator que me faz não gostar da romantização da EAD é tratar todos igualmente. Neste ano tenho três turmas de 9º ano (A, B, C), caso volte as aulas presenciais, a escola atenderá no formato híbrido. Eu acho que com isso ao invés deles abrirem três turmas, abrem apenas uma no google sala de aula e postam lá a mesma atividade. Só que as turmas do 9º ano (A, B, C) não aprendem da mesma forma. A turma A, se apresento um software para eles, não apresentam dificuldades de em produzir a partir do software. Se utilizo o *Jamboard*, eles interagem muito bem. E tem aquela turma que precisa ser estimulada o tempo todo, mostrando como fazer e o que fazer. Com cada vez mais a desigualdade se amplia, pois, quem tem uma estrutura familiar e tecnológica vai conseguir acompanhar e quem não tem ficará cada vez mais à mercê das situações. Não gosto da EAD porque aumenta muita a desigualdade, mas foi necessária e atendeu as necessidades da escola. Quanto ao índice de aprovação, eu acho que foi aprovado até mais alunos do que no presencial. Só que não podemos confundir aprovação com o aprendizado. O aprendizado foi mínimo, talvez nem seja possível percebê-lo. Um seis na aula presencial é mais importante do que um oito nas aulas remotas.

Silviane: Como que você avalia no contexto geral o trabalho dos professores e das escolas nesse período da pandemia?

Bruno: Trabalho em duas escolas, Escola Estadual Aracy Eudociak e Escola Municipal José Mauro Messias da Silva. A gestão de cada uma delas, direção e coordenação, deram o máximo de si, mas parece que a EAD no ensino remoto, mostra muitos professores que sempre fizeram de conta, fingiam que davam aula e os alunos fingiam que aprendiam. Mostrou também muitos professores que não estavam nem aí. Vi muitos professores que deixaram a desejar.

Agora sobre a questão de *feedback* dos alunos, na escola Aracy cada turma tem três professores padrinhos de sala. Esses professores fazem rodízio nas turmas, acompanham por um determinado período e depois trocam. Essa dinâmica ocorre para que esses professores cobrem o cumprimento das atividades dos alunos, fazendo contato com o aluno e com os responsáveis. Todas as intervenções realizadas pelo grupo de professores constam no relatório da respectiva turma.

Eu conversava com outros professores de matemática, física e ciências, e percebi o quanto adaptar as atividades dessas disciplinas para as aulas remotas eram difíceis. Trabalhamos com software, *Google formulário*, vídeos e outros. Porém, muitos professores na APC propunham a página do livro, os exercícios e solicitava um resumo. Aí quebra a gente. Quando um professor de português faz uma proposta dessa e não trabalha a interpretação com os alunos, isso refletirá na matemática, pois é impossível aprender matemática se não souber interpretar um texto. O aluno não faz nenhuma questão de matemática se ele não souber interpretá-la.

Penso que no começo os professores não sabiam como preparar as atividades para os alunos, mas aos poucos fomos aprendendo e melhorando. Na EAD falta sincronia, tem que estar em perfeita sincronia porque senão, não vai. Após algumas tentativas frustrantes como excesso de atividades fomos percebendo qual a melhor forma para trabalhar nesse período. Professores que tinham uma aula na turma às vezes passavam mais atividades do que professores com quatro ou cinco aulas. Com o tempo fomos percebendo que quantidade não fazia sentido para o aluno. Passei a priorizar mais os exemplos resolvidos do que as atividades. Com os exemplos, o aluno tem os procedimentos de resolução o que favorecerá na realização das atividades. O aluno precisa aprender o conteúdo pra evoluir na aprendizagem.

Uma preocupação que tive foi com os pré-requisitos para um determinado conteúdo. Foi muito difícil, planejava uma primeira atividade que era pré-requisito para o próximo conteúdo, mas os alunos não tinham realizado a atividade de pré-requisito e já queriam fazer a outra. Ou faziam as duas simultaneamente. Deu um pouco de trabalho retomar os conteúdos dos anos anteriores. Com minhas turmas do nono ano, precisei retomar muito conteúdo do oitavo. Como isso, perde-se muito tempo de aula. No momento da explicação dos conteúdos há muitas intervenções dos alunos alegando que não entendem nada e, às vezes, são conceitos trabalhados em anos anteriores que precisam ser retomados naquele momento. Na EAD essa retomada é muito complicada, deixa a desejar.

Silviane: Como que você vê a escola neste ano de 2020?

Bruno: Vejo professores que tentaram ajudar ao máximo. Penso que o trabalho foi útil, mas no geral faltou algo a mais. A gente percebe que a escola sem a presença dos alunos, sem aquele contato, sem essa troca de experiência de um e outro, não é escola. Digo que o processo escolar aconteceu para número e não deixar o aluno perder o vínculo com a escola. Mas no geral, não foi produtivo o processo de ensino e aprendizagem. Para o bom aluno não percebi prejuízo, porém não vi evolução do aluno que tem dificuldades, que precisava da escola para evoluir. Muitos alunos fazem a atividade no chão de barro por não terem uma mesa. A família se mostrou mais preocupada com o kit merenda escolar, do que a aprendizagem do filho.

Silviane: Esgotamos as questões do roteiro, porém se você quiser comentar mais alguma coisa que não foi perguntado fique à vontade.

Bruno: Acredito que o ano 2021 será muito importante. Um divisor de águas. É um ano que poderemos recuperar 2020, mas que poderá ser um ano crítico também. Dependendo da forma que for trabalhado pode ficar muito pior. Em 2020 não estava trabalhando no Ensino Médio, mas acompanhava o trabalho de alguns professores. Os alunos de primeiro ano vão sofrer com esse processo. Os alunos do terceiro ano, talvez não, porque já estavam encerrando essa etapa e são mais maduros. O aluno quando chega no Ensino Médio já enfrenta uma nova situação, mas com um ano totalmente atípico, o segundo ano será muito importante. Se não tiver um cronograma

e uma boa estrutura para esse aluno recuperar o ano, ele terá sérios problemas no futuro. Penso que as escolas precisam cada vez mais nesse período de aulas remotas ter muita sincronia. É necessário planejar o que fazer e como fazer, porque ficar mudando as estratégias é muito crítico. Nem todos os professores se adaptam, ficando bem complicada a situação. Assim acontece também com os alunos, alguns não têm problemas em adaptar a múltiplas situações, enquanto outros sofrem muito com certas mudanças.

Silviane: Diante de tudo isso que aconteceu neste ano de 2020, de todas as práticas mobilizadas, das adaptações necessárias, qual é o seu sentimento enquanto professor, como você avalia esse ano?

Bruno: Foi um ano muito legal e muito cansativo. Não me sinto com o dever cumprido, porém sei que dei meu máximo, não o suficiente. Porque dar o máximo não quer dizer que você vai alcançar todos os alunos. Consegui fazer o papel de professor, mas nós sabemos que em educação existe muito mais coisas além disso. Não consegui ver a coisa que eu mais gostava, olhar uma turma no final do ano e vê o quanto eles evoluíram. Alunos com sérios problemas tanto de aprendizagem e indisciplina que no presencial eu acompanhava e no final do ano percebia que havia evoluído. Vejo com tristeza alunos que tinham recuperado nos anos anteriores e neste ano voltaram para um cenário crítico. Foi um ano que eu dei o máximo, porém não foi o suficiente para conseguir ter todos os objetivos alcançados. Para a escola os resultados foram positivos, para mim não foram suficientes. Não é a aprovação que vai mudar a vida de um adolescente. A educação é responsabilidade de todos, família e escola, e infelizmente percebo que a maioria das famílias não se preocupa com a aprendizagem dos filhos, usam a escola como um local para deixá-los. Os pais não estavam preparados para receber os filhos em casa. Acho que 2020 foi um ano bem triste.

### 3.4 Entrevista com a Professora Thayna Alcântara



**Figura 9: Professora Thayna**

A entrevista com a Thayna ocorreu no dia 18 de fevereiro de 2021 via *Google Meet*. Para a entrevista segui um roteiro e gravei a conversa utilizando a ferramenta do próprio aplicativo. A entrevistada foi convidada a participar da pesquisa pois atuou como professora de matemática em 2020 na Rede Estadual de Ensino (REE) no município de Campo Grande (MS) e participou de um curso de extensão oferecido pela orientadora desse trabalho.

Silviane: Gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco sobre você e como se constituiu professora. Onde estudou, se foi aluna de escola pública, onde fez faculdade e qual curso, se tem licenciatura em alguma área, pós-graduação, enfim, se apresente.

Thayna: Sou Thayna Alcântara, tenho 30 anos, natural de Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro. Estudei o ensino fundamental em escola pública, mas o ensino médio fiz em escola particular, uma escola que já era pré-vestibular, um modelo bem comum naquela época. Ingressei em 2011 na Universidade Federal Fluminense (UFF) no

curso de Engenharia Mecânica. Em 2016 me formei e me casei. Após o casamento saí de Volta Redonda-RJ e fui morar em Itajubá, sul de Minas Gerais. Lá entrei no mestrado de Engenharia, na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), já pensando em lecionar, porque eu sempre gostei da sala de aula. Trabalhei com aulas particulares para crianças de sexto ano e sétimo ano, enquanto cursava a graduação. Meus pais são professores. Meu pai é engenheiro e dá aula no curso técnico e minha mãe é pedagoga e trabalha com a educação infantil.

Em 2018 meu marido veio trabalhar aqui em Campo Grande (MS) e eu estava terminando o mestrado neste ano. Fiquei uns quatro meses a mais em Minas para concluir os experimentos da dissertação, e vim escrever aqui em Campo Grande e no final de 2018 retornei à Itajubá para apresentar o trabalho. Nesse mesmo período entrei na formação pedagógica, um ano e meio, que é uma complementação para me habilitar como licenciada dentro da área de exatas. Escolhi matemática porque sempre me identifiquei muito com essa disciplina.

Durante o período da formação pedagógica, me inscrevi em duas escolas de reforço aqui em Campo Grande. Dava aulas particulares nessas escolas e consegui, sem concluir a formação ainda, lecionar em uma escola particular. As escolas públicas exigiam formação na área e eu ainda não tinha o diploma, na escola particular não havia essa exigência naquela época. Precisavam de professor de física e minha formação em engenharia me habilitava. Trabalhava no nono ano do ensino fundamental e foi encantador, gostei bastante. É diferente do ensino médio e a metodologia da escola particular era conteúdo e atividade. No final de 2019, concluí a formação pedagógica e como havia processo seletivo no estado de Mato Grosso do Sul, decidi fazer. Como a prova era bem específica, precisei me preparar e com isso estudei bastante.

Comecei a trabalhar no estado em 2020. Antes disso, em 2019, substituí durante uns três meses um professor de física aqui na escola onde trabalho. Ele foi aprovado num concurso e precisou sair. Era finalzinho do ano e conseguimos fazer um acordo com a diretora.

Silviane: Você mencionou que trabalhava muito com aula particular. Comente mais sobre isso.

Thayna: Comecei a dar aulas particulares na faculdade de engenharia para o ensino fundamental 1 e 2, um trabalho esporádico. Quando vim para Campo Grande em 2018, aí sim trabalhava mesmo com aula particular. Saía de casa cedo e chegava à noite, às vezes ia na casa do aluno e de um curso para outro. Minha renda em 2018, e grande parte de 2019, vinha das aulas particulares, pois eu tinha poucas aulas na escola privada, e isso não preenchia todo meu tempo. Dar aula particular e trabalhar numa escola privada ou numa escola pública são experiências completamente diferentes. Se pensarmos na minha experiência na Escola Estadual Waldemir Barros da Silva, escola de autoria<sup>71</sup> e compararmos com a minha experiência na outra escola, posso dizer que é mais fácil dar aula numa escola particular, porque a escola da autoria exige muito mais do professor.

Silviane: Me conte como que foi trabalhar em 2020, primeira experiência em escola pública e trabalho remoto.

Thayna: Quando cheguei à escola, o meu primeiro contato foi com a direção que me explicou como era a metodologia de lá. Confesso que fiquei chocada porque era muito diferente do que eu estava acostumada. Todos os professores de matemática eram novos na escola e ninguém tinha experiência com o modelo de escola da autoria. Mas foi bom porque aprendemos e crescemos juntos. Quando vi que tinha seis aulas em cada turma pensei, o que vou fazer em seis aulas? Vou acabar a matéria em um mês, só que levei o bimestre inteiro para finalizar. No início do ano o horário não estava pronto e entrei na mesma sala várias vezes. Me encantei pela escola pública, uma realidade totalmente diferente da escola particular. Na pública, não sei se é específico da escola de autoria, a gente fica muito mais próxima dos alunos. Eu tinha muito mais tempo com eles e ficava mais à vontade. Os alunos têm liberdade para falar com o professor, é um relacionamento horizontal, isso é bacana. Os alunos que têm

---

<sup>71</sup> “É um Programa de oferta do Ensino Médio em Tempo Integral – EMTI, denominado Escola da Autoria, que tem como proposta pedagógica a formação integral do jovem, estimulando não só o desenvolvimento da aprendizagem, mas também das competências socioemocionais, por meio da ampliação do tempo de permanência na escola e do oferecimento de componentes curriculares diferenciados, que articulam os conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular com uma Parte Diversificada pensada para atender ao jovem e ao seu projeto de vida”. Disponível em: <https://www.cartasdeservicos.ms.gov.br/ensino-medio-em-tempo-integral-escola-da-autoria/>, acesso em: 19 de setembro de 2022.

dificuldade não se intimidam em relação aos que não têm. Atuo no primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio.

Não ficamos nem um mês no trabalho presencial e já passamos a trabalhar com as atividades remotas devido à pandemia da Covid-19. A primeira atividade foi feita em Word e adaptada do livro didático, pois pensávamos que logo os alunos retornariam para a escola. Quando olho para a primeira atividade eu penso que não era preciso aquilo. A atividade do terceiro ano, por exemplo, era muito complexa para a realidade deles. Mas foi algo planejado para poucos dias e tinha que ser uma coisa mais rápida. Acho que subestimamos a situação. Para ajudar os alunos do terceiro ano com a atividade de probabilidade, produzi um vídeo no celular. Escrevi numa folha como resolvia as questões, filmei e enviei para eles. Depois dessa atividade começamos a fazer outras mais fáceis. Começamos a usar os números do corona vírus na cidade e no país para trabalhar estatística, análise e interpretação de gráfico. Quando entendemos que não retornaríamos tão cedo às aulas presenciais, decidimos por dar continuidade ao conteúdo previsto e trabalhar de acordo com a metodologia da escola.

A escola trabalha muito com modelagem matemática. O professor não pode apresentar o conteúdo fora de um contexto, tem que problematizar e despertar o interesse do aluno na atividade, envolvê-lo para que ele queira produzir, seja um vídeo, um texto, um cálculo. Planejavamos as atividades e muitas delas no final pediam um texto e fotos sobre os experimentos. Propúnhamos atividades práticas e compartilhávamos vídeos do *Youtube* para ajudar no entendimento. Para os terceiros anos propus uma atividade que conta a história da descoberta do conceito de empuxo por Arquimedes quando estava na banheira. Como muitos não têm acesso à internet, printei as imagens mais relevantes e montei uma história em quadrinhos com vídeo e mandei para eles. Bolei a atividade em volta da história e no final eu pedia para eles fazerem o experimento tirando foto, mostrando a alteração do volume em relação ao volume do objeto que eles iam colocar dentro da água. Essa atividade eu achei fantástica, porque ela passa um conteúdo. Mas o retorno dos alunos nem sempre é o que a gente espera. Eu tinha dois terceiros anos, nem sei falar quantos responderam a atividade do início ao fim da forma solicitada. Mas também não me prendia muito a isso, eu achava que deveria fazer e que seria uma boa proposta para eles, que ia atender as expectativas da escola e abranger o conteúdo que a Secretaria Estadual de Educação (SED) mandava. Independente do retorno ou não dos alunos, não tive

aquele sentimento de frustração, de desvalorização da parte deles. Meu pensamento era: “estou fazendo o que eu tenho que fazer”. Não era possível ir à casa deles, embora eu tenha ido no final do ano, momento em que fui para parabenizá-los e não para cobrar atividade.

Uma coisa que fiz foi salvar o contato de todos eles no meu celular. Eu sabia exatamente quem falava comigo, com quem eu tinha que falar, as conversas que eu tinha com todos eles, porque você chamar o aluno pelo nome e tratar ele de forma pessoal faz muita diferença. Eu vivenciei uma situação com uma aluna do primeiro ano, ela era muito boa presencialmente, pegava muito rápido, desenvolvia muito rápido e no primeiro bimestre que foi remoto ela foi bem ainda. No segundo bimestre ela começou a cair e no terceiro ela não fez nada. Sempre mandava mensagem para ela e em uma das respostas ela me disse que estava mais preocupada em não ter pensamentos suicidas do que resolver a atividade. Deixei o assunto da atividade de lado e conversei bastante com ela. Sempre elogiando e falando da capacidade que ela tinha. Contatei a escola, lógico, para que esse assunto chegasse até a mãe dela. Mas a mãe não quis saber e nem deu tanta importância, achou que era mais uma bobeira. No final do ano quando tivemos um período de recuperação foi presencial, eu a incentivei muito. Ela foi e fez todas as recuperações do segundo e do terceiro bimestre e com isso ela conseguiu concluir.

Silviane: Até meados de março as aulas ocorreram de forma presencial. No início da pandemia as aulas foram suspensas por um determinado período e com o avanço do vírus os períodos de suspensão se renovavam. Gostaria que você comentasse como a escola se organizou no primeiro momento e como ela foi se organizando posteriormente?

Thayna: Na escola cada classe tem os padrinhos, que são professores responsáveis pela turma, e tem também os líderes, que são dois alunos eleitos pelos colegas. É como se a turma respondesse ao líder e o líder ao padrinho, criando assim uma hierarquia. Com a suspensão das aulas em março, os padrinhos criaram os grupos no *WhatsApp* com a turma e com todos os professores e isso facilitou demais. Só o *Classroom*, naquela época, não dava conta de atender todo mundo até porque iniciamos com o e-mail pessoal. Os grupos serviram em um primeiro momento para nos organizar. O contato dos professores com os alunos era por lá. Os professores

mandavam vídeos, atividades, orientações e as APCs (Atividades Pedagógicas Complementares) que eram quinzenais.

Nesse primeiro momento as datas de entrega das atividades eram distintas e organizadas por área: Matemática, Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza. Uma organização muito positiva, pois, assim o aluno tem menos atividades para entregar. Na escola de autoria, além das atividades da base comum (Matemática, Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza), tinha as atividades da parte diversificada (pesquisa e autoria, eletivas e outras).

Silviane: Quanto aos recursos tecnológicos para preparar as aulas, computador, *internet* e celular, você tinha em casa, precisou adquirir... como que foi para você trabalhar remotamente?

Thayna: Comprei meu *notebook* e *internet* na época da faculdade quando estava fazendo Trabalho de Conclusão de Curso. O celular precisei trocar porque ficou muito lento, então as primeiras conversas de março e abril eu não tenho mais. Apesar da pandemia, eu achei que 2020 foi um ano muito bom. A quantidade de coisas que aprendi não sei se teria oportunidade de aprender em outro momento. São coisas que não eram do meu interesse. Edição e gravação de vídeo, recursos básicos do *Word*, *Power Point*, *Excel*. Muitas oportunidades que pude aproveitar diante desse contexto. Não tive dificuldade porque eu gosto de fazer coisas diferentes. Ajudei muito minha mãe nas videoconferências pelo *Google Meet* porque ela teve bastante dificuldade. Acredito que os professores mais velhos sofreram mais para trabalhar nesse contexto.

Silviane: Me fale a respeito da participação dos alunos nas aulas remotas e o acesso deles aos recursos tecnológicos.

Thayna: Por mais que a escola pertença a periferia, é difícil encontrar alguém que não tenha celular. Pode até faltar à *internet*, mas o celular não falta, e por isso, acesso ao *WhatsApp* quase todos tinham. Em média dois alunos por turma sem acesso. *Notebook* é mais raro e os acessos ao *Classroom* e ao *e-mail* dependem de uma boa *internet*. A escola disponibilizava a APC impressa que ficava disponível na coordenação. O aluno que buscasse a atividade na escola e conversasse comigo pelo *WhatsApp* conseguia fazer perfeitamente a atividade. Não precisaria estar presente

no *Google Meet*, caso não tivesse uma internet razoável. Poucos são os alunos com *internet* suficiente para atender a uma videochamada, tanto que a participação no *Google Meet* era pequena, o máximo de alunos que consegui juntar numa aula foi sete de uma turma de quase 30. Claro que também há falta de interesse, o problema não é só a *internet*.

Silviane: Durante esse período da pandemia você participou de formações? Me fale das formações que você participou em 2020?

Thayna: Fiz uma formação da mesa digitalizadora<sup>72</sup> e uma de modelagem matemática por conta da metodologia da escola, ambas pela UFMS. A experiência que eu tinha em modelagem matemática era de uma disciplina que eu tive na graduação. Mas não era aquela experiência que me habilitava a elaborar um plano de aula com a temática. Participei de outra formação com um grupo de pesquisa<sup>73</sup> também da Universidade Federal (UFMS). Os encontros eram quinzenais e as terças-feiras à noite. Eles ensinaram várias metodologias como gamificação, história em quadrinhos e edição de vídeos. Vários professores falavam na formação e a gamificação que aprendemos, conseguimos aplicar. A história em quadrinhos é no aplicativo do Pixel e aplicamos a atividade na escola porque temos muita liberdade para trabalhar lá.

Ao mesmo tempo em que parece que na escola você não vai conseguir dar aula direito porque é tudo diferente, você tem liberdade para trabalhar da forma mais criativa possível. No quarto bimestre, nossa área se juntou com a de humanas e no primeiro ano do ensino médio, elaboramos uma atividade de história em quadrinhos com alguns dos filósofos. Os alunos precisavam produzir uma história que conseguissem incluir a ideia filosófica e a matemática descoberta pelo personagem escolhido. Eles podiam também fazer à mão quem não estivesse à vontade para usar o *site*. As atividades que os alunos produziram ficaram incríveis.

---

<sup>72</sup> É um dispositivo periférico do computador que permite desenhar usando uma caneta. A imagem é exibida no computador. (Wikipédia)

<sup>73</sup> GETECMAT - Grupo de Estudo de Tecnologia e Educação Matemática. É um grupo de pesquisa que investiga o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de ensino e de aprendizagem da Matemática, na busca de integrar a escola à linguagem digital; investiga ainda a formação de professores para o uso destas tecnologias e os processos de ensino e aprendizagem na modalidade de Educação a Distância.

Silviane: A escola tem recursos tecnológicos disponíveis para os alunos como acesso à *internet*, laboratório de informática, de ciências...

Thayna: A escola é muito boa, além do ensino médio regular, tem o integrado<sup>74</sup>, que são os cursos técnicos em Informática e Rede de Computadores. Por conta desses cursos específicos da área de informática, a escola tem três laboratórios de informática com computadores funcionando e acesso à internet. Se estivéssemos no presencial, poderíamos dar aula no laboratório, utilizar a internet, assistir vídeos. A escola tem também laboratório de biologia, química, física e matemática. A estrutura de maneira geral é boa, mas o laboratório de matemática é o que tem menos recursos. Tem as formas sólidas, bastante livro e as mesas dispostas para se sentarem em grupo. Os laboratórios de física, química e biologia são equipados com as bancadas e com os materiais que eles precisam, é bastante coisa. O aluno que quisesse agendar para fazer as atividades na escola no período remoto poderia. Não sei falar se eles aproveitaram isso, acho que não, porque o retorno das atividades para correção não foi satisfatório.

Silviane: Como você vê o trabalho dos professores durante esse momento de pandemia?

Thayna: Como estávamos em trabalho remoto eu não tinha muito contato os professores da escola, apenas com os de matemática. Meu contato mais próximo era com o professor que chegou na escola um pouco antes de mim, que tinha mais ou menos a minha idade e nenhuma experiência com o trabalho em escola da autoria (assim como eu). Havia o contato com duas outras professoras de matemática que tinham mais experiência na área da educação pública e mais idade também. Senti que foi um pouco mais difícil para elas se adaptarem, talvez por estarem há muito tempo no sistema que funcionava de um jeito e aí mudou tudo para o ensino remoto. Nós, o professor e eu, tudo ali era novo, então não tivemos dificuldades no trabalho.

---

<sup>74</sup> “A EE Waldemir Barros da Silva disponibiliza desde o ano de 2007 para a comunidade local e região, cursos de Educação Profissional do Eixo Informação e Comunicação, por meio da oferta de turmas na Modalidade Integrada ao Ensino Médio. A escola já ofereceu diversos cursos técnicos (concomitantes, subsequentes e integrados) e de qualificação profissional (integrados), com formação inicial e continuada (FIC)”. Disponível em: <http://eewbs.com.br/site/profissional.php>, acesso em: 19 de setembro de 2022.

Muitas vezes mandávamos as atividades para coordenação, atividades que resolvíamos em conjunto, e voltava para que fizéssemos pequenos ajustes. Eu e o professor pegamos o ritmo da escola, adaptávamos as atividades e já devolvíamos para a coordenação.

Nas sextas-feiras tínhamos reuniões quinzenais pelo *Google Meet*. Nas primeiras reuniões a coordenação pedagógica<sup>75</sup> conduzia, mas depois, a partir de um determinado momento, as coordenações de área<sup>76</sup> passaram a conduzir as reuniões, e com isso, havia trocas entre as áreas, quando cada área apresentava sua metodologia de trabalho. Os professores dos cursos técnicos também participavam e compartilhavam suas experiências. E esse momento era muito legal, ouvir os professores de outras áreas, ter acesso ao trabalho de cada um deles, trocar ideias, conhecer os projetos que estavam sendo desenvolvidos na escola e a partir daí, novas ideias fluíam.

O contato com os colegas no ano passado foi dessa forma, quinzenal e virtual. Os professores da escola são muito receptivos, não tem superioridade, soberba, se mostram sempre disponíveis. Mas eu estava mais próxima do pessoal da Matemática, alguns tiveram um pouco mais de dificuldade para se adaptar à metodologia da escola, mas no final do ano estávamos todos adaptados. No início do processo mandávamos as atividades para a coordenação e elas voltavam porque o coordenador fazia várias observações e com isso a gente foi aprendendo.

Silviane: Como você defini a escola em 2020? Como essa escola se constituiu?

Thayna: Vejo a escola como a relação do professor com o aluno, porque foi assim que conseguimos levar. Tentei ao máximo manter relação de proximidade com os meus

---

<sup>75</sup> A coordenação pedagógica na Rede Estadual de Educação (REE) de Mato Grosso do Sul (MS) desde dezembro de 2011 pode ser exercida por um profissional especialista de acordo com o parecer n.º 332/2011 do Conselho Estadual de Educação (CEE/MS) que alterou o artigo 43 da Deliberação CEE/MS n.º 9191, de 26 de novembro de 2009, passando a vigor com a seguinte redação: “A função de coordenador pedagógico deverá ser exercida por profissionais com formação em curso de Pedagogia e ou demais licenciaturas, com conhecimento em gestão educacional.” Não sabemos qual a formação da coordenadora pedagógica da escola da Thayna, mas a função da coordenadora é de organizar e orientar o trabalho pedagógico dentro da instituição de ensino, dar suporte aos professores no planejamento e em sala de aula, aprendizado do aluno, organização dos registros das atividades da escola, entre outras.

<sup>76</sup> Os coordenadores de área, são professores especialistas (das licenciaturas) que atuam na supervisão e orientação das práticas (planejamentos – aula/projetos, docência, avaliações) no ambiente escolar, além da verificação e garantia dos recursos necessários para a viabilização de aulas, reuniões e atividades.

alunos, sem ultrapassar os limites. Não mandava e nem respondia mensagens fora do horário, mas não me distanciava deles, essa é uma das coisas que a tecnologia permite. Aproxima, mas também aparta. A escola em 2020 foi isso, só pessoas, professor, aluno e o meio, celular ou computador.

Silviane: Há mais alguma coisa que queira compartilhar? Alguma experiência vivida em 2020 que não tenha relatado?

Thayna: O que senti falta em 2020 na escola foi de um método para avaliar os alunos. Porque no presencial é processual, você está ali, no dia a dia com o aluno e vê o desenvolvimento dele, consegue dar o visto. Como eles gostam do visto e eu também, porque vou marcando no caderno e no final das contas a gente consegue ajudar todos eles. E em 2020 foi um desafio porque ao mesmo tempo que a gente quer que o aluno vá bem, a gente não tem de onde tirar o vai bem. Como vou justificar uma nota cinco ou seis para um aluno? O processo avaliativo foi bem complicado porque eu tinha aluno que não participava, mas eu não podia deixá-lo sem uma nota. Não trabalhamos com prova, só APCs, e sem eles participarem no *Google Meet*, foi muito difícil avaliar. Os que participavam até dava ponto para eles, agora os que não participavam é complicado. Na escola de autoria a gente não trabalha com prova nem quando é presencial, valorizamos o contato com o aluno e como ele está desenvolvendo as atividades.

### 3.5 Entrevista com o Professor Wagner Allém Estigarrivio



**Figura 10: Professor Wagner**

A entrevista com o Wagner aconteceu em 15 de fevereiro de 2021 e em 16 de maio de 2021 via *Google Meet*. Fizemos em dois dias, pois a parte inicial da entrevista não foi gravada. O entrevistado foi convidado a participar da pesquisa por indicação de uma colega e por atuar em 2020 na Rede Estadual de Ensino (REE) no município de Campo Grande (MS).

Silviane: O objetivo da minha pesquisa é compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia Covid-19 em Campo Grande (MS) e é sobre esses diferentes modos de se produzir escolas que vamos conversar. Para iniciar nossa conversa, gostaria que o senhor se apresentasse para os leitores da pesquisa.

Wagner: Meu nome é Wagner Allém Estigarrivio, tenho 49 anos, sou professor de matemática formado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), turma de 1998. Colei grau em maio de 1999 por conta de uma greve longa que teve naquele

ano. Comecei a lecionar interruptamente em 1998, no meu último ano da graduação em matemática. Iniciei na rede municipal como professor, me concurrei em 2005 e estou até hoje. Na rede estadual assumi o concurso em março de 2000 e estou em efetivo trabalho também até hoje. Em 2006, 2007, não recordo bem a data, fiz especialização na UNIDERP<sup>77</sup> em ensino de matemática nas séries iniciais. Constantemente participo de cursos de formação ofertados pela rede municipal de ensino, aqui de Campo Grande (MS), porém com carga horária menor 20, 40, 60 horas, nada tão longo. Minha principal formação é a graduação e a especialização que concluí.

Silviane: Fale um pouco sobre sua família.

Wagner: Sou nascido e criado em Campo Grande. Conheci minha esposa no primeiro ano em que dei aula. Inclusive, quando entrei na rede municipal ela substituía professores naquela escola. Como eu estava no último ano do curso de matemática, eu sempre necessitava de professor para me substituir, pois precisava estudar para as provas. Ela me substituiu algumas vezes, estreitamos laços, começamos a namorar e nos casamos no ano de 2000. Temos dois filhos, João Felipe, de onze anos, e Letícia, que completa quinze anos no mês de agosto.

Silviane: Tem outras experiências atuando como professor que queira compartilhar?

Wagner: Atuei na rede municipal de 1998 até os dias atuais, com exceção do segundo semestre de 2004, pois estava lotado 40 horas na rede estadual. Fui professor contratado de 1998 até o final do primeiro semestre de 2004, retornando para a rede municipal em fevereiro de 2005, quando assumi o concurso público. Atuei em quatro escolas municipais: Coronel Sebastião Lima, Nazira Anache, Professor Nagib Ralan, Professor Arlindo Lima. Na rede estadual, em 1994, lecionei na EE Vespasiano Martins, mas foi uma experiência isolada. Ininterruptamente, na rede estadual, trabalhei a partir de 2000 quando assumi o concurso público. Além disso, trabalhei em algumas escolas particulares: CDC, no antigo curso supletivo, agora EJA; SESC, no antigo cursinho pré-vestibular e Escola Batista de Educação, onde lecionei por um ano. Mas,

---

<sup>77</sup> Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Instalada em Campo Grande, MS.

foram poucos anos trabalhando em escolas particulares em Campo Grande (MS). Tenho mais experiências em escolas públicas, municipal e estadual.

Silviane: Me conte como que foi a escolha pelo curso de matemática.

Wagner: Passamos por vários momentos ao longo da vida, e quando eu estava terminando a sétima série, lá pelos meus treze anos, decidi que queria ser professor. Lembro que estava na sala de aula e vi o professor no tablado, acima dos outros, pensei: “vou sair dessa cadeira e vou para onde o professor está”. Lembro bem dessa cena, foi muito forte para mim, pois até então eu não sabia que queria ser professor. No ano seguinte, na oitava série, por eu ter facilidade em matemática (naquele ano mais ainda), decidi que seria professor de matemática.

No plano pessoal, tenho uma ligação espiritual muito forte com a minha igreja, sou da igreja Batista, creio no evangelho, creio em Jesus e durante muitos anos, tive vontade de ser missionário. Com isso, desviei o foco da matemática para o magistério e comecei a me preparar para medicina, mas não para atuar em clínicas, mas para trabalhar como missionário. Passei o ensino médio focado nessa ideia e estudei muito para o vestibular. Concluí o terceiro ano e não fui aprovado em medicina. No ano seguinte, ingressei no cursinho pré-vestibular e, uma aula de física me despertou forte a paixão pela matemática. Cheguei em casa e falei para meu pai que faria matemática. Com isso, abandonei o cursinho em março de 1991, pois entendi que para passar no vestibular de matemática não seria necessário.

Em outubro, do mesmo ano, meu irmão me convenceu a fazer curso de bacharelado em física. Ficamos três anos no curso, porém fui muito mal em algumas disciplinas, o que me desanimou bastante. Também eu era muito imaturo para a universidade, e em 1994 eu comecei a dar aula e a receber como leigo pelo fato de o curso ser bacharelado, o que me desanimou ainda mais. Tentei mudar para licenciatura em física sem vestibular, mas a universidade não permitiu. Como teria que fazer outro vestibular, decidi abandonar física e fazer matemática que era minha escolha inicial.

Com isso, entrei no curso de matemática em 1995 e me formei em quatro anos. Em 1999 fiz concurso para professor da rede estadual, fui aprovado, e a carreira se firmou. Na época, o governador ofereceu quarenta horas para os aprovados, mas não aceitei, pois, o salário do estado estava instável. Os professores ficavam muito tempo

sem salário e eu estava me preparando para o casamento, tinha as crianças, tudo acontecendo junto. Escolhi recusar a oferta e assumir apenas vinte horas e continuar contratado no município. Fiquei contratado na rede municipal até o ano de 2004, e em 2005, assumi o concurso.

Esta é a minha história com a matemática e com a carreira de professor em escola pública. Para aumentar a renda, de vez em quando, tentava aula na escola particular, mas para mim sempre foi um “bico”, nunca sonhei com a carreira privada, o que justifica minha curta história na rede particular. Concluí minha graduação e passei a atuar na rede pública, tão logo, já tinha dois concursos de 40 horas, não queria abandonar a carreira porque eu sempre pensei em estabilidade, prefiro ter algo seguro, ainda que não seja muito, do que ganhar muito e não ter a certeza do futuro.

Silviane: Gostaria que o senhor comentasse um pouco a respeito da estrutura das aulas antes da pandemia.

Wagner: Veja como são as coisas, nossa geração foi formada por professores tradicionais. Não havia tecnologias como hoje. Internet, naquela época, não existia. O sistema de ensino era tradicional, mas na universidade a cobrança é para que não utilizássemos a metodologia tradicional. Entretanto, não havia muitos exemplos, e sim muitos discursos. No meu último ano de matemática, no curso de prática de ensino, o professor da disciplina me “arrebentou” na sala. Estava lecionando, numa microaula, um conteúdo de matemática do ensino médio que havia sido sorteado. Quando concluí, ele falou que a minha aula era uma “porcaria” e que o diploma tinha que ir para o lixo. A crítica foi devido à metodologia tradicional que utilizei. Passaram algumas aulas após o ocorrido, e perguntei numa “boa” para o professor: “professor, o senhor criticou a minha aula, porque dá a aula igual a minha?” A turma ficou quieta. O discurso na universidade é para ser um professor renovador, porém a prática que nos apresentam é de um ensino tradicional.

Comecei a ter contato com outras metodologias de ensino atuando como professor da rede municipal. Antes do governo do Bernal<sup>78</sup>, tínhamos formações

---

<sup>78</sup> Alcides Jesus Peralta Bernal foi prefeito em Campo Grande, MS, de 25 de agosto de 2015 até 01 de janeiro de 2017.

mensais na SEMED<sup>79</sup> ou no CCAP<sup>80</sup>, e as formações eram muito boas. Abriam a nossa visão para uma outra forma de ensinar a matemática que não fosse o ensino tradicional. Mas as mudanças ocorrem aos poucos, e devagarzinho vão entrando na nossa mente. A gente começa a entender que é preciso transmitir para o aluno o ensino com uma metodologia mais significativa para ele. Mas para os conceitos ficarem na nossa mente, entrar no nosso coração e transformar nossa prática, demora muito e têm muitas questões envolvidas. Sempre converso na escola com os colegas e comento que para haver mudanças na metodologia é preciso investir em formação pesada, e nós não temos isso na escola. Acredito que essa formação só ocorra no mestrado mesmo, nem a pós-graduação que fiz colaborou para as mudanças na metodologia. O discurso nas redes municipal e estadual não muda, há sempre a cobrança para mudar a metodologia de ensino, fazer aulas mais modernas, mas a capacitação não existe.

Sempre me esforço para passar um conteúdo mais significativo, fugir daquela matemática acadêmica, mostrar para o aluno o porquê da matemática, sua aplicação na prática. A gente percebe que isso é pouco para essa geração que está aí. Geração da internet, parece que já nasceu com o computador na mão. Temos uma visão geral das necessidades atuais dos nossos alunos e das nossas limitações e se há barreiras transponíveis, há também outras que não favorecem as tentativas de mudanças. Por exemplo, retomamos as atividades presenciais na escola neste ano. A professora responsável pela informática colocou as senhas da internet no celular e no notebook dos professores. Quando fomos acessar para fazer os planejamentos, a internet não conectou. Não tem internet na escola para trabalhar. Sou professor do Joaquim Murtinho há 21 anos e essa dificuldade é sempre. Em todos esses anos trabalhando nessa escola, levei os alunos umas duas vezes na sala de informática. Nessas ocasiões, havia computadores que não funcionavam e internet que não conectava. Como trabalhar dessa forma? Esse conjunto de situações faz com que optemos pelo ensino tradicional, já que os meios não falham. No fim, acabamos repetindo a metodologia dos nossos professores.

---

<sup>79</sup> SEMED – Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

<sup>80</sup> CCAP – Centro de Capacitação de Professores da Rede Municipal de Ensino. O prédio, onde funcionava o CCAP, fica localizado na Avenida Ernesto Geisel esquina com a Rua 26 de Agosto e foi por muitos anos utilizado para formação de professores. Atualmente as formações acontecem na sede da SEMED ou em escolas (polo) municipais.

Silviane: Quer acrescentar mais alguma informação nessa parte inicial na qual abordamos a sua formação e a sua atuação profissional?

Wagner: Antes da pandemia a minha capacidade para lecionar com o computador e com a internet era muito “fraquinha”. Na rede municipal somos muito cobrados, temos inclusive horário para levarmos os alunos à sala de informática. Porém o supervisor sempre dizia que nossas aulas não eram motivadoras, que precisávamos utilizar a internet e o computador de uma forma mais eficiente. Colocávamos a atividade no *Word* ou *Power Point* para o aluno responder, o que não era muito diferente de um caderno. Entretanto, essa é uma falha que vem da formação. Com a pandemia, ficamos mais tempo em casa e meus filhos que têm muito mais conhecimento nessa área de tecnologia me ajudaram muito. Eu dava aula em vídeo, fazia uma apresentação em *Power Point* mais atraente, hoje eu uso muito o recurso do *Google Meet*, toda semana eu dou aula usando esse recurso na rede estadual. Nessa questão, a pandemia colaborou com a minha formação, pois adquiri muitas habilidades em tecnologia através dos meus filhos que me ajudavam muito. Eu tenho colegas que não tem jovens em casa e sofrem muito com o trabalho remoto. As redes estadual e municipal não ofereceram muito apoio para os professores nesse período de pandemia.

Silviane: Fale um pouco da interação com os alunos antes da pandemia.

Wagner: Antes da pandemia minha metodologia de trabalho era tradicional com aula expositiva, eu utilizava o quadro (lousa branca) e o livro didático. Explicava os conteúdos e eles ouviam as aulas, perguntavam e eu respondia. Tínhamos um relacionamento bem tranquilo, com raras exceções. Quando iniciou a pandemia precisei fazer aulas totalmente diferentes, pela internet, mas sempre tive muita dificuldade em lidar com a tecnologia, se não fosse minha filha adolescente eu estava “enrolado”. Ela me auxiliou bastante na preparação das aulas utilizando o gravador de tela e o *Power Point*. As aulas (conteúdo) foram apresentadas aos alunos junto com as atividades curriculares. Além disso, durante o ano, os alunos me enviavam perguntas e dúvidas por meio do *WhatsApp*, pelo *Google Classroom* ou *e-mail*. Sempre tentava responder a todos da mesma forma. A participação dos alunos foi insignificante em relação ao total de cada turma. Em cada sala com aproximadamente

30 alunos, dois ou três procuravam para tirar dúvidas pelos canais acima citados. Além da pouca participação, percebi a postura dos alunos em relação as avaliações no período da pandemia. Copiavam dos colegas, pois as respostas eram todas iguais, as corretas e as incorretas. Com isso, houve uma insegurança em relação à aprendizagem e eu entendi que eles não aprenderam. O desafio de 2021 é melhorar o processo de avaliação para evitar as cópias e obrigá-los a produzir suas atividades, seu conhecimento. Que os alunos aprendam os conteúdos e não apenas façam as atividades.

Silviane: As aulas foram suspensas no fim de março de 2020, como à escola se organizou para dar continuidade às aulas?

Wagner: Mais ou menos uma semana antes da suspensão das aulas, já estávamos imaginando que algo iria acontecer, visto as notícias que acompanhávamos dos casos da Covid-19 na China. Meu último dia de aula presencial foi no dia dezoito de março. Tenho uma foto da lousa desse último dia de aula antes da suspensão das aulas presenciais, inclusive a foto está publicada na minha página no *Facebook*<sup>81</sup>. Na lousa estava escrito a orientação de um trabalho com dez questões que os alunos devolveriam após um mês. Ninguém sabia a duração da pandemia, eu acreditava que seriam uns três meses. Na semana que foi noticiada a suspensão das aulas (segunda ou terça-feira), o diretor orientou aos professores para que preparemos uma atividade para os alunos devolverem no retorno às atividades presenciais e sinalizou que essa atividade poderia ser a que comporia a nota do primeiro bimestre. Acreditava-se não haver tempo para outra avaliação e essa foi a orientação inicial, não tínhamos como fazer uma previsão desse retorno.

Na semana de dezesseis a vinte de março, a presença dos alunos na escola foi reduzindo gradativamente, causando um esvaziamento nas salas de aula. Para os frequentes, continuávamos a lecionar, e para os ausentes, nos foi orientado registrar no diário a presença para eles. Professores e alunos estavam muito assustados. Aquele momento que estávamos vivendo era inesperado, e ninguém sabia o que estava acontecendo de verdade. No dia dezoito não tive nenhum aluno nas minhas

---

<sup>81</sup> Rede social criada em 2003.

salas, por isso, escrevi na lousa o trabalho e postei no *Facebook*. Postei também nos grupos de *WhatsApp* e avisei que eles teriam um mês para entregar o trabalho pronto.

Os grupos de *WhatsApp* já existiam, no início do ano eu estava pensando em fazer algo diferente, então já havia criado os grupos. Essa foi a única coisa diferente que eu pensei para aquele ano ainda no presencial. A maioria dos meus colegas de trabalho teve práticas como a minha, postaram as atividades para os alunos por meio de uma rede social. Não sabíamos quando iríamos voltar e à medida em que o período de isolamento foi aumentando, a escola dava novas orientações e solicitava aos professores que preparassem mais um trabalho para mais um período. Com isso, a cada mês elaborávamos uma nova avaliação. A escola orientou para que as avaliações não fossem convencionais, para evitar as colas entre os alunos e a falta de produção individual.

Com o avançar do tempo, eu tentava elaborar lições diferentes, porém foi complicado para mim e para os alunos. A orientação geral da escola era para elaborarmos avaliações com dez questões e, a partir dessa orientação, cada professor tinha a liberdade para criar. Com o avançar dos meses, por volta de julho, veio uma orientação para que fizéssemos avaliações objetivas. Fomos modificando ao longo do processo de acordo com as experiências anteriores, pois não tínhamos um modo de operar diante desse momento em que os alunos estavam em atividades remotas. Fomos aprendendo no percurso.

Neste ano, ainda vamos trabalhar na modalidade remota e tenho pensado em elaborar as avaliações no *Google Formulário* com grau crescente de dificuldades até atingir o nível da avaliação final que vou disponibilizar. Isso estou pensando agora, mas não sei de fato como vai ocorrer. Vamos elaborar uma avaliação diagnóstica para visualizarmos as perdas do ano anterior, que imaginamos ter sido enormes, e o objetivo deste ano será justamente recuperar essas perdas. Com isso, não sei se vou conseguir fazer a avaliação da forma como estou pensando, mas a minha ideia é partir do ponto que encerrei o ano. No mês de março, vamos tentar trabalhar com questões que são pré-requisito para os conteúdos do ano que imagino estarem em defasagem - conteúdo do ensino fundamental, matemática básica. A proposta é ir trabalhando com esse conteúdo a partir do *Google Formulário*, fazer trabalhos semanais, com grau crescente de dificuldades até que culmine na APC, que é a nossa avaliação de zero a dez.

Silviane: Comente um pouco mais sobre a frequência das atividades para os alunos.

Wagner: Com a pandemia, o período de isolamento foi se estendendo e a suspensão das aulas prorrogadas. A Secretaria da Educação elaborou orientações sobre as atividades para o período de aulas remotas, e as escolas tinham autonomia para regular a frequência dessas atividades. Na escola em que eu trabalho, fazíamos atividades mensais, acompanhando os períodos dos decretos até concluirmos o ano.

Silviane: Você comentou que a primeira atividade postou na página do *Facebook* e nos grupos de *WhatsApp* das turmas. Havia outros modos dos alunos terem acesso a essas atividades?

Wagner: A primeira atividade foi pelo *WhatsApp*, mas não demorou muito e a Secretaria da Educação fez uma parceria com a *Google* e começamos a utilizar a plataforma *Google Classroom*. Com isso, postávamos as aulas, as explicações e as atividades na plataforma, mas sabíamos que nem todos os alunos tinham acesso à internet, então enviamos também pelo *WhatsApp*. No início, quando ocorreu a suspensão das aulas presenciais, passei para os alunos meu *e-mail* pessoal. Depois de um tempo, percebi que a estratégia não foi muito boa, pois misturava o trabalho com minhas demandas particulares. Decidi criar outro *e-mail* apenas para o serviço, mas os alunos ficavam perdidos e não sabiam onde enviar as atividades. Com a utilização da plataforma pela escola, alunos e professores receberam *e-mail* institucionais, mas os alunos ainda ficavam perdidos sem saber para onde deveriam encaminhar a atividade. Com isso, recebíamos em qualquer *e-mail* o que dificultava bastante o trabalho do professor. Atrasamos o fechamento das notas devido à dificuldade em reunir todas as atividades dos alunos, mas entendemos que toda essa dinâmica fez parte do processo e que fomos aprendendo no caminho. Hoje já temos um ano de experiência no ensino remoto e muitas coisas já estão reguladas. Vamos utilizar apenas o *e-mail* institucional e o *Google Classroom* em 2021, mas não temos controle da situação e não sabemos o que surgirá de novo neste ano.

Silviane: Me fale um pouco a respeito dos recursos tecnológicos utilizados nesse período. O senhor tinha acesso a computador, notebook, celular, internet, ou precisou providenciar? Me fale um pouco sobre isso. Como foi trabalhar com esses recursos?

Wagner: Todos os professores tinham acesso à internet. Nossa maior dificuldade era em como planejar uma aula de modo a proporcionar o aprendizado. Cada professor fez da forma que conseguiu, alguns gravaram aulas no celular, outros compraram câmeras, lâmpadas de iluminação e deram aula na lousa. Eu optei por gravar as aulas no *Power Point* utilizando o gravador de tela por causa das dificuldades de iluminação e som das aulas na lousa.

Silviane: Os alunos de 2020, o senhor já os conhecia? Como era a participação deles nas aulas presenciais?

Wagner: Pelo terceiro ano consecutivo estava lecionando só para os terceiros anos. Eram alunos novos para mim, com raras exceções, pois leciono numa escola municipal na mesma região. Com isso, em cada sala havia um ou dois, alunos da outra escola. No período que estivemos presenciais, a frequência dos alunos era em média de 75%, mas um mês de aula não é suficiente para conhecê-los.

Silviane: A respeito da pouca participação dos alunos nas aulas remotas, o que poderia ser a causa? Falta de acesso à tecnologia, interesse...

Wagner: Não fizemos uma pesquisa para avaliar a pouca participação dos alunos, e por isso, é complicado avaliar as causas, pois caímos num campo perigoso fazendo julgamentos. Pela minha inexperiência, preparei algumas aulas que não foram muito razoáveis. Pode ser que alguns alunos tiveram dificuldades ou não entenderam direito algumas avaliações. Eles poderiam ter me procurado, mesmo porque eu ficava pela manhã à disposição. Pode ter sido falta de interesse mesmo, mas não posso afirmar com certeza. No decorrer do ano a coordenação ia atrás do aluno e descobria alguns problemas como perdas familiares, dificuldades financeiras em casa, falta de acesso à internet, alunos que entraram no mercado de trabalho para ajudar em casa com as despesas e por aí vai. À medida que íamos ganhando experiência nesse novo modo de trabalhar, fomos mudando as estratégias para auxiliar os alunos nas atividades remotas. A escola, visto as dificuldades dos alunos de acesso aos conteúdos, começou a entregar material impresso que podia ser retirado na escola. A APC que era disponibilizada no *Google Classroom*, também era impressa para que os

pais/responsáveis retirassem na escola, no caso de terem dificuldades de acesso à internet. Esporadicamente éramos chamados na escola para corrigir esse material impresso.

Recentemente, encontrei uma mãe de um aluno no centro da cidade. Ela comentou que deve estar bem difícil para nós esse período de aulas remotas. Respondi para mãe que muitos alunos não têm interesse, e ela me disse que muitos alunos não têm o que comer em casa. Talvez estivesse relatando uma dificuldade dela. Por essas e outras é muito complicado fazer julgamento baseado em suposições. Não tenho conhecimento de nenhuma pesquisa realizada em 2020 para saber o que de fato alunos, famílias e professores enfrentaram. Muitos alunos vão à escola porque tem direito ao passe de estudante e sabem que todos os dias será servido o lanche. Talvez não tenhamos a dimensão da importância do lanche para os alunos. Refletindo a respeito da fala da mãe, estou certo de que os julgamentos a respeito da pouca participação dos alunos têm que ser embasados em pesquisa com a comunidade escolar. Precisamos fazer pesquisa social para acompanhar a situação de cada aluno e parar com julgamentos temerário de uma realidade que pensamos conhecer. No geral, nossos alunos têm uma condição de vida muito diferente da nossa. Falar que eles não quiseram participar sem conhecer a realidade de cada aluno é perigoso. No ensino presencial não era fácil trabalhar os conteúdos, porque no *online* seria?

Silviane: Sobre a Formação de professores em 2020 para orientar o trabalho remoto, a instituição promoveu ou o senhor buscou conhecimentos para auxiliá-lo nas aulas remotas?

Wagner: Tenho uma dificuldade incrível com datas. Me inscrevi em vários cursos *online*, ao longo do ano, voltados para a utilização das tecnologias no ensino, mas quando eu via, já tinha passado a data. Não consegui dar conta de nenhum e isso foi uma frustração no ano passado. Fui comprar uma agenda só em outubro. Com a pandemia da Covid-19, a suspensão das aulas presenciais e o medo de sair de casa, ainda não havia comprado uma agenda e precisava me organizar com as datas. Uma dificuldade minha que podia ser resolvida com um lembrete na porta da geladeira, mas eu não consegui dar conta disso e por isso eu perdi todos os cursos que me

inscrevi. Minha formadora foi minha filha de catorze anos que me ensinou muita coisa. O que eu aprendi e o que dei conta de produzir foi a partir das orientações dela.

A escola no início da suspensão das aulas ofereceu formação para os professores em internet e tecnologias. O diretor convidou professores que tinham facilidade em trabalhar com a internet e com as tecnologias digitais para orientar colegas com dificuldades. Para isso, foi escolhido um dia para a formação e os professores foram convidados a participar. A escola disponibilizou as salas de informática para esse momento formativo. Como eu já estava planejando as minhas aulas com o auxílio da minha filha e conseguia gravar utilizando o gravador de tela, julguei que não precisava participar dessa formação e não fui. Um grande engano, pois percebi que meus colegas aprenderam muitas coisas que eu podia ter aprendido também. Mas, esse foi o único momento de formação na escola.

Havia uma preocupação da escola em evitar que os funcionários se contaminassem e, com isso, todos os professores estavam em trabalho remoto. A escola seguia as orientações da Secretaria de Educação e os protocolos de biossegurança. Houve um cuidado para evitar aglomerações e estávamos evitando ao máximo a saída de casa. As reuniões de conselho de classe, por exemplo, eram *on-line* e as atividades dos alunos eram retiradas na escola pelos professores que corrigiam em casa. Entendo que foi ofertado apenas um curso por conta desse cenário. Na rede estadual eu não fiquei sabendo se teve curso *on-line*. Os cursos que me inscrevi foi procurando pela internet.

Silviane: Que recursos tecnológicos a escola possui? E como era a utilização desses antes da pandemia?

Wagner: A escola tem laboratório de informática, só que os computadores são ruins. Quando levávamos os alunos ao laboratório, muitos computadores não ligavam e outros demoravam muito para ligar, a Internet não entrava e com isso perdíamos muito tempo da aula. Cada aula tem duração de cinquenta minutos, perdíamos tempo no deslocamento até o laboratório, pois a escola é muito grande, e tempo tentando ligar as máquinas e conectá-las. As coisas por lá infelizmente não funcionam muito bem. Em 20 anos trabalhando na escola, levei meus alunos no laboratório de informática umas duas ou três vezes apenas, por conta dessa dificuldade em utilizar a tecnologia. A escola tem o recurso, mas utilizamos muito pouco. Além do laboratório de

informática a escola tem data show, mas eu não utilizava porque não sabia manuseá-los. Alguns colegas utilizavam bastante e devido à utilização dos aparelhos, no final de 2019 apenas dois ou três estavam funcionando. A escola tem esses recursos, mas com o tempo precisam ser renovados, visto que, em se tratando de tecnologia, os equipamentos ficam obsoletos.

Silviane: Comente um pouco sobre as formas de trabalho dos colegas durante a Pandemia.

Wagner: Nós, professores, não estávamos preparados para essa pandemia. Também não tivemos um preparo antes de imergir nesse trabalho remoto. Dos trinta a quarenta professores que eu conheço, apenas dois ou três dominavam as tecnologias digitais. A maioria entrou num ambiente escuro e teve que se virar e fizeram o que deram conta. Os recursos tecnológicos que utilizávamos eram nossos. Tivemos que fazer manutenção, melhorar a velocidade da internet e até comprar outro mais moderno ou adquirir para dar conta de atender as demandas das aulas. Meu notebook em 2020 estragou três vezes, olha só o transtorno, levava para arrumar e demorava. Nem lembro como eu me virava com as aulas, mas no final do ano, resolvi comprar outro. Com todas essas dificuldades, nós professores, merecemos uma nota sete. Por que não dez? Sabemos que os alunos não foram atendidos adequadamente e temos que reconhecer isso. Houve uma dificuldade muito grande principalmente na minha disciplina, matemática. Os alunos já tinham dificuldades no presencial, no remoto não foi diferente.

Silviane: Como o senhor enxerga a escola em 2020?

Wagner: Uma escola corajosa. Uma escola que precisou se reinventar. Não gosto desse termo e evito usá-lo, mas ouço muito. Em 2020 a escola teve que correr atrás e buscar tudo novo. Quando ficamos sabendo da suspensão das aulas, minha preocupação era com a situação social dos alunos. A escola preparou cestas básicas para os alunos cadastrados no bolsa família, um mérito da Secretaria de Educação, organizada pela escola, com o auxílio dos professores. Nas minhas aulas utilizava o gravador de tela e teve professor que montou um estúdio em casa, comprou tudo novo para produzir uma boa aula. Com isso, percebe-se que a escola teve que se virar, que

se refazer, que se reconstruir, desde a questão física (espaços criados em casa) até as questões pedagógicas. Em relação à avaliação, essa ficou restrita. Tínhamos apenas as APC com dez questões, conforme regulação da escola, que tinham um prazo de devolução para correção de até trinta dias. Mas sabíamos que apenas essa atividade não era suficiente. Não estávamos preparados para essa modalidade de ensino e era tudo muito difícil. Com isso, a escola retoma o termo reinventar, que para mim significa se refazer em tudo. Desde a questão física, que transformou nossas casas, até as questões pedagógicas. Os recursos que utilizamos em 2020 foram construídos pelos professores e os professores não se intimidaram com as dificuldades que se ampliaram em relação ao presencial. Em 2021, na primeira reunião do ano, o objetivo foi elaborar uma diagnóstica para que consigamos mapear as lacunas de aprendizagem que ficaram do ano passado. A princípio essa será nossa prioridade e vamos tentar resolver isso, mas será um desafio. Precisamos de muita coragem para continuar reconstruindo a escola, desde contratos didáticos, metodologia de ensino até os processos avaliativos. Esse período que estamos vivendo vai ficar na história. Daqui uns anos, vamos lembrar que em 2020 a escola teve que ser reconstruída, e que o prédio físico foi inútil neste ano.

Silviane: Deixo esse momento aberto para acrescentar alguma informação importante que não tenha sido abordada.

Wagner: Antes da Pandemia a escola tinha as suas dificuldades e os professores também, porque a formação da maioria foi uma formação tradicional. Assumi o concurso no ano 2000 e naquela época a maioria dos professores ( $\pm 80\%$ ), eram convocados. Muitos desses ainda na graduação. A maioria dos meus colegas hoje são daquela época, temos a mesma faixa etária e a mesma formação acadêmica. Na universidade os recursos eram a lousa, e a matemática trabalhada era da repetição. A formação pedagógica que tivemos, não por culpa dos professores daquela época, foi uma formação muito obsoleta. Quando tínhamos aulas de didática e de metodologia de ensino, parecia uma metodologia do século passado, não do século XX. Não damos conta dessa demanda de hoje, nossa formação não nos preparou para aquele momento que estávamos iniciando o magistério, quem dirá para atuar nesse cenário totalmente novo. A maioria dos meus colegas é dessa época e tiveram a mesma formação. E os outros (minoria) professores são recém-formados e isso

gerava um desconforto entre o grupo de professores, tendo em vista as dificuldades de metodologia e didática dessa maioria, o que nesse período de pandemia ficou mais evidente. Hoje temos consciência que se houver uma vacina e as aulas presenciais voltarem, nós professores não podemos mais continuar com o mesmo modelo de aula que trabalhávamos antes da pandemia. Todos os professores têm muito claro que não dá para retroceder. Mas, o que vamos fazer diferente? Continuar com a metodologia de dois mil e vinte? Nossa dificuldade será enorme e a necessidade de formação continuada é urgente. A dificuldade já existia e agora cresce em progressão geométrica. O ano de 2020 fica na história e será lembrado por todas as dificuldades da escola, dos alunos, das famílias e dos professores. Dois mil e vinte e um é muito esperado e cria expectativas de que viveremos outra realidade e que a partir das experiências de 2020, consigamos minimizar as perdas.

Minha leitura desse período de pandemia é que para os professores, as dificuldades diminuíram porque aprendemos muitas coisas. Já para os alunos, as dificuldades aumentaram, porque tiveram acesso a uma quantidade menor de conteúdo (muitos nem tiveram acesso aos conteúdos mínimos), perderam o ritmo de vir para escola todos os dias, de estudar. A preguiça ficou latente e as dificuldades de aprendizagem que já existiam, foram maximizadas. Continuaremos sendo desafiados no dia a dia e, apesar de todo aprendizado e das experiências vividas, o ano de 2021 promete ser de muito trabalho e de novos desafios. Que Deus nos abençoe para conseguirmos dar conta de tudo e fazer algo melhor que no ano anterior.

## 4 MOVIMENTOS ANALÍTICOS DA PESQUISA

O movimento de escrita neste capítulo é no sentido de focar nas questões que nos saltaram aos olhos nas narrativas produzidas com os professores participantes da pesquisa.

Questões como o movimento para além do espaço e tempo na escola, processos de adaptação, mecanismos de exclusão e constituição da escola em 2020 ficaram em evidência nas narrativas e apresentaremos aqui com a finalidade de compreender nossa questão de pesquisa.

### 4.1 O movimento para além do espaço e tempo na escola

Com a suspensão das aulas presenciais, as formas de operar o ensino na escola precisaram ser repensadas. A escola teve autonomia para elaborar suas estratégias de acordo com os orientativos da SED e a realidade da comunidade escolar.

As instituições de ensino, no exercício da autonomia e responsabilidade da condução dos seus respectivos projetos pedagógicos, poderão adotar estratégias que melhor se adequem à sua realidade, considerando as normas vigentes. (PARECER ORIENTATIVO: CP/CEE/MS n.º 017/2020, publicado no Diário Oficial Eletrônico n. 10.145 de 14 de abril de 2020 na página 12)

Observamos que, apesar da autonomia, as ações foram muito semelhantes. Os professores preferiam seguir as orientações que recebiam da SED, pois não aparecem nas entrevistas relatos de outras formas de contatar os estudantes a não ser por meio das APCs, ainda que identifiquemos diferentes meios utilizados. Trabalhar no Classroom parecia ser a melhor opção para os professores, pois salvaguardava o trabalho que desenvolviam, devido as possibilidades que o recurso proporcionava na organização dos trabalhos recebidos, seja por turmas ou disciplinas. Além disso, a interação era possível por meio de troca de mensagens, envio tarefas, acesso as notas e aos conteúdos disponibilizados na plataforma. Todas as atividades propostas pelos professores ficavam organizadas naquele ambiente e disponível para o aluno sem limites de datas, assim como as devolutivas deles. É inclusive uma forma de comprovar o trabalho do aluno naquele momento de aulas remotas.

Começamos desde o início com o *classroom*, mas não pela SED, mas sim pela escola. Aí entrou o da SED e a gente migrou para o da SED. Além do *classroom* da escola, um *e-mail* do professor. Os alunos encaminhavam as

atividades no *e-mail*. Não trabalhávamos com o *WhatsApp*. Pedia todas as atividades, pela plataforma para ficar formalizado, não aceitava no *WhatsApp*. No *WhatsApp* eu só respondia dúvidas. Todo o conteúdo e atividades eram disponibilizados no *classroom* para estar salvo em algum lugar (trecho da narrativa do professor Otto).

Esse movimento do professor Otto reforça a vigilância que há na escola, mesmo que indiretamente, em relação ao trabalho do professor. Embora fosse uma organização da escola para aquele período de trabalho, havia a preocupação em comprovar o trabalho realizado. Havia a necessidade dos registros das práticas devido ao medo de ser questionado pelo trabalho desenvolvido. Mas nem todos os professores conseguiram trabalhar apenas no *Classroom*, uma vez que muitos alunos não tinham acesso a este meio.

Tinha turma que eu preparava pelo *Google* sala de aula, *Classroom*, atendia a turma toda por lá, porém, tinha turma que não entrava por lá. O que eu fazia? Gravava videoaulas curtas e jogava no grupo das salas, no *WhatsApp*. Por que eu fazia isso? Às vezes eu deixava a aula gravada no *google* sala de aula e colocava os links no *WhatsApp* das turmas, mas eles não acessavam, não acessavam mesmo. Quando comecei a gravar vídeos curtos, usando o gravador de tela *on-line* e o *OneNote*, eu tentava separar todas as situações: exemplos, definições e atividades. (trecho da narrativa do professor Bruno).

O professor Bruno, por exemplo, utilizava-se de diversas estratégias, pois as turmas dele eram muito heterogêneas. A professora Alessandra também utilizou o *Classroom* no início, mas tinha muita dificuldade em trabalhar com o aplicativo. Apesar da dificuldade ou devido à dificuldade, na escola em que ela trabalhava o diretor e a coordenadora pedagógica auxiliavam os docentes. Faziam reuniões no *Google Meet* e criavam tutorias para orientar os professores que não tinham habilidades com o aplicativo.

O trabalho com o *Google Classroom* e com o *Google Meet* parecem ter sido os primeiros movimentos do que convencionou-se chamar de ensino remoto. Outros aplicativos, como o *WhatsApp* não tiveram uma recepção tão boa de início. No começo a escola ficou resistente em trabalhar com esse aplicativo de mensagens instantâneas para não expor os professores. Mas o prolongamento da necessidade de afastamento fez com que não houvesse uma alternativa, visto que era o meio mais acessível para todos. A professora Thayna inclusive disse, em sua entrevista, que o acesso ao *WhatsApp* quase todos tinham e o que faltava era a internet. O cenário da falta de internet e de dispositivos entre alunos da classe D e E é uma realidade nas

narrativas dos nossos colaboradores, uma vez que, quatro das cinco escolas dos professores entrevistados, estão localizadas na região periférica da cidade.

Na escola que o professor Wagner atua, houve um momento formativo para auxiliar os professores.

A escola no início da suspensão das aulas ofereceu formação para os professores em internet e tecnologias. O diretor convidou professores que tinham facilidade em trabalhar com a internet e com as tecnologias digitais para orientar colegas com dificuldades. Para isso, foi escolhido um dia para a formação e os professores foram convidados a participar. A escola disponibilizou as salas de informática para esse momento formativo (trecho da narrativa do professor Wagner).

O professor Wagner afirmou não participar, pois sua filha de catorze anos estava auxiliando na preparação das aulas. O professor utilizava o WhatsApp desde a primeira atividade e seu e-mail pessoal para receber as APCs, o que não deu muito certo. Migrou para o *Classroom* a partir do momento que a SED criou e-mail institucional para todos, porém muitos alunos não entravam. Como isso ele utilizava o *Classroom* e o *WhatsApp* para postar as atividades para os alunos. Esse movimento descrito pelo professor Wagner de mudanças de práticas e atividades foi algo comum durante o ano de 2020. Diante da situação sem precedentes, entendemos que o período de adaptação previsto para uma semana acabou por ser estendido por todo o ano letivo.

A professora Thayna e o professor Otto haviam chegado à escola naquele ano. Embora já tivessem outras experiências na docência, o ano de dois mil e vinte seria a primeira experiência em uma escola pública. Ambos jovens e egressos de um curso de Engenharia não tiveram dificuldades com ensino remoto no que tange a utilização das tecnologias. Nas poucas semanas de aula antes da suspensão das atividades presenciais, a professora Thayna achou a escola muito diferente do que estava acostumada. A escola em que ela trabalhava era uma escola de autoria, o que, segundo o relato dela, fez com que as relações entre professores e estudantes se dessem de forma diferenciada. Ela gostou muito dos alunos, tinha tempo para ficar com eles e percebia que o relacionamento era horizontal. Quando houve a suspensão das aulas presenciais, ela já sabia o nome de todos e os atendiam no *WhatsApp* para dúvidas. Muitos alunos não tinham internet para participar das aulas no *Google Meet* e por isso, segundo ela, trabalhavam com a APC impressa, e utilizavam o *WhatsApp* para dúvidas.

A secretária de Estado de Educação de MS, Maria Cecília Amendola da Motta, em live<sup>82</sup> no canal do youtube no dia 17 de março de 2020, fez as primeiras orientações aos diretores da Rede Estadual de Educação (REE) do Estado de Mato Grosso do Sul (MS) quanto à suspensão das aulas presenciais. Comentou sobre o Decreto Estadual nº 15.393 de 17 de março de 2020 que seria publicado, suspendendo as aulas presenciais no período de 23/03/20 a 06/04/20. Orientou ainda que os dias de 18 a 20 de março seria para adaptação da comunidade escolar e que para os 15 dias de suspensão os professores poderiam enviar aula programada para os alunos. A secretária falou da preocupação de suspender as aulas e as crianças ficarem na rua, e ressaltou que em conversas com outros secretários de estado, outras medidas poderiam ser tomadas a fim de evitar o contato físico e uma possível proliferação do vírus.

O Conselho Nacional de Educação (CNE) em nota publicada em 18 de março de 2020 esclarece no item 5 do documento, por meio do Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que as autoridades dos sistemas de ensino, tem autonomia para autorizar a realização de atividades a distância no ensino fundamental e médio, educação profissional técnica de nível médio, educação de jovens e adultos e educação especial.

Em Comunicação Interna (CI)<sup>83</sup>, da Superintendência de Informação e Tecnologia, o superintendente Paulo Cezar Rodrigues dos Santos, orienta que diretores estabeleçam contatos com professores por meio do *WhatsApp*, e-mail e outras redes sociais e que professores estabeleçam contato com seus alunos, para que seja possível a distribuição de conteúdo e atividades no período de suspensão das aulas.

Em resolução<sup>84</sup> publicada no diário oficial eletrônico n. 10.120 no dia 19 de março de 2020, a Secretaria de Estado de Educação (SED) resolve regular a oferta das Atividades Pedagógicas Complementares, conforme texto do Art. 1º.

Para cumprimento da carga horária anual e dias letivos aos quais o estudante tem direito, conforme legislação, nas escolas da Rede Estadual de Ensino será ofertada Atividade Pedagógica Complementar – APC, durante o período de suspensão das aulas presenciais prevista no Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020 (RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020).

---

<sup>82</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e8FStZQqDU8>, acesso em 17 de março de 2020.

<sup>83</sup> CI Nº 61/SISTEC/SED DE 18/03/2020.

<sup>84</sup> RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020.

Com isso, as competências da direção escolar, do coordenador pedagógico, dos professores e alunos foram tratadas nessa resolução com a finalidade de garantir a realização das Atividades Pedagógicas Complementares (APCs) nas escolas. Coube ao diretor junto a equipe técnico-pedagógica estabelecer o meio de contato com os estudantes para garantir o envio e recebimento das APCs. A distribuição das atividades aos estudantes e a devolutiva na escola ficou a cargo da equipe técnico pedagógica, que também tinha a incumbência de orientar aos professores na elaboração das atividades e articular o contato com as famílias ou responsáveis pelos estudantes para envio e recebimento das APCs. Os docentes, mesmo em atendimento em ambiente domiciliar, são os responsáveis pela elaboração das APCs, de acordo com as orientações e documentos da SED e pela manutenção do contato com os estudantes e/ou família para sanar possíveis dúvidas. Cabe aos estudantes a realização das atividades em tempo pré-estabelecido.

Com a publicação da RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020, o superintendente de políticas educacionais, Hélio Queiroz Daher, divulgou uma CI<sup>85</sup> orientando os docentes para a elaboração das APCs.

Todas as APCs planejadas e elaboradas deverão conter detalhamento da ação, as habilidades das APCs, lembretes, dicas e exemplos de como realizá-las, especificar como será o processo avaliativo, ou seja, o professor deverá direcionar a atividade ao estudante de forma descritiva, clara e com linguagem apropriada ao ano escolar. [...] A APC proposta deve garantir a aprendizagem, evitando atividades meramente conteudistas/copistas, pois faz-se necessário que sejam direcionadas aos estudantes atividades coerentes e que, de fato, contribuam para o aprendizado (CI N. 989 SUPED/SED DE 19/03/2020).

Foi também divulgada um Nota informativa da Superintendência de Informação e Tecnologia da (SED) com orientações aos gestores escolares sobre as opções de recursos tecnológicos<sup>86</sup> que podem ser usados para o desenvolvimento das aulas remotas. Uma plataforma com vários recursos tecnológicos, vídeos, tutorias, planos de aula que podem ser utilizados por professores no planejamento das aulas *on-line*.

A elaboração e realização das APCs foi amplamente citada nas narrativas dos professores participantes desta pesquisa. No início da suspensão das aulas muitas dúvidas surgiram a respeito da construção dessa atividade. Como propor uma atividade de um conteúdo que não foi trabalho? O aluno não consegue participar das aulas *on-line*, não acessa os vídeos disponibilizados nas plataformas digitais, como o

---

<sup>85</sup> CI N. 989 SUPED/SED DE 19/03/2020

<sup>86</sup> <https://www.protagonismodigital.sed.ms.gov.br/>

aluno aprende? É possível incluir nas APCs os conteúdos além das atividades? Quantas questões posso propor para minha disciplina? Tem limite de páginas? As questões, podem ser discursivas? Porque se forem objetivas eles vão colar dos colegas. Para quanto tempo será cada APC? Questões como essas permearam as narrativas e o que percebemos é que as primeiras atividades propostas não atendiam adequadamente a realidade daquele momento. Essa estrutura das APCs, as escolas tiveram total autonomia para regular. A partir das primeiras foram definindo algumas diretrizes para contemplar a realidade do público de suas comunidades. Porém, muitas queixas foram narradas pelos professores a respeito da realização e devolutiva das APCs nas escolas.

Sabemos por meio de dados quantitativos já apresentado neste trabalho que muitos dos nossos estudantes não têm acesso a dispositivos tecnológicos e a internet, o que dificulta a interação do aluno com os professores. Ademais, as atividades impressas foram recursos amplamente utilizados no Brasil para garantir o acesso dos estudantes as atividades remotas. Mas como o estudante pode desenvolver as APCs, se ele não teve acesso ao conteúdo? Essa questão inquietou os professores visto que conheciam a realidade da educação e sabem das dificuldades de aprendizagem dos estudantes nas aulas presenciais, na visão deles, o ensino remoto seria um meio para acentuar essa realidade.

O professor Otto revela que a maior dificuldade que ele teve foi a partir da limitação da escola na quantidade de páginas da APC.

O maior problema foi a limitação que a escola impôs quando definiu que o professor poderia fazer apenas uma atividade por mês e ainda limitou a quantidade de páginas dessas atividades, solicitando que os conteúdos e as questões fossem contemplados naquela atividade. A escola limitou a atividade em até quatro páginas, o tempo para fazê-la e a frequência com que o aluno recebe esse material, inclusive o acesso do aluno a atividade é muito limitado, visto que a maioria dos alunos não tem acesso a computador e a internet para baixar a atividade e fazer (trecho da narrativa do professor Otto).

As entrevistas com os professores dão indícios de que as APC foram as opções mais utilizadas durante o ano de 2020, já que muitos alunos não tiveram acesso as aulas por meio do Google Meet. As APC contemplavam além das atividades, o conteúdo para aqueles que não conseguiam participar das lives ou assistir aos vídeos, um modo de garantir o mínimo àqueles que não tinham acesso à tecnologia e a internet, de certo modo, parecia ser o mínimo que poderia ser feito naquele momento.

O professor Wagner cita que muitos alunos não tiveram acesso nem ao mínimo do conteúdo.

[...] para os alunos, as dificuldades aumentaram, porque tiveram acesso a uma quantidade menor de conteúdo (muitos nem tiveram acesso aos conteúdos mínimos), perderam o ritmo de vir para escola todos os dias, de estudar. A preguiça ficou latente e as dificuldades de aprendizagem que já existiam, foram maximizadas (trecho da narrativa do professor Wagner).

Ou seja, muitos alunos não participaram das aulas remotas nem por meio das APCs, que parecia ser um recurso de fácil acesso a todos. Não foi divulgado pelas escolas os índices de acesso dos alunos a essas atividades e o índice de devolução delas, mesmo porque a APC era disponibilizada também por meio das plataformas digitais utilizadas pelas escolas para além do formato impresso. Mas nas narrativas os professores explicitaram que muitos alunos não devolviam a atividade. Com isso, não fica claro se tiveram acesso a ela e não conseguiram desenvolvê-la ou se nem a acessaram. A falta de contato com os alunos durante o ano foi um fator preocupante, angustiante, pois causava uma certa incerteza da participação dos alunos no período de aulas não-presenciais, ainda que por meio da APCs.

Em matéria publicada na CNN Brasil<sup>87</sup> em 21 de julho de 2021, por Rayane Rocha, informa que 172 mil alunos no Brasil, entre 6 e 17 anos, pararam de frequentar a escola no primeiro ano de pandemia. Com isso, a evasão escolar no país aumentou em 12%. Não tivemos acesso aos dados sobre evasão escolar no primeiro ano da pandemia aqui no estado de MS, no município de Campo Grande. Outra matéria publicada no g1.globo.com<sup>88</sup> em 02 de dezembro de 2021, mostra que a evasão escolar de crianças e adolescente aumentou 171% no Brasil no segundo trimestre de 2021 em comparação com 2019. Bem sabemos que os dois primeiros anos (2020 e 2021) da pandemia não foram fáceis para nenhuma das famílias. Acompanhamos nas mídias, a crescente taxa desemprego e com isso, filhos abandonando a escola para trabalhar e ajudar em casa. Famílias que não conseguiram acompanhar seus filhos nas atividades da escola por falta de tempo, recursos tecnológicos ou capacidade cognitiva.

---

<sup>87</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeiro-ano-da-pandemia-levou-172-mil-alunos-a-deixarem-a-escola-no-brasil/#:~:text=Elei%C3%A7%C3%B5es%202022-,Primeiro%20ano%20da%20pandemia%20levou%20172%20mil,deixarem%20a%20escola%20no%20Brasil&text=S%C3%B3%20no%20primeiro%20ano%20da,frequentar%20a%20escola%20no%20Brasil>.

<sup>88</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/12/02/evasao-escolar-de-criancas-e-adolescente-aumenta-171percent-na-pandemia-diz-estudo.ghtml>

E como garantir o acesso do aluno ao conteúdo? Foi disponibilizado para ele através de diversos meios, porém ter acesso ao material não quer dizer que o aluno vai se apropriar daquilo. Muitos não conseguiram participar das aulas, tinham apenas o material impresso. Como garantir a aprendizagem desse aluno? Como avaliar essa aprendizagem? Como intervir nas dificuldades deles? E quais foram as dificuldades?

A professora Thayna disse que tentou manter uma relação de proximidade com os alunos dela.

Tentei ao máximo manter relação de proximidade com os meus alunos, sem ultrapassar os limites. Não mandava e nem respondia mensagens fora do horário, mas não me distanciava deles, essa é uma das coisas que a tecnologia permite. Aproxima, mas também aparta (trecho da narrativa da professora Thayna).

Já o professor Otto relatou que embora tenha disponibilizado o *WhatsApp*, ficou bastante afastado dos alunos. Eram poucos que o procuravam para esclarecer alguma dúvida.

A escola sinalizou que não era responsabilidade do professor “caçar” o aluno e sim da coordenação. Tanto é que nem tínhamos o contato dos alunos. Os alunos que contatavam a gente, era uma via de mão única. Eles que vinham falar com a gente, aqueles que não nos procuravam, nós não tínhamos contato ou o contato ocorria apenas via Google Sala de Aula (trecho da narrativa do professor Otto).

No relato desse professor, a competência de articular com as famílias e acompanhar os estudantes era da coordenação pedagógica, no entanto, cada escola adotou uma forma de contatar os alunos já que não havia nada que impedisse os docentes de contatá-los. O professor relata que se arrependeu.

O aluno precisa ter vínculo com o professor, saber que alguém está lá por ele. Eu me arrependo de não ter procurado mais os alunos, não ter ido atrás, falado para eles fazerem, entrado em grupo de *WhatsApp*. Eu achava, na minha concepção, que não era minha obrigação, mas olhando para trás, vendo toda a pandemia, tudo o que ocorreu e com novas percepções vejo que eu poderia ter trazido o aluno para a escola. Acho que o aluno aprende com quem ele gosta, se não gosta de alguém, não vai aprender (trecho da narrativa do professor Otto).

Essa autoavaliação a respeito da postura enquanto professor é importante, mas não desmerece o trabalho que foi desenvolvido, uma vez que estávamos construindo durante o percurso um modo novo de operar com a escola. Não sabíamos de fato o que fazer para que o aluno tivesse acesso ao mínimo do que estava sendo ofertado. Aja vista que as condições dos alunos naquele momento eram adversas, lhes faltava

acesso a meios tecnológicos para participar das aulas e isso era algo que nem o professor, nem a escola, tinha competência para resolver.

A falta de internet não foi algo específico do período pandêmico, já ocorria antes deste período, e com o retorno as aulas presenciais, isso não foi diferente. Ainda que não seja a única dificuldade enfrentada na escola, ter internet disponível em todas as salas abre possibilidades diversas a professores e alunos. Além disso, durante a pandemia, foi por meio dela que alunos e professores conseguiram manter suas atividades.

Em termos estruturais, o professor Bruno e a professora Thayna elogiaram muito a estrutura de suas escolas. Na escola do professor Bruno há ar-condicionado e data show em todas as salas de aula, assim como rede cabeada de internet. A professora Thayna relatou que na escola dela há três laboratórios de informática com computadores conectados à internet e laboratórios de física, química, biologia e matemática. Na escola da professora Alessandra, por mais que a diretora tenha tentado, não consegue uma internet que funcione lá. O sinal é muito ruim.

Apesar de todas as dificuldades vivenciadas pelos professores no ano de dois mil e vinte, eles foram se adaptando para atender os alunos e aprenderam muito nessa dinâmica de aulas remotas e é sobre isso que abordarei no próximo tópico, o processo de adaptação.

## **4.2 Processo de Adaptação**

A palavra adaptação foi utilizada em um documento oficial da SED no início da pandemia e apareceu também nas narrativas dos entrevistados. Por outro lado, a palavra reinventar ganhou ascensão na mídia e trazia uma narrativa quase heroica aos professores que em um trabalho herculano, mantiveram contato com os estudantes de forma remota. O que de fato ocorreu? Adaptação ou Reinvenção? Utilizar recursos tecnológicos, disponíveis há anos no mercado é um ato de reinventar? As aulas ministradas aos alunos ocorreram de outra forma ou em outro meio/espço? Várias questões vão surgindo a partir dessas duas palavras e nem nos damos conta do que de fato fizemos em dois mil e vinte, sabemos que fizemos. O curioso é que o único professor que utiliza a palavra reinventar no momento de sua entrevista é o professor Wagner e disse ainda que não se sentia confortável com esse termo por não acreditar que a escola se reinventou.

Quando olhamos para os movimentos que eles fizeram para atender o ensino remoto, percebemos que a palavra adaptar, ao contrário do reinventar está presente nas cinco entrevistas. O professor Bruno disse que a primeira atividade foi um erro, que passou muitas questões, pois entendia que ia corrigir no retorno das aulas presenciais. Com isso, foi adaptando as atividades e a partir da terceira conseguiu um equilíbrio.

[...] Para uma primeira atividade, passei muitas questões. Foi um grande erro, mas que consegui corrigir depois, a partir do primeiro *feedback*. [...] A partir da terceira APC, acho que consegui um termômetro. Produzir uma atividade que qualquer um conseguisse fazer, mas também que não esteja fora do contexto (trecho da narrativa do professor Bruno).

O professor disse que conversava com colegas de área afins, e eles relatavam a dificuldade em adaptar os conteúdos para as aulas remotas. Disse também que colegas com carga horária menor passavam mais atividades que colegas com carga horária maior, e isso foi se ajustando aos poucos. Reclamou da falta de compromisso de alguns que pediam exercícios do livro e resumo. Esse professor narrou várias práticas, mas sempre no sentido de adaptações que foram sendo realizadas durante o período de isolamento.

O professor Bruno utilizava software como o GEOGEBRA, atividades no *Google Formulário*, o *Classroom* e o *WhatsApp*. Ele relatou que a partir da terceira atividade começou a planejar e elaborar melhor o material de apoio para a atividade. Criou também um cronograma de estudos para orientar o aluno e as famílias. Neste cronograma, constavam as atividades e os dias para desenvolvê-la. Fez isso porque percebeu que o aluno deixava para realizar as tarefas na véspera da entrega e não dava tempo de fazer e tirar dúvidas. Também foi uma forma que ele encontrou para organizar suas aulas visto que muitos ficavam atrasados nas atividades e não conseguiam evoluir. Por essa narrativa, é possível afirmar que a experiência no trabalho remoto fez com que algumas práticas fossem revistas.

O papel da experiência na elaboração das atividades também se faz presente no relato da professora Thayna. Ela disse que passou como primeira atividade exercícios do livro porque achou que a suspensão das aulas seria de apenas quinze dias. A atividade era muito complexa e para ajudá-los, gravou com o celular as resoluções e encaminhou para eles. Depois dessa primeira experiência, ela começou a criar atividades utilizando os números da Covid-19 e atividades práticas.

Propúnhamos atividades práticas e compartilhávamos vídeos do *Youtube* para ajudar no entendimento. Para os terceiros anos propus uma atividade que conta a história da descoberta do conceito de empuxo por Arquimedes quando estava na banheira. Como muitos não têm acesso à internet, printei as imagens mais relevantes e montei uma história em quadrinhos com vídeo e mandei para eles. Bolei a atividade em volta da história e no final eu pedia para eles fazerem o experimento tirando foto, mostrando a alteração do volume em relação ao volume do objeto que eles iam colocar dentro da água. Essa atividade eu achei fantástica, porque ela passa um conteúdo. Mas o retorno dos alunos nem sempre é o que a gente espera. Eu tinha dois terceiros anos, nem sei falar quantos responderam a atividade do início ao fim da forma solicitada. Mas também não me prendia muito a isso, eu achava que deveria fazer e que seria uma boa proposta para eles, que ia atender as expectativas da escola e abranger o conteúdo que a SED mandava. Independente do retorno ou não dos alunos, não tive aquele sentimento de frustração, de desvalorização da parte deles. Meu pensamento era: “estou fazendo o que eu tenho que fazer”. Não era possível ir à casa deles, embora eu tenha ido no final do ano, momento em que fui para parabenizá-los e não para cobrar atividade (trecho da narrativa da professora Thayna).

Os professores embora tivessem liberdade para planejar as aulas, precisavam seguir as orientações da SED que indicava os conteúdos mínimos de cada ano a serem trabalhados nas APCs. A escola poderia definir se seria quinzenal, mensal ou bimestral. No caso da escola da professora Thayna, as APCs eram quinzenais, com a entrega sendo programada por área. A cada quinze dias os estudantes deveriam entregar as atividades de uma área, o que facilitava a organização do aluno. Na escola da professora também havia atividades da parte diversificada, por se tratar de uma escola de autoria.

O professor Wagner de acordo com as orientações da escola elaborava as APCs mensais. Ele traz na sua fala as APC com o nome de avaliações. Disse que “a escola orientou para que as avaliações não fossem convencionais, para evitar as colas entre os alunos e a falta de produção individual” (trecho da narrativa do professor Wagner). O professor tentou fazer atividades diferentes, mas não foi viável. Com o avançar dos meses foi adaptando as atividades até que no meio do ano veio uma orientação para que fossem elaboradas dez questões objetivas.

Inclusive o processo avaliativo em 2020, segundo os professores, foi complicado. Sem o contato físico com os estudantes, a certeza de que eles mesmos desenvolviam as atividades propostas e a baixa devolutiva das APCs, fazia com que a avaliação da produtividade fosse difícil de ser mensurada. Nas narrativas não ficou claro como as notas eram atribuídas, apenas o professor Otto que explica em sua narrativa a mensuração da nota.

Corrigia a partir de alguns critérios, para cada exercício, eu dava nota, seguindo a orientação da escola sobre como atribuir a nota aos alunos.

Embora eu tivesse meus critérios de avaliação, a escola orientava os professores utilizar um critério padrão estabelecido para todos os alunos (trecho da narrativa do professor Otto).

O professor Otto seguiu as orientações da escola que solicitou uma APC mensal com quatro páginas. Para os alunos maiores ele gravava um vídeo explicando o conteúdo e a atividade. Para os alunos menores não fazia o vídeo, pois poucos tinham acesso, se dedicava a escrita da atividade para que fizesse bem explicada. O professor fazia questão de elaborar a atividade e não gostava de pegar exercícios prontos. Uma dificuldade do professor foi com o processo de avaliação da escola. No começo ele se debruçava sobre as atividades físicas e *on-line* para corrigi-las. Porém, percebeu que seria em vão, pois, as notas eram muito baixas e não teria como dar um *feedback* dos erros para os alunos. De acordo com o professor Otto, a escola orientou da seguinte forma:

O recomendado era atribuir uma nota seis para os alunos que fizessem menos da metade da atividade, uma nota oito para os alunos que fizessem em média cinquenta por cento da atividade e uma nota nove ou dez para aqueles que fizessem quase toda a atividade ou toda atividade (trecho da narrativa do professor Otto).

Para aquele modelo de atividade, não tinha como avaliar a aprendizagem do aluno. Os alunos, no geral, não tinham interação com os professores, e os professores disseram não ter certeza se eram os alunos que faziam as atividades.

A professora Alessandra nos contou que chegava no dia de fechar a nota do bimestre e os alunos não tinham entregado as atividades na escola.

Chegava no final do bimestre tínhamos que fechar as notas, mas muitos não haviam sido avaliados, pois dependíamos da busca ativa para localizá-los. O sistema de lançamento de notas precisava sempre ser aberto para lançar notas dos alunos recuperados. (trecho da narrativa da professora Alessandra).

Na escola que a professora Alessandra trabalha, a direção e a coordenação pedagógica definiram a quantidade de questões nas APC para cada disciplina, mesmo assim, os alunos não davam conta de fazer devido ao grande volume de atividades. Iam ajustando as APC para encontrar um meio termo, entregavam impressas na escola e disponibilizavam no *Classroom*. Mas muitos professores não sabiam utilizar as tecnologias, mas no segundo semestre todos os professores da escola começaram a dar aula pelo Google Meet.

Eu gravava a aula e disponibilizava o link para aqueles que perderam a aula ao vivo ou quisessem assistir novamente. Mas a adesão as aulas pelo Google

Meet foram pouquíssimas. Tinha dias que eu não tinha nenhum aluno para dar aula, eles não participavam, nem entravam. Muitos deles não têm Internet e os que tem, não assistem à aula. A maioria deles tem internet apenas por dados móveis, o que não é suficiente para entrar e assistir a aula. O Google Meet para nossa comunidade não deu certo (trecho da narrativa da professora Alessandra).

Decretos e diretrizes foram publicados ao logo do ano de 2020, mas, nada se discutiu e regulamentou a avaliação da aprendizagem para o período da pandemia. Para Hoffmann (2003)

O processo de avaliação representa um compromisso do professor de investigar e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno no seu cotidiano, continua e gradativamente, buscando não só compreender e participar da caminhada do aluno, mas também intervir fazendo provocações intelectuais significativas, em termo de expressão de suas ideias. (HOFFMANN, 2003, p. 39)

Os professores não estavam conseguindo contato com os alunos, muitos não estavam participando por meio das plataformas digitais, nem retirando as APC impressas na escola. Como o professor pode acompanhar o processo de aprendizagem desse aluno? Concordo com Hoffmann a respeito da definição de avaliação, porém não se aplica no contexto da pandemia.

No final do primeiro bimestre de 2020 foi encaminhada para as escolas uma comunicação interna que orientou utilizar as APCs como instrumento de avaliação.

A avaliação das APCs, seja para composição de nota ou de relatório, deve levar em consideração:

- A autonomia relativa do estudante no processo de aprendizagem não presencial;
- A complexidade em organizar rotinas de estudos diante do contexto atual;
- As múltiplas tarefas e o conhecimento que o estudante pode ter adquirido com o isolamento social, desde as atividades da casa, auxílio no cuidado aos familiares, dentre outros;
- As possíveis causas que levaram à dificuldade assertiva das atividades propostas;
- O contexto pessoal em que o estudante está submetido diante dos fatos noticiados. (C.I.N.1149/SUPED/SED de 23/04/2020)

Diel Santos (2020) em matéria publicada no site da nova escola<sup>89</sup> discute que o importante é focar no percurso de aprendizado dos alunos e menos nos resultados. Dúvidas sobre como avaliar os alunos inquietaram os professores no primeiro ano da pandemia. Num primeiro momento, se concentraram em adaptar o modo de conduzir as aulas por outros meios e depois adaptar também o processo de avaliação, visto

---

<sup>89</sup> <https://novaescola.org.br/conteudo/19955/fechamento-de-2020-para-repensar-a-forma-de-avaliar>

que não podemos avaliar nos moldes tradicionais. Não podemos nos basearmos no que o aluno entregou ou não entregou. O desempenho dos alunos não pode ser atribuído a falta de interesse, é preciso saber o porquê da não atuação ou pouca atuação durante o ensino remoto. Jussara Hoffmann apud Diel Santos (2020) afirma que “a avaliação nesse contexto de pandemia deve focar em conhecer cada estudante em suas condições reais de vida e de estudo, nem que sejam, por exemplo, os registros das dificuldades que foram encontradas ao tentar dialogar com os alunos”. O que foi produzido pelo aluno em qualquer momento do percurso, seja por meio digital como por exemplo, troca de mensagens no *WhatsApp*, acesso a uma videoaula, uma atividade que realizou ou ao menos tentou, e nas ausências também, o fato dele não fazer nos diz muito. A avaliação não tem a finalidade de aprovar ou reprovar, nem bem entendemos a função da avaliação nesse período da pandemia, mas é importante conhecer o aluno na sua individualidade e estabelecermos diretrizes para o trabalho de recuperação de aprendizagens.

Esse processo de adaptação não ocorreu somente com o professor, mas também com o aluno, e nesse movimento, foi possível perceber vários mecanismos de exclusão. Não foi fácil para o professor migrar do presencial para o remoto. Muitos não sabiam criar uma sala no *Classroom*, gravar uma aula e disponibilizar no *Youtube*, elaborar um questionário no *Google Formulário*, utilizar o drive, o *Google Meet*, o *Power Point* para elaborar uma aula, o *Excel*, o *Jamboard*, a mesa digitalizadora e tantas outras possibilidades de ferramentas que foram utilizadas por diversos professores. Alguns montaram estúdios em casa e aproveitaram a oportunidade e viraram verdadeiros *Youtubers*. Assim aconteceu também com os estudantes. Uma parcela teve acesso às atividades por meio das ferramentas de comunicação e outra parcela apenas por meio de atividades impressas. Esse movimento de exclusão, ainda que involuntário, apareceu nas falas dos professores.

### **4.3 Mecanismos de Exclusão**

Um dos maiores desafios durante o período da pandemia foi o atendimento ao aluno. Como garantir a todos o acesso às aulas durante a pandemia? Os professores seguiam as orientações da escola para planejar as aulas, mas nem todos os alunos participavam delas. Houve durante o ano alunos que participaram apenas retirando as atividades na escola e não tiveram a oportunidade de participar das aulas *on-line*.

Esses alunos não tiveram acesso aos mesmos recursos que outros. E ainda, alunos que não tiveram acesso nem a atividade física.

Sabemos que na escola as turmas são heterogêneas e que o professor em sala de aula precisa inserir todos os alunos no processo de ensino aprendizagem. Sabemos também que muitas famílias são ausentes e que a parceria família e escola é fundamental para a aprendizagem da criança. A questão que se coloca é, durante a pandemia como ocorreu essa parceria?

Os entrevistados reclamaram da pouca e falta de interação dos alunos nas aulas remotas e se viam de mãos atadas, pois não sabiam o que fazer para ajudá-los. Os professores estavam cumprindo as orientações da escola e da SED, mas como fazer para o aluno participar de uma aula, retirar um material na escola, devolver para correção? A ausência dos estudantes preocupava os professores, pois sabiam da realidade da comunidade a que pertenciam. O professor Bruno disse em sua entrevista que muitos dos seus alunos não tinham uma mesa para fazer a tarefa e a professora Alessandra disse que seus “alunos não têm um quarto para estudar, não têm internet, muitos deles não têm nem o que comer, não têm estrutura familiar, muitos moram dentro de um barraco na beira do lixão” (trecho da narrativa da professora Alessandra). Como foi o acesso desses alunos as aulas remotas?

As narrativas dos entrevistados foram divergentes e foi possível perceber que mesmo considerando uma mesma cidade, os cenários foram muito diferentes. Muitas das famílias não tinham condições de ensinar seus filhos na resolução da APC e faltava acesso à internet para que eles participassem das aulas *on-line*. Como os alunos desenvolviam as atividades sem auxílio? A professora Thayna disse que “poucos são os alunos com internet suficiente para atender a uma videochamada, tanto que a participação no *Google Meet* era pequena, o máximo de alunos que consegui juntar numa aula foi sete de uma turma de quase 30” (trecho da narrativa da professora Thayna). Com a professora Alessandra não foi diferente, havia aulas no *Google Meet* as quais nenhum aluno entrava. Ela relata que o acesso à internet de alguns alunos se dava por dados móveis, o que não era suficiente para acessar a aula.

Os entrevistados relataram durante as entrevistas que utilizaram de diversos meios para trabalhar durante o ensino remoto, porém quase todos dependiam da internet. A partir das narrativas deles a parcela de alunos com acesso à internet era bem inferior a parcela dos alunos sem acesso. Com isso, o único recurso utilizado

foram as APCs impressas e disponibilizadas nas escolas para esses alunos. Mas como fazer uma atividade de um conteúdo que o aluno ainda não tinha tido acesso? Ele precisa estudar sozinho, ser um autodidata? Mas como estudar sozinho se não tinha acesso à internet as videoaulas?

Era necessária uma atividade do aluno para computar a carga horária letiva e a escolha foi por meio da APC. Este recurso é bastante utilizado nas escolas, quando ocorre um dia sem aula. A professora Alessandra relatou que as devolutivas das atividades na escola pelos alunos eram muito baixas e que tinha dificuldades em fechar a média do bimestre devido à falta de entrega das APC na escola.

A busca ativa<sup>90</sup> foi realizada durante a pandemia pelo coordenador pedagógico da escola que tentava contato por telefone com os estudantes e suas famílias, porém sem muito sucesso. Muitos números de telefone informados na matrícula do aluno, não eram mais dos responsáveis legais e os contatos que eram bem-sucedidos, muitos deles viam com a justificativa de que o aluno não havia conseguido fazer a APC. Os coordenadores solicitavam que devolvessem a atividade na escola com o que o aluno tinha conseguido realizar e o que acontecia era que muitas APC retornavam em branco, apenas com o nome da criança. Se tivesse questões objetivas elas também viam marcadas. O professor Wagner inclusive menciona na entrevista que a escola orientou para que as questões fossem objetivas. Houve uma tentativa de “ajudar” os alunos elaborando APC objetiva, o que evidencia ainda mais a exclusão. Outro fator excludente é limitar as formas de devolução da atividade.

O professor Otto “pedia todas as atividades, pela plataforma para ficar formalizado, não aceitava no WhatsApp”. (trecho da narrativa do professor Otto). Ele utilizava o WhatsApp apenas para responder as dúvidas dos alunos. Tinha a preocupação de deixar conteúdo e atividades no classroom para comprovar seu trabalho. Inclusive essa era uma preocupação das escolas, ter tudo registrado.

A pandemia propiciou para que percebêssemos o quanto é vulnerável a nossa comunidade escolar e o quão frágil é nosso sistema de ensino. Esses mecanismos de exclusão se evidenciaram durante a pandemia, porém sempre existiram na comunidade escolar. Sabemos que é fundamental a participação das famílias no

---

<sup>90</sup> A busca ativa foi um procedimento realizado pela equipe técnica-pedagógica, de acordo com o artigo 3º, inciso III, da RESOLUÇÃO/SED N. 3.745, DE 19 DE MARÇO DE 2020 “articular contato direto com a família ou responsável pelo estudante, por meio dos canais de comunicação estabelecidos pela Direção Escolar, para repasse e recebimento das atividades escolares e providências docentes”.

processo de ensino e aprendizagem e que nem todas conseguem acompanhar seus filhos por vários motivos.

#### 4.4 Constituição da escola em 2020

Conceber a escola para além do espaço físico foi o desafio enfrentado em 2020 por todos os profissionais da educação, famílias e alunos. Sem saber ao certo se os caminhos escolhidos seriam as melhores opções para a condução do ano escolar, naquele momento se mostrava a opção mais viável diante das medidas de isolamento social adotadas em virtude da Covid-19. Adaptar as práticas pedagógicas a um novo modo de operar a escola e lidar com as ausências dos alunos devido a exclusão daqueles que não conseguiram se inserir em nenhuma delas, foi preocupante. Por mais que se quisesse atingir a todos, essa responsabilidade fugia das possibilidades dos professores enquanto escola.

Na entrevista com nossos colaboradores, perguntamos como eles viam a escola em 2020. Vejam as narrativas dos professores Alessandra, Thayna, Wagner e Bruno.

Uma escola fechada, porque escola sem aluno não é escola. A escola de 2020 foi uma escola de adaptação para todos (trecho da narrativa da professora Alessandra).

A escola em 2020 foi isso, só pessoas, professor, aluno e o meio, celular ou computador (trecho da narrativa da professora Thayna).

Uma escola corajosa. [...] O prédio físico foi inútil neste ano (trechos da narrativa do professor Wagner).

A gente percebe que a escola sem a presença dos alunos, sem aquele contato, sem essa troca de experiência de um e outro, não é escola (trecho da narrativa do professor Bruno).

A professora Alessandra nos faz pensar a escola sem aluno, o espaço físico da escola sem aluno. Sem a rotina diária de acolhida nas filas para entrarem nas salas de aulas, conteúdos na lousa, atividades na quadra, ao ar livre, correria no pátio, lanche. Embora o espaço físico da escola não tenha sido ocupado pelos alunos, os alunos se mantiveram matriculados na escola e a escola aconteceu por outros meios. Dussel (2021) nos fala sobre isso quando diz que o computador não é a escola, mas pode ser a forma como a escola acontece. E foi uma das formas que escola aconteceu. Por meio do computador, do celular, da televisão, das Atividades Pedagógicas Complementares, pelas presenças e ausências dos alunos nesses meios, enfim, a escola aconteceu.

Durante a pandemia a escola permaneceu aberta no seu horário normal de funcionamento. Apesar do quadro de funcionários administrativos ficar reduzido, devido ao escalonamento e ao afastamento dos funcionários do grupo de risco, a equipe escolar continuou atuando em suas funções e em especial no atendimento ao público. Professores e alunos estavam dispensados das atividades presenciais e em contato por meio das atividades não presenciais seja através das Tecnologias ou APCs. Os demais funcionários estavam na escola e ela se manteve aberta durante todo o período da pandemia.

Mesmo durante o período de isolamento, o prédio físico da escola foi muito útil e necessário. Não podemos cair na cilada de pensar que a Educação não precisa do prédio físico para acontecer. É só lembrarmos dos números da Pesquisa TIC Domicílios 2019 e das narrativas dos professores que nos relatou sobre o aumento dos índices de exclusão na escola nesse período de pandemia. Paulo Freire nos belos versos do poema *A Escola é* nos sensibiliza para perceber que a escola é sim o prédio físico, mas sobretudo gente (diretor, coordenador, professor, aluno, funcionário) que se organizou, teve iniciativa social, empatia, autoconfiança e curiosidade para aprender e fazer do espaço físico e virtual, ambientes de aprendizagem (MASSCHELEIN, SIMONS, 2015).

Além disso, no espaço físico da escola, foi possível organizar os itens da merenda escolar<sup>91</sup> para distribuir as famílias beneficiadas pelo Auxílio Brasil<sup>92</sup>, foi possível o contato físico da coordenação da escola com as famílias para retirar e devolver as APC, uma vez que muitos alunos não tinham acesso por meio digital devido à falta de conexão com a internet e até mesmo falta dos artefatos (computador, celular e TV) para conectividade. Diante disso, não podemos desprezar o valor do prédio físico e a importância dele principalmente para os alunos sem acesso as TICs.

---

<sup>91</sup> Foram montadas cestas básicas com os itens da alimentação escolar e distribuídas de acordo com o artigo 21A. “Durante o período de suspensão das aulas nas escolas públicas de educação básica em razão de situação de emergência ou calamidade pública, fica autorizada, em todo o território nacional, em caráter excepcional, a distribuição imediata aos pais ou responsáveis dos estudantes nelas matriculados, com acompanhamento pelo CAE, dos gêneros alimentícios adquiridos com recursos financeiros recebidos, nos termos desta Lei, à conta do PNAE” (Lei nº 13.987 de 07/04/2020)

<sup>92</sup> “O Auxílio Brasil integra em apenas um programa várias políticas públicas de assistência social, saúde, educação, emprego e renda. O novo programa social de transferência direta e indireta de renda é destinado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. Além de garantir uma renda básica a essas famílias, o programa busca simplificar a cesta de benefícios e estimular a emancipação dessas famílias para que alcancem autonomia e superem situações de vulnerabilidade social”. Disponível em <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/auxilio-brasil#legislacao>, acesso em 12 de outubro de 2022.

O professor Wagner viu a escola de 2020 como corajosa e concordamos com ele. Fomos impactados com a declaração da OMS sobre a pandemia da Covid-19, administramos o medo e planejamos estratégias para continuar o trabalho da escola. Foi necessário não só coragem, mas também autogestão, engajamento com os outros, amabilidade, resiliência emocional e abertura ao novo<sup>93</sup>. Vi nas narrativas um pouco de todas essas competências socioemocionais que traduzem muito bem o trabalho dos professores, da equipe técnica e administrativa da escola que dedicaram além da carga horária de trabalho para atender as famílias e alunos. Coragem dos que estavam na escola atendendo presencialmente, manipulando as Atividades Pedagógicas Complementares que passaram por tantas mãos num momento de saúde pública tão preocupante em que o vírus podia ser transmitido pelo contato com o objeto contaminado. Coragem em ver colegas afastados do trabalho por testar positivo para Covid-19 ou por serem do grupo de risco e mesmo assim, os demais continuavam trabalhando. Ouvir/ler/ver noticiários nas mídias ou redes sociais dos números de contaminados e óbitos aumentando, pessoas da família, amigos, conhecidos hospitalizados ou perdendo a vida e ter a coragem para continuar.

A professora Thayna, creio que até sem perceber, utiliza na sua narrativa o advérbio “só” e segue enumerando o que ela entende que a escola foi em 2020. Eu a perguntaria, só? Sim, a escola foi tudo isso (pessoas, professores, alunos, meios, celular/computador) e, inovadora, afetiva, dedicada, persistente, organizada, responsável... Refletindo a etimologia de palavra escola “ocupação, local onde se ensina”, entendemos que o prédio físico não foi ocupado pelos alunos e professores para as aulas presenciais, porém em outros espaços e tempo a escola aconteceu. Para Masschelein e Simons (2015), esse entendimento da escola de local onde se ensina, não faz parte da concepção de escola atual que a vê como ambiente de aprendizagem.

O professor Bruno traz uma reflexão importante na sua narrativa. Ele não se refere a escola como prédio físico e sim as interações que acontecem na escola. E quando pensamos nessas interações elas seriam possíveis no ambiente onde a

---

<sup>93</sup> Competências socioemocionais para o século XXI de acordo com o Instituto Ayrton Senna. As Competências socioemocionais são “características que todas as pessoas possuem, em níveis diversificados, que envolvem a capacidade de mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, valores, atitudes e habilidades para se relacionar consigo mesmo e com os outros, para estabelecer e atingir objetivos, para tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas”. Disponível em <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/guia-educacao-integral-na-alfabetizacao/guia-educacao-integral-na-alfabetizacao-socioemocionais.html>, acesso em 12 de outubro de 2022.

escola aconteceu em 2020. Os professores comentaram que utilizaram o *Google Meet* para as aulas. Olha quanta interação poderia ocorrer nesse local. Relataram que muitos alunos têm o celular e sabemos que eles interagem pelas redes sociais. Poderiam ter troca um com o outro nos momentos de aprendizagem. Mas o corpo a corpo, o dia a dia da escola nos diz muito sobre cada aluno, as expressões, olhares, silêncios, ausências, interações, talentos, conhecimentos e isso nos faz perceber uma escola plural, que também precisamos adaptar as práticas para inserir todos no processo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir uma pesquisa num contexto tão inusitado com quase dois anos (2020 e 2021) de suspensão das aulas presenciais devido a pandemia da Covid-19, onde as relações humanas, atividades de trabalho, estudo e pesquisa aconteceram quase que exclusivamente por meio remoto, foi um desafio gigantesco. Olhar para tudo que foi possível produzir é uma grata satisfação em meio a tantas dificuldades e limitações impostas nesse período.

Para iniciarmos este trabalho tínhamos que definir a questão de pesquisa, produzir o projeto e submeter ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), tudo isso, em meio ao caos da pandemia da Covid-19. O pré-projeto apresentado na época da seleção para o mestrado “O uso de tecnologias digitais para o ensino da matemática: possibilidades indagadas por uma professora de matemática”, tinha como objetivo analisar como as tecnologias digitais podem contribuir para o ensino da matemática. A proposta era desenvolver a pesquisa numa escola específica, com os alunos de uma turma determinada e com a aplicação de uma sequência didática. Devido a suspensão das aulas presenciais, seria complicado fazer a pesquisa. Não poderíamos correr o risco. Não sabíamos até quando permaneceríamos em atividades remotas.

O quanto foi necessário nos adaptarmos e adaptar a pesquisa ao contexto ao qual estávamos atravessando. Quanto a isso, não tivemos nenhuma dificuldade. Eu só pensava que a pesquisa precisava ser relevante, e, naquela ocasião, parecia não fazer sentido pensar algo que não fosse atravessado pela Covid-19. As mídias noticiavam a todo instante que os professores estavam se “reinventando”. Julguei importante registrar na história como esse “reinventar” estava acontecendo.

Com isso, definimos nosso objetivo de pesquisa - compreender os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia de Covid-19, em Campo Grande (MS) e o referencial teórico-metodológico que mobilizaríamos. Entendemos que a História Oral (HO) seria uma metodologia potente, uma vez que ainda não tínhamos produções nessa área.

A História Oral nos permitiu acesso a várias versões da história, não apenas o que foi mobilizado nas práticas diárias, mas também ao que gostariam de ter mobilizado e é carregada de significados mais do que eventos. “A História Oral contribui para que possamos compreender um cenário ou contexto espaço-temporal,

sem defender uma perspectiva de verdade absoluta, uma vez que ela se inscreve não no domínio da veracidade, mas da plausibilidade” (Salandim, Silva, 2020).

Foi por meio da História Oral que produzimos com os cinco professores participantes dessa pesquisa as multiplicidades de histórias aqui relatadas. Mas, essa produção não foi tão simples assim, a começar pelo roteiro. Sua função primordial é disparar a narrativa, mas uma questão central do meu roteiro, que eu gostaria que todos comentassem, “como eles viam a escola em 2020”, o professor Otto não comentou. E o quanto é interessante a finalidade do roteiro, mesmo estando disponível no momento da entrevista, pode acontecer do entrevistado ir para outros caminhos que não necessariamente estão contemplados e com isso o entrevistador pode (re)organizar ou (re)elaborar as questões. Daí a importância de estar atento a narrativa e saber o que e como perguntar. Essa questão não foi perguntada ao professor. Durante as entrevistas, de acordo com a condução da conversa, as questões do roteiro eram (re)elaboradas. Com isso, entendemos que de fato o roteiro orienta a conversa, não engessa o diálogo.

Importante esclarecer que neste trabalho para as gravações das entrevistas que ocorreram por meio do *Google Meet* usamos o gravador do próprio dispositivo e o gravador do celular. A entrevista do professor Wagner foi gravada em dois dias, pois no primeiro dia de gravação esqueci de colocar para gravar desde o início da conversa. Os trabalhos de transcrição e textualização foram demasiadamente exaustivos. Organizar os fatos em ordem cronológica, produzir notas de rodapé e limpar o texto, foi uma tarefa difícil e lenta. As cartas de cessão para uso dos dados produzidos, demoram muito para serem devolvidas, embora os entrevistados tenham feito poucas alterações no texto, o que nos deu uma grata satisfação pelo resultado das textualizações. O professor Bruno, infelizmente, faleceu<sup>94</sup> em 2021 vítima de afogamento numa cachoeira do Estado de Mato Grosso e a carta de cessão dele foi assinada pela esposa. O falecimento foi a causa da demora na devolutiva da carta de cessão. Só fiquei sabendo de sua morte meses depois ao fazer contato com a escola que ele trabalhava em 2020.

Não foi fácil ser professor em 2020 diante de todas as dificuldades impostas pelo isolamento social e as duras críticas da sociedade civil e de políticos dizendo que professores não queriam trabalhar. O mundo foi tomado pelo medo do contágio do

---

<sup>94</sup> Matéria disponível em <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2021/09/04/homem-morre-afogado-na-cachoeira-do-prata-em-juscimeira.ghtml>, acesso em 13 de outubro de 2022.

vírus da Covid-19 e as medidas adotados pelos governos federal, estadual e municipal, eram necessárias para evitar um colapso na saúde pública. A estrutura física da escola, a faixa etária que é atendida e a impossibilidade de manter um certo distanciamento dentro do prédio escolar, inviabilizava totalmente o funcionamento das aulas presenciais. Até certa idade crianças tem sintomas gripais recorrentes, como lidar com isso em meio a pandemia? As medidas de biossegurança adotadas na época foram necessárias, visto que a vacina ainda estava em fase de testes e que as informações sobre o vírus se constituíam diariamente. Os discursos acusatórios aos professores foram desumanos diante de toda dedicação de tempo, estudo e empatia que tiveram para atender da melhor forma que conseguiram os estudantes durante o período de aulas remotas. Não tenho a pretensão de enaltecer o trabalho dos professores, pois eles não são os únicos que merecem reconhecimento diante de tudo que vivemos em especial no primeiro ano da pandemia, mas quero deixar claro o respeito e admiração que esses profissionais também merecem.

Ouvir dos professores participantes desta pesquisa, Alessandra, Otto, Bruno, Thayna e Wagner, um pouco do contexto de cinco escolas do município de Campo Grande (MS) de distintas regiões da cidade, faz entendermos que cada escola opera de acordo com a sua comunidade e que a gestão escolar tem autonomia na condução dos trabalhos desenvolvidos, embora existisse uma preocupação dos professores em seguir as diretrizes da Secretaria de Estado de Educação (SED). Validar o trabalho realizado por meio das Atividades Pedagógicas Complementares (APC) ou por produções de videoaulas e lives, foram preocupações dos professores que de alguma forma registrava esse trabalho, seja por meio do Classroom ou correções físicas das APC.

As práticas relatadas pelos professores não se diferenciaram muito. Todo o movimento a partir da suspensão das aulas presenciais foi no intuito de adaptar a metodologia de trabalho aos novos meios que dispunham. Utilizaram as redes sociais (*WhatsApp, Facebook e E-mail*), os aplicativos da Google (*Google Sala de Aula, Formulário, Jamboard*), o *YouTube* e as Atividades Pedagógicas Complementares (APC) para continuarem o fazer da escola. Ficou evidente a dificuldade que enfrentaram para fazerem essas adaptações, pois tiveram que se apropriar de artefatos que não faziam parte da prática diária, buscando formações e ajuda de outros. Havia pouca participação dos alunos nas atividades *on-line* e nas atividades físicas. No início da suspensão das aulas, tentaram diversas práticas e com o passar

do tempo utilizavam quase que exclusivamente as APC, pois parecia ser a melhor opção para todos os alunos, pelo fato de ser possível retirar o material na escola e trabalhar com ela de forma física. Mesmo assim, não conseguiram evitar que alunos não participassem das aulas na modalidade remota. Muitos ficaram excluídos do processo, não só pelo alto número de alunos que não tinham acesso as mídias digitais, mas também por não conseguirem retirar ou fazer as Atividades Pedagógicas Complementares sem apoio do professor.

Apesar de todas as dificuldades de professores, alunos e famílias, as escolas se produziram em 2020 e parte de 2021 na modalidade remota. O fazer da escola aconteceu por meios tecnológicos e físicos através das Atividades Pedagógicas Complementares (APC). Houve uma adaptação das práticas docentes para atendimento a essas modalidades e mesmo assim, grande parte dos alunos não tiveram acesso a essa escola constituída em 2020, por falta de conectividade e/ou realização das Atividades Pedagógicas Complementares (APC) o que evidenciou e exclusão do aluno dessa escola.

De qualquer forma a escola aconteceu, não como estávamos acostumados, mas como foi possível para aquele momento. O uso do prédio físico para as aulas, embora não tenha sido uma opção para essa modalidade de ensino que operamos em 2020, não deixou de ser essencial para o ano letivo, uma vez que, para muitas famílias o único contato com a escola ocorria de forma presencial. Muitos alunos que não conseguiram participar do ensino não-presencial por falta de acesso as TICs, dificuldades de realizar as APC e/ou falta de apoio das famílias, também fizeram parte da escola que aconteceu em 2020 e ficará registrado na memória de cada aluno as experiências vividas neste ano.

Portanto as narrativas de professores de matemática que atuaram no contexto do ensino remoto emergencial em Campo Grande (MS), nos apresentam uma pluralidade de escolas constituídas em 2020, em espaços e tempos outros, onde professores, alunos e famílias, de acordo com suas limitações, foram se ajustando ao modelo de ensino imposto devido a uma questão de saúde pública. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas neste longo período, a escola não deixou de existir e embora o saber acadêmico não tenha sido acessível a todos os alunos, a sensibilidade diante da situação e a empatia para lidar com as ausências dos alunos foram ímpares neste ano. Dessa forma, pudemos perceber os diferentes modos de se produzir escolas durante o período da pandemia de Covid-19, em Campo Grande (MS). Os

professores adaptaram suas práticas a realidade das comunidades a qual estavam inseridas, com a finalidade de inserir todos na modalidade do ensino remoto, embora essa não tenha sido a realidade das escolas.

Assim sendo, houve uma preocupação dos professores com a aprendizagem dos alunos neste ano de 2020, visto que as adaptações realizadas para a modalidade do ensino remoto não atingiram a todos os estudantes. Mas também, entendem as limitações de cada um deles e carregam o sentimento de que precisam ajudá-los a recuperar o tempo “perdido” de 2020.

Ao logo do texto trouxe algumas perguntas que me ajudaram a pensar a pesquisa, as quais não tínhamos a pretensão de responder. Elas, no entanto, são interessantes e podem disparar frentes de trabalhos futuros e enfatizam a complexidade das relações que se estabelecem quando voltamos o olhar para a escola e para as falas dos professores que habitam esse lugar.

Sendo assim, podemos nos perguntar qual foi a função da escola em dois mil e vinte ou como as relações na escola se mantiveram? Podemos perguntar ainda como foi possível atender a todos os estudantes, uma vez que nem todos se encaixaram em uma das estratégias adotadas durante o contexto pandêmico? E mesmo se não estivéssemos em um período pandêmico, será que todos os planejamentos são exequíveis e todos os alunos aprendem da mesma forma? Estas e outras perguntas que aparecem ao longo do texto podem ser temas para novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- A Traição das Imagens de René Magritte** (Isto Não é um Cachimbo). Arte & Artistas. 8 de outubro de 2017. Disponível em <https://arteeartistas.com.br/a-traicao-das-imagens-de-rene-magritte/>. Acesso 19 de junho de 2022.
- BARBERIA, L. G; CANTARELLI, L. G. R; SCHMALZ, P. H. S. **Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiros durante a pandemia do COVID-19. As políticas de Ensino à Distância no Brasil, 2020**, 38 p fl.  
URL: <http://fgvclear.org/site/wp-content/uploads/remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-diagramado-1.pdf>, Acesso em 17 de junho de 2022.
- Dicionário on-line de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/adaptar/>, acesso em: 8 de fevereiro de 2022).
- SANTOS, Diel. Fechamento de 2020: para repensar a forma de avaliar. **Revista Nova Escola**, 25 de novembro de 2020. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/19955/fechamento-de-2020-para-repensar-a-forma-de-avaliar>, acesso em 17 de junho de 2022.
- DOS SANTOS, E.; LIMA, I. DE S.; DE SOUSA, N. J. “Da noite para o dia” o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 5, n. 16, p. 1632-1648, 29 dez. 2020.
- DUSSEL, Inês. **Isto não é uma escola ou é? Reflexões sobre o escolar em tempos de pandemia**. Anped Nacional. Youtube. 29 de abril de 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=2303&v=7qRxFsuN4AA&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?time_continue=2303&v=7qRxFsuN4AA&feature=emb_title). Acesso 23 de junho de 2020.
- DUSSEL, I. Sobre a precariedade da escola. **Elogio da escola** / organização Jorge Larrosa; tradução Fernando Coelho -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, pág 87-111. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)
- DUSSEL, I; CARUSO, M. **A Invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. Tradutora Cristina Antunes. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- FAVERE, Juliana de; AUGSBURGER; Luiz Guilherme; RIBEIRO, Danilo Stank; PREVE, Ana Maria Hoepers. Resenha do livro “Em defesa da escola: uma questão pública”. **Revista PerCursos.Florianópolis**, v. 17, n. 35, p.246 –252, set./dez. 2016.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999, 20ª ed. p. 162-194.
- FREIRE, Paulo. A escola, Nova Escola, N. 163, Jun-Jul,2003.

GARCÍA, Sérgio Goméz. **Ceci n'est pas une école**. El. Diário. 10 de abril de 2020. Disponível em [https://www.eldiario.es/aragon/elprismatico/Ceci-nest-pas-une-ecole\\_6\\_1015308462.html](https://www.eldiario.es/aragon/elprismatico/Ceci-nest-pas-une-ecole_6_1015308462.html). Acesso 19 de junho de 2022.

GARNICA, A. V. M.; GOMES, M. L. M. **História oral: diversidade, pluralidade e narratividade em educação matemática**. In: Gonçalves, H.J.L. (Org.). Educação Matemática e Diversidade(s). 1ed.Porto Alegre (RS): Editora Fi, 2020, v. 01, p. 15-40.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetiké**. CEMPEM-Unicamp, Campinas, v.11, n.19, p. 09-55, 2003.

GARNICA, A. V. M. **História Oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa**. História Oral (Rio de Janeiro), v. 18, p. 35-53, 2015.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N. e SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática (BOLEMA)**, n. 41, p. 213-250, 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação enquanto mediação. Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista**. 45ª ed. Porto Alegre, Mediação, 2003.

IBGE. 2018. **“Sistema de contas regionais: Brasil: 2018 / IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Coordenação de Contas Nacionais.”**. Rio de Janeiro. available at: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101765>.

IBGE. 2020. **“Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD COVID19.”**. available at: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>.

INEP. 2019. **“IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.”**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. available at: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 1. ed. Campinas: Papirus, 2007.

LUDOVICO, F.M.; MOLON, J; FRANCO, S. R. K.; BARCELLOS, P. S. C. C. Covid-19: desafios dos docentes na linha de frente da educação. **Revista Interfaces Científicas: educação**. Aracaju, SE. Vol. 10, n. 1 (2020), p. [58-74].

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e escrita. Signótica**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 119–146, 2009. DOI: 10.5216/sig. v9i1.7396. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten; tradução ANTUNES, Cristina. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

MARIA EDNÉIA MARTINS SALANDIM, M. E. M. S.; KARINA APARECIDA DA SILVA, K. A. DA S. Quem conduz a narração é o ouvido: mobilizações da História Oral na Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 12, n. 29, p. 402-412, 21 dez. 2019.

NACARATO, A. M.; PASSOS, C. L. B.; SILVA, H. Narrativas na pesquisa em Educação Matemática: caleidoscópio teórico e metodológico. **Boletim de Educação Matemática (Bolema)**, v. 28, n. 49, p.701-716, 2014.

NÓVOA, Antônio. **A Educação em tempos de pandemia** (Covid-19 / Coronavírus), 06/04/2020. Sindicato dos Professores Municipais de Novo Hamburgo. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i\\_Dpflo](https://www.youtube.com/watch?v=FNF7i_Dpflo). Acesso 19 de junho de 2022.

NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1998.

PHILIPPI, Carolina Cechella. **Isso não é uma escola**, 10/07/2020. Tricontinental. Disponível em <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/isso-nao-e-uma-escola/>. Acesso 19 de junho de 2022

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**/ [tradução Ricardo Santhiago] – São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RABELO A. O. **A importância da investigação narrativa na educação**. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 32, n. 114, p. 171-188, jan.- mar. 2011.

RODRIGUES, T. D. Mecanismos do poder disciplinar na escola: alguns apontamentos. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 11, n. 26, 28 fev. 2019.

SALANDIM, M. E. M, SILVA, K. A. Quem conduz a narração é o ouvido: mobilizações da História Oral na Educação Matemática. **Revista Perspectivas da Educação Matemática**, volume 12, número 29, 2019.

SALANDIM, M. E. M, SILVA, K. A. Entre Facas e Motosserras: problematizando práticas de pesquisa com História Oral. **Revista Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20039, 2020.

SCHMIDT, B.; PALAZZI, A.; PICCININI, C. A. **Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19**. REFACS, Uberaba, MG, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/4877/pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2022. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v8i4.4877>.

SILVA, C. R. M. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em ciências e matemática em Mato Grosso do Sul**. Tese de Doutorado (Educação Matemática). 369 fls. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências Exatas. Rio Claro, 2015.

SILVA, M. S; SILVA, H. Movimentos das Narrativas na Educação Matemática Brasileira e o Lugar da História Oral. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 10, p. 161-179, jan./abr. 2019.

SILVA, C.R.M. da; GARNICA, A. V. M. **A História Oral como metodologia qualitativa de pesquisa em Educação Matemática: considerações à luz das práticas de um grupo de pesquisa**. In: BICUDO, M.A.V.; COSTA, A.P. (Org.). *Leituras em Pesquisa Qualitativa*. 1ed.São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019, v. 01, p. 145-160.

SOUZA, L. A. (2011). **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. Tese de Doutorado em Educação Matemática – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

**TIC Domicílios**. 2019. <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2019/domicilios/A4>.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TONUCCI, Francisco. **Não vamos perder esse tempo precioso dando lições de casa**. Diário El País. Abril de 2020. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2020-04-11/francesco-tonucci-no-perdamos-este-tiempo-precioso-dando-deberes.html>. Acesso em: 23 maio 2021.

VERDASCA. J. A escola em tempos de pandemia: narrativas de professores. **Saber & Educar**, 2021 - revista.esepf.pt.

## APÊNDICE A

### Roteiro para Entrevista

Olá, minha pesquisa tem como objetivo compreender, os diferentes modos de se produzir escolas, durante o período da pandemia Covid-19, no município de Campo Grande (MS). E é sobre isso que eu gostaria de conversar com você.

Fiz um roteiro com algumas questões, mas sinta-se à vontade para falar o que te deixar mais confortável.

#### 1) Apresentação:

Gostaria que você fizesse uma introdução falando um pouco sobre você e sobre como você deseja ser apresentado aos leitores da pesquisa.

#### 2) Formação:

Fale sobre sua formação.

Como você se constituiu/constitui professor?

Sua trajetória. (Educação Básica, Graduação, Pós, Cursos de Formação)

#### 3) Atuação profissional:

Fale um pouco sobre sua atuação

Há quanto tempo é professor?

Quais escolas trabalhou?

Há alguma experiência específica que queira compartilhar conosco?

#### 4) Atuação profissional na pandemia Covid-19:

Me conte como foi essa experiência.

**a)** Como você estrutura suas aulas normalmente (antes da pandemia) (currículo, metodologia, avaliação)?

**b)** Como é normalmente a sua interação com os alunos? Como era antes da pandemia?

**c)** As aulas no estado foram suspensas a partir do dia 23/03/2020, quais as medidas adotadas na sua escola nesses primeiros dias? Como a escola e os professores se organizaram? Como você organizou a sua dinâmica de trabalho?

**d)** Como ficou a organização do seu trabalho a partir das sucessivas prorrogações de suspensão de aulas? Havia expectativa de que voltariam as aulas presenciais? Ou a rotina de trabalho foi repensada para atender os alunos remotamente?

**e)** Ninguém esperava a suspensão das aulas presenciais, eu queria saber como foi pra você, como você se sentiu e o que precisou mobilizar para dar conta de continuar o trabalho?

**f)** Você já tinha computador, internet na sua casa?

**g)** Como foi a interação com os alunos durante a pandemia?

- Era o seu primeiro ano com eles? Já os conhecia? Já trabalhava na escola, na rede, ou era o primeiro ano?

- Eles se mostraram protagonistas? Eram frequentes? Faziam as atividades propostas?

**h)** Como você vê seus alunos? Julga que eles têm acesso a tecnologias digitais (celulares, notebooks, computador, televisão), acesso à internet, a redes sociais?

**i)** Você participou de alguma formação nesse período para contribuir com o seu trabalho? Quais formações a escola ofertou para os professores?

**j)** Quais as experiências e percepções docentes perante a migração de suas aulas do contexto presencial para o remoto devido à pandemia da COVID-19?

**k)** Quais recursos tecnológicos tem na escola? Como é o uso desses recursos pelos professores? Você tinha o costume de utilizar alguma tecnologia digital nas aulas?

**l)** Como você avalia a forma como está sendo o trabalho dos professores e escolas nesse período de pandemia?

**m)** Como você vê a escola hoje, em 2020?

## **5) Outras questões**

Deseja nos contar sobre algo que não foi dito e que julga importante para a pesquisa?

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) da pesquisa Narrativas de professores de Matemática que atuaram no contexto do ensino remoto em Mato Grosso do Sul que tem como objetivo compreender, os diferentes modos de se produzir escolas, durante o período da pandemia Covid-19, no estado de MS.

O projeto de pesquisa consiste em conversar com professores que atuaram na Educação Básica em escolas públicas de MS para, através de entrevistas orais, falarem livremente a respeito de sua atuação durante o período da pandemia. Essas entrevistas poderão ser agendadas pelos professores em dia e locais que se sentirem à vontade ou de acordo com a sugestão do pesquisador. Para cada entrevista será destinado um tempo médio de 60 minutos que poderá ampliado ou reduzido de acordo o interesse dos participantes e fluidez da entrevista. As entrevistas poderão acontecer presencialmente respeitando todos os protocolos de segurança para Covid-19, assim como pelo Google Meet, uma ferramenta de comunicação digital. Ambas as formas de entrevistas serão gravadas, seja por voz ou por imagem, ou ambas. As gravações ficarão de posse do pesquisador e serão utilizadas para a transcrição e textualização das narrativas e posterior validação do entrevistado que terá total liberdade para permitir a publicação da entrevista, retirar partes dela, assim como, acrescentar outras informações que julgar necessárias. Os participantes podem optar pela não identificação, se assim desejarem, e a publicação da entrevista só será realizada após a autorização por escrito do depoente.

Durante a produção da pesquisa, o participante além de narrar sobre suas experiências e afetações durante esse período de pandemia, terá acesso a pesquisa concluída para possa visualizar através das narrativas dos outros participantes como a escola foi se constituindo durante a Covid-19. Olhar para o contexto da escola durante essa pandemia nos ajudará a pensar em outras possibilidades de ensino e aprendizagem ainda que nesse período pandêmico e até mesmo após tudo isso.

Os riscos ao aceitar participar da pesquisa são mínimos. Pode haver um certo desconforto durante a entrevista e/ou se sentir constrangido(a) ao falar algo. Pode ocorrer também de falar algo durante a entrevista que se arrependa posteriormente. Para minimizar os riscos, deixaremos que a entrevista flua livremente e o sujeito à

vontade para falar somente o que desejar. Quanto as gravações, o sujeito pode não autorizar o uso de qualquer parte e/ou reconstruir a fala caso julgue necessário.

O benefício para o participante que aceitar participar da pesquisa, será sua contribuição na constituição de fontes históricas que retratam o contexto da escola nesse período de pandemia Covid 19 a partir de suas narrativas.

Imprevistos tais como remarcação de entrevistas, a necessidade de ouvir novamente o entrevistado ou falha do equipamento de gravação são fatíveis e para evitá-los, tomaremos todos os cuidados. O agendamento da entrevista será realizado mediante a consulta a agenda do pesquisador e participante, com significativa antecedência. Utilizaremos mais de um dispositivo para gravação para garantir o registro do áudio. O roteiro da entrevista é semiestruturado o que implica que os entrevistados podem ficar à vontade para falar ou não sobre os temas apresentados pelo entrevistador.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, você tem direito de:

1. Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade (todos os documentos e dados físicos oriundos da pesquisa ficarão guardados em segurança por cinco anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta).
2. Assistência durante toda pesquisa, bem como o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois da sua participação. Informo que, sua participação não proverá qualquer incentivo financeiro.
3. Recusar a participar do estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar o porquê deseja sair da pesquisa.
4. Procurar por indenização, conforme determina a lei, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo.
5. Procurar esclarecimentos com a pesquisadora, Silviane de Queiroz Caixeta Christian Ramos, por meio do número do celular (67) 99986-9305 ou e-mail silviane3lf@gmail.com, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.
6. Caso deseje ter mais informações, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da UFMS através do site <https://cep.ufms.br/>, por telefone (67) 3345-7187, e-mail [cepconep.propp@ufms.br](mailto:cepconep.propp@ufms.br) ou na Av. Costa e Silva S/N, Cidade Universitária, Pioneiros, CEP 79070-900, se achar que a pesquisa não

está sendo realizada da forma como foi proposta ou que se sinta prejudicado (a) de alguma forma, ou se desejar maiores informações sobre a pesquisa.

Campo Grande, MS, \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Professor pesquisador

**APÊNDICE C**

## Carta De Cessão

Eu, \_\_\_\_\_(nome),  
\_\_\_\_\_ (estado civil), \_\_\_\_\_ (documento de  
identidade), \_\_\_\_\_ (CPF), residente à  
\_\_\_\_\_(rua), \_\_\_\_\_ (nº),  
\_\_\_\_\_ (bairro),  
\_\_\_\_\_(CEP), \_\_\_\_\_ (cidade),  
\_\_\_\_\_ (UF), declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha  
entrevista gravada em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, para Silviane de Queiroz  
Caixeta Christian Ramos, usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos  
ou citações, desde a presente data.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de  
cessão, subscrevo a presente.

Campo Grande, MS, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Depoente